

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

SIMONE ARESTIDES DE LIMA

Geração REUNI: A participação juvenil no movimento estudantil na Universidade Federal de Alagoas –UFAL.

Maceió
2013

SIMONE ARESTIDES DE LIMA

Geração REUNI: A participação juvenil no movimento estudantil na Universidade Federal de Alagoas –UFAL.

Dissertação apresentada ao Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof.º Drº Breitner Tavares.

Maceió
2013

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

L732g Lima, Simone Arestides de.
 Geração REUNI : a participação juvenil no movimento estudantil na
Universidade Federal de Alagoas - UFAL / Simone Arestides de Lima. – 2013.
 128 f. : il.

Orientador: Breitner Luiz Tavares.
Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de
Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em
Sociologia. Maceió, 2013.

Bibliografia: f. 107-110.
Anexos: f. 111-128.

1. Movimento estudantil. 2. Estudantes – Participação política.
3. Juventude – Mobilização social. 4. Universidade Federal de Alagoas –
Movimento estudantil. I. Título.

CDU: 316.354:323.2-053.6

SIMONE ARESTIDES DE LIMA

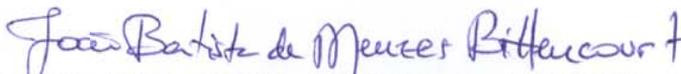
Geração REUNI: A participação juvenil no movimento estudantil na Universidade Federal de Alagoas –UFAL.

Dissertação apresentada ao Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

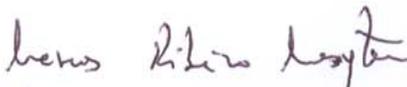
BANCA EXAMINADORA



Prof.º Dr.º Breitner Luiz Tavares (UFAL/UnB)
Orientador



Prof.º Dr.º João Batista de Menezes Bittencourt (UFAL)
Membro interno



Prof.º Dr.º Marcos Ribeiro Mesquita (UFAL)
Membro externo

Dedico este trabalho:

À minha família, principalmente a meus pais que sempre me incentivaram e acreditaram em mim.

Ao meu amor que sempre esteve ao meu lado nos momentos de dúvidas e certezas.

AGRADECIMENTO(S)

Gostaria de agradecer especialmente:

Ao meu orientador Breitner Tavares por ter sido meu “guia” nesta “aventura”.

Aos militantes do movimento estudantil, pela defesa e dedicação aos seus ideais. Em especial, aos membros do DCE- UFAL Quilombo dos Palmares, que gentilmente me receberam.

A pessoa do Lucas, quem me abriu as portas da entidade e se mostrou sempre prestativo.

Ao Raony, com quem pude contar sempre que precisei.

Ao Vitor, por seus esclarecimentos, solicitude e alegria.

A Mona, por representar a força e a delicadeza da mulher no movimento.

Aos meus queridos colegas do mestrado, sobretudo, aos amigos que fiz nesta jornada: Alessandra, Eden, Mary Vania e Tâmara.

Aos professores por contribuírem tão valiosamente para o acréscimo em meus conhecimentos.

Ao Gilnison, secretário da pós, pela paciência e presteza em atender nossas dúvidas e pedidos, agradeço imensamente pela força recebida em um momento de dificuldade.

RESUMO

Este trabalho procurou focalizar a participação política juvenil em movimentos associativos dotados de interesses coletivos. Para tanto, foi escolhido o movimento estudantil universitário pertencente à Universidade Federal de Alagoas, UFAL, por perceber neste espaço, a possibilidade de encontrar o objeto deste trabalho. Nesta pesquisa, investigamos os motivos pelos quais os jovens/estudantes adentram ao movimento estudantil, quais as principais formas de atuação, desafios e bandeiras defendidas. Outro fator importante deste trabalho foi o levantamento da trajetória histórica do movimento no Brasil, no exterior e em Alagoas, demonstrando assim suas contribuições a estas sociedades.

Palavras- chave: Estudante. Juventude. Movimento estudantil. Participação.

ABSTRACT

This work focused on the youth policy participation in associative movements with collective meaning. For both, was chosen the University student movement in the Federal University of Alagoas, UFAL, by realizing this, the possibility of finding the object of this work. In this study, we investigated the reasons why young people/students entering the student movement, which the main forms of action, challenges and flags defended. Another important factor was the lifting of the historical trajectory of the movement in Brazil, abroad and in Alagoas, thus demonstrating their contributions to these societies.

Keywords: Student. Youth. Student movement. Participation.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	10
2- A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NOS CONTEXTOS, INTERNACIONAL, NACIONAL E LOCAL – RECORTE ENTRE AS DÉCADAS DE 60 A 80.....	20
2.1 O movimento estudantil internacional – Questões, desafios e influências.....	24
2.2 O movimento estudantil nacional entre os anos 60-80 – Ações e perspectivas	34
2.3 A trajetória do movimento estudantil na UFAL entre 60 a 80 – Atuação e principais bandeiras	41
3- O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA ATUALIDADE – RECORTE SOBRE A ATUAÇÃO E BANDEIRAS NO ATUAL CENÁRIO POLÍTICO-SOCIAL.....	48
3.1 Movimento estudantil- novo contexto, novos desafios	49
3.2 Mobilização e atuação – As novas bandeiras e desafios do movimento estudantil contemporâneo.....	52
3.3 O movimento estudantil na UFAL – Fazendo história.....	54
3.3.1 As ocupações de Reitoria e outros protestos – A influência do REUNI na ação do movimento na UFAL.....	54
3.3.2 O <i>passé livre</i> e as mobilizações contra o aumento da passagem do transporte coletivo.....	61
3.3.3 O movimento estudantil na luta por segurança.....	65
3.3.4 O apoio à greve dos professores.....	69
3.3.5 A criminalização do movimento estudantil e a coerção de suas ações.....	72

3.3.6 Cultura e promoção de eventos – Uma alternativa à militância.....	75
3.4 Um olhar sobre atuação do novo movimento estudantil	79
4- SUBJETIVIDADE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA- A AGÊNCIA DOS JOVENS MILITANTES NO CONTEXTO ATUAL.....	84
4.1 Motivações para a militância – O que leva os jovens/estudantis ao engajamento no movimento estudantil.....	84
4.2 Os desafios à militância.....	93
4.3 Subjetividade e participação política de jovens sob outros pontos de vista.....	95
5- CONCLUSÃO.....	100
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS.....	110
Anexo A-Notas publicadas pelos manifestantes sobre a ocupação da Reitoria em 2007.....	111
Anexo B-Fotos das atividades do DCE.....	118
Anexo C-Roteiro de perguntas feitas aos militantes do DCE- UFAL.....	120

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Momento da entrada ao prédio da Reitoria pelos estudantes, após assembleia que decidiu pela ocupação.....56**
- Figura 2- Ocupação da Reitoria no Campus UFAL por estudantes e professores de Viçosa58**
- Figura 3 – Situação do campus na época da paralisação.....61**
- Figura 4- Protestos dos estudantes contra o aumento da tarifa de ônibus.....63**
- Figura 5- Manifestantes reunidos na Câmara de Veradores de Santana do Ipanema.....66**
- Figura 6- Manifestação de estudantes, professores e técnicos, concentrados em frente ao antigo Produban, na Rua do Comércio.....71**
- Figura 7- Show da calourada UFAL 2012.1.....76**
- Figura 8- Bloco dos SEM em seu primeiro ano no carnaval de 2011, no Jaraguá.....77**

1 INTRODUÇÃO

No senso comum é recorrente ouvirmos frases como: “os jovens são o futuro de nossa sociedade” ou, “os jovens são o nosso amanhã”. Ao refletirmos sobre estas frases e outras similares, indagamos: Por que o futuro? De qual futuro estão falando? A questão que nos vem à mente é de que o jovem é considerado um ser incompleto, imaturo, portanto, incapaz de oferecer algo à sociedade. A mesma sociedade que cuida e o prepara entre a infância e juventude, sua fase de transição à vida adulta, espera algo em troca. Então, continuamos a perguntar: será que, para nossa sociedade só é possível “colher frutos” do jovem em seu futuro? Neste caso, quando este não for mais jovem, quando for um adulto, somente então será capaz de realizações? Somente adulto o jovem poderá ser capaz de defender ideologias, lutar por suas crenças, modificar seus ambientes, pois terá maturidade, formação profissional e/ou ocupará uma vaga no mercado de trabalho para tal? Os questionamentos acima levam-nos a pensar sobre o que se espera e o que se pensa da pessoa jovem.

Ao participarmos do Encontro da Associação Latino Americana de Sociologia (ALAS) em setembro de 2011 em Recife-PE, duas participações nos chamaram a atenção. Uma era de um estudante chileno militante do movimento estudantil; a outra de uma especialista sobre juventude que participava de uma conferência, infelizmente não temos o nome da pesquisadora. Ambos falavam sobre o papel social do jovem e os dois destacavam sua importância como agente transformador de sua realidade na sociedade, tendo obrigações para com a mesma e para com a universidade. Portanto, o hoje, o agora, não precisando esperar o amanhã, por um futuro incerto. Isto respondeu nossas dúvidas.

Ademais, de acordo com Bourdieu (1983) a juventude é só uma palavra, segundo o autor: “(...) a juventude e a velhice não são dados, mas construções sociais na luta entre os jovens e velhos. Para ele, as relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas” (1983, p113). Um exemplo desta situação pode ser dado pela diferença de classe social. Indivíduos da mesma idade, pertencentes a contextos socioeconômicos distintos, recebem denominações diferentes. No caso daqueles que apenas estudam, pois a família possui condições materiais de sustentá-los, espera-se um tempo maior para a inserção dos mesmos no mercado de trabalho, então, estes são denominados “adolescentes”. Em

contrapartida, aqueles que possuem uma condição econômica menos favorável e precisam trabalhar, são definidos como “jovens” (BOURDIEU, 1983). Neste exemplo, o autor mostra como é forte a influência social na construção de conceitos e definição de papéis. Ainda sobre este exemplo, o fator econômico aparece como preponderante a esta nomeação, bem como, outros tipos de “rotulações”, as quais não serão aprofundadas neste trabalho.

Os estudos sobre juventude apresentam diferentes visões e nos trazem diferentes perfis juvenis. Martta (2004) é uma estudiosa do assunto, usando a perspectiva psicanalítica, esta autora identifica a juventude atual vivenciando uma fase de “crise”, ocasionada pela dificuldade em assimilar valores, pela perda de referências importantes as quais têm interferido na formação da consciência cidadã, abrindo espaço para a inconsequência.

Schneider (1987) é mais uma autora a estudar a juventude, no entanto seu enfoque refere-se ao envolvimento de jovens com a delinquência e marginalidade, a mesma buscou explicar os motivos que levam os jovens a praticar delitos.

As bibliografias acima, Martta (2004) e Schneider (1987) são exemplos de vieses pelos quais a juventude é investigada. As constatações as quais estas pesquisas levaram, trouxeram como resultado, entre outras características, um quadro de jovens direta ou indiretamente envolvidos com a violência, a crise no comportamento juvenil, a recusa de valores das gerações anteriores, a rebeldia, que não é desta década, pois Platão já dizia: “De todos os animais selvagens, o homem jovem é o mais difícil de domar”.

Mudando o foco acima para a ação juvenil e o envolvimento em grupos, historicamente temos diferentes reações juvenis ao modelo vigente de sociedade, bem como, diferentes exemplos de envolvimento juvenil em grupos. Insistimos em dizer que as ações e posturas são variadas, podendo ser conservadoras, progressistas, revolucionárias, muitas vezes, tomadas como delinquência pela sociedade. Como exemplo dos mais variados tipos de grupos e ações juvenis, Groppo (2000) faz uma retrospectiva entre os séculos XVIII e XX buscando explicar determinadas ações juvenis. O mesmo encontrou tipos de juventudes que de alguma forma marcaram suas épocas, sendo estes tipos produtos de suas sociedades, possuindo características e atitudes moldadas por seu contexto social, portanto, reagindo de forma ambígua. Ao mesmo tempo em que são criação, também são reação ao modelo social de suas épocas.

O autor acima abordado é utilizado aqui como referência à historicidade da participação juvenil nos mais variados grupos, compartilhando visões de mundo, recriando

valores, formados por seu contexto social e político, reagindo a ele, seja com posturas, conservadoras ou revolucionárias.

Neste trabalho procurou-se mostrar a participação política de jovens, a partir do envolvimento com grupos associativos, cujos membros possuam interesses comuns e que, sobretudo, ressaltassem sua preocupação com a coletividade, ainda que para uma realização pessoal, estes, defendam causas consideradas justas e/ou que tragam benefícios às suas comunidades/sociedades. Sendo esta nossa principal motivação para a escolha do tema. Pensando onde encontrar este perfil, escolhemos o movimento estudantil na Universidade Federal de Alagoas como nosso objeto de estudo, tendo, neste caso específico, como principal objetivo, focalizar a participação política de jovens/estudantes dentro do movimento estudantil, realçando a importância destes membros na formação de um todo, o somatório de forças destes na luta por reivindicações consideradas justas e a continuidade do movimento. Também tivemos como objetivos compreender as motivações para a adesão por parte dos estudantes ao movimento estudantil, ou, o engajamento em grupos que o formam; levantar as bandeiras defendidas na atualidade e destacar as principais formas de atuação.

Sabendo que, sobre o movimento estudantil alagoano, há apenas uma única bibliografia: *A mitologia estudantil*, sob a autoria do professor Dr^o Alberto Saldanha; e, sobretudo, conhecendo a importância do movimento estudantil para a história de nosso país e estado, fortaleceu nosso interesse em trazer informações atuais sobre o mesmo, visto que, o trabalho acima citado compreende as décadas de 60 a 80, portanto, dentro de outro contexto sociopolítico. A partir disso, não tivemos dúvida de qual seria nosso objeto de estudo.

Dentro da reflexão sobre a participação dos jovens no movimento estudantil alagoano na atualidade, formulamos o seguinte questionamento: Quais motivações levam os jovens/estudantes a adentrarem ao movimento estudantil? A partir desta questão, verificamos: a) se o contexto sociopolítico interferiria na realidade acadêmica dos estudantes e, assim influenciaria na decisão de fazer parte do movimento estudantil; b) se este mesmo contexto determinaria a formulação de bandeiras do movimento e a forma de atuação deste, c) por fim, se por meio da imposição de uma dada realidade ou um dado contexto sociopolítico, este fator impulsionaria para a tentativa de transformação desta realidade, inicialmente criticada e negada pelos militantes.

Quando nos remetemos ao movimento estudantil o jovem ator recebe a denominação estudante, portanto este trabalho irá referi-lo, na maioria das vezes, como jovem/estudante, fundindo as duas categorias por trabalhar com as temáticas juventude e movimento estudantil de forma interdependente, não querendo excluir uma ou outra denominação na composição

do texto. O termo militante também aparece constantemente no texto, pelo papel social desempenhando pelos atores aqui abordados.

Para a realização da pesquisa e delimitação do objeto, foi feita *observação participante* junto ao Diretório Central dos Estudantes (DCE), gestão Correnteza. Esta gestão compreende os anos de 2011 a 2012. Entendendo-sea referida entidade como ponto central do nosso objeto de pesquisa, sendoa mesma formada por grupos diferentes, cujos membros ocupam posições proporcionais dentro da entidade, segundo os critérios de escolha da direção por meio de eleições. O DCE também é responsável por convocar, reunir e informar os demais segmentos de movimento estudantil na UFAL, sendo eles institucionalizados ou não e demais estudantes. Sobre o método escolhido, sabemos que: “A observação direta ou participante é obtida por meio do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, para colher as ações dos atores em seu contexto natural, a partir de sua perspectiva e seus pontos de vista” ou, “A atitude participante pode ser caracterizada por uma partilha completa, duradoura e intensiva da vida e da atividade dos participantes, identificando-se com eles, como igual entre pares, vivenciando todos os aspectos possíveis de suas vidas, das suas ações e dos seus significados” (CHIZZOTTI, 2005, p. 90), consideramos este método fundamental para esta pesquisa. Neste sentido, foram acompanhadas diversas atividades dos membros do DCE, sendo elas: reuniões, uma viagem para reunião com membros da UFAL no interior, manifestações, eventos.

A partir do contato com um dos membros do DCE, houve a inserção no grupo. Desde então, convites a participar de reuniões e eventos ocorriam. Em cada contato, a aproximação com os militantes acontecia gradualmente, números de telefones eram trocados, páginas nos sites de relacionamentos. Estas atitudes facilitaram a manutenção do contato, a obtenção de informações e a tirada de dúvidas. A presença da pesquisadora no local era bem aceita e os objetivos para tal eram conhecidos pelo grupo, jamais foi ocultado qualquer esclarecimento sobre os objetivos desta pesquisa. Após a presença no local e as observações feitas, eram feitos relatórios manuscritos contendo as impressões e as informações apreendidas.

Durante os encontros, tendo aproximações com os militantes estabelecidas, as entrevistas transcorriam “naturalmente”, assim o dizemos, pois as perguntas eram introduzidas através de diálogos, feitas em tom informal com o objetivo de responder as indagações levantadas por esta pesquisa. Este método de investigação pode ser classificado, segundo Chizzotti (2005) como entrevista *não-diretiva ou abordagem clínica*, ou seja: “ (...) é uma forma de colher informações no discurso livre do entrevistado” (p.92). Desta forma, os discursos dos estudantes não eram induzidos ou não contavam com respostas prontas. No

entanto, a pesquisa também conta com três entrevistas diretivas ou *dirigidas* (CHIZZOTTI, 2005) feitas a título de aprofundar as questões aqui abordadas, obtendo assim, respostas mais direcionadas aos objetivos deste trabalho.

O início do trabalho de campo estava previsto para o começo do segundo semestre de 2011, porém, em virtude do período de eleições para a nova gestão do DCE e da fase de transição entre as gestões, só foi possível iniciar em dezembro de 2011 com a participação da solenidade de posse da nova direção. Esó foi finalizado, por motivo de escassez de tempo para a conclusão da pesquisa, em maio de 2012 no acompanhamento da reunião convocada pelo DCE na Tenda Cultural, com representantes dos segmentos de movimento estudantil, Ca's, Da's e demais estudantes para discutir entre outros assuntos, a greve dos professores.

A internet também contribuiu para a realização desta pesquisa, sendo uma ferramenta atual e rápida de consultas. Através do blog do DCE foi possível acompanhar a agenda dos eventos e o que estava sendo discutido, ver os conteúdos postados, as propostas de ações e eventos, a mobilização dos estudantes, convocatórias. No blog do DCE, todas as atividades são publicadas, sejam elas, exclusivas do DCE e movimento na UFAL ou atividades realizadas em colaboração com outros movimentos ou associações, bem como moções de apoio, cartas de repúdio, relatorias das atividades e fotos dos eventos.

As redes sociais foram muito importantes para o desenvolvimento do trabalho. Pelofacebook pessoal de alguns militantes, por exemplo, eram travados diálogos através dos bate-papos, muitas dúvidas surgidas no transcorrer da pesquisa eram tiradas desta forma, além dos convites para os eventos que eram recebidos por esta via. Pela página do grupo Correnteza (facebook), usada pelos membros do DCE era observado tudo o que acontecia ou estava sendo organizado e proposto através das postagens dos membros, algumas vezes, comentávamos as publicações ou tirávamos dúvidas sobre datas, temas de eventos, entre outros. Além do blog e do grupo Correnteza, o DCE possui página própria no Facebook, a mesma também foi consultada.

Outro auxílio da internet diz respeito à divulgação da ação do movimento através de blogs específicos, como o blog da ocupação, criado para divulgar as ocupações de Reitoria em 2005 e 2007, motivos, reivindicações e negociações com o Reitor(a) através de notas¹, além das fontes jornalísticas consultadas que divulgavam as notícias sobre as ações do movimento estudantil, o que foi muito útil para obtenção de informações referentes aos

¹ Ver anexo.

meses anteriores ao início do trabalho de campo ou sobre os eventos que, por motivo de força maior, não puderam ser acompanhados.

Os métodos utilizados foram de extrema importância e eficiência para a apreensão de elementos que compõem este trabalho. Através dos mesmos foi possível se ter informações de forma objetiva e satisfatória, fato que contribuiu de maneira satisfatória para sua conclusão.

O corpo dos capítulos é composto, em sua maioria, por bibliografias e dados que tratam do movimento estudantil no exterior e em várias partes do Brasil. Contudo, o conteúdo procurou enfatizar especialmente Alagoas, que é nosso foco. As demais localidades servem de comparação, não sendo possível descartá-las, visto que, há semelhanças e particularidades entre elas que merecem ser destacadas.

O trabalho aborda a trajetória do movimento estudantil a partir de um breve levantamento histórico de sua atuação ao longo de décadas, suas principais bandeiras e desafios no passado e na atualidade, estratégias de ação, no caso das manifestações públicas, caminhadas e as famosas ocupações de Reitoria, menciona a recorrência à internet como atual instrumento de informação e mobilização utilizado frequentemente pelos movimentos estudantis na atualidade.

Dentro destas manifestações do movimento estudantil, que não ocorrem sozinhas, nem por acaso, há um aglomerado de jovens estudantes que as fazem acontecer, que compartilham das mesmas ideias, defendem os mesmos interesses. Estes, individualmente, compõem o todo, portanto, se notará que cada atuação do movimento conta com o somatório de ações dos militantes, ou seja, de sua participação política. Não queremos afirmar aqui que o movimento estudantil é homogêneo, na verdade, sabemos que o mais correto é falar em movimentos estudantis, pela existência de diversos segmentos ou grupos. No entanto, nos referimos no texto de maneira geral, englobando todos os segmentos.

A análise conta, além de bibliografias relacionadas ao tema, com o aporte teórico de Norbert Elias, por perceber nas ações dos movimentos estudantis no Brasil e no mundo, um poder de acompanhar a sua dinamicidade histórica. Ao mesmo tempo em que, o mesmo é moldado por seu contexto sociopolítico, os militantes procuram interferir em sua realidade, causando mudanças de pequeno, médio e grande porte, gradativamente. Em cada época, ou contexto, percebemos a criação ou recriação de formas de atuação, bandeiras a serem defendidas e mudanças acontecendo, sobretudo, em seu espaço de origem, no caso, a universidade. É perceptível a ocorrência destas mudanças através da reação destes grupos, que por sua vez, são produzidas pelo reflexo da conjuntura social na própria academia,

universidade, o que provoca sua interferência (movimento) e assim, o curso histórico vai transcorrendo.

Não podemos esquecer de salientar as ações do movimento estudantil em parceria com outros movimentos sociais, a exemplo da Adufal e Sintufal; ou o envolvimento em causas que extrapolam o espaço acadêmico ou que possuem uma dimensão maior, como o caso da histórica luta pela Reforma Universitária, pelas Diretas Já, a favor da liberdade democrática no país no período da Ditadura, pela destinação de 10% do PIB para a educação (perspectivas macro); outras lutas de caráter particular atendendo as necessidades locais de cada universidade/Estado (micro), bem como, tantas outras bandeiras que serão citadas ao longo do texto.

Estas lutas são dotadas de dinamicidade, modificam-se, atualizam-se ao longo dos tempos, sempre em um fluxo contínuo. Uma conquista gera novas demandas que resulta em novas lutas e assim segue *em movimento* movimento, ora enfraquecido, ora com vitalidade. Ou, segundo Bringel (2009), (autor a ser abordado mais adiante), a agência dos movimentos estudantis pode ser compreendida de forma cíclica, ou seja, de acordo com fases, nas quais estes “aparecem” mais ou menos, de acordo com a forçados acontecimentos e da influência de cada contexto sobre eles. Estes jovens/estudantes rompem com algumas das antigas características ou lutas e dão continuidade a outras.

Neste sentido, ao analisar a ação coletiva dos movimentos estudantis, o autor propõe que: “Desse modo, é possível observar a combinação de “velhas” formas de contestação com novos elementos, algo fundamental para interpretar os períodos de ressurgimento do movimento estudantil depois de certo letargo” (p.108). É neste sentido, de uma perspectiva macro e micro social, ou sociogenética e psicogenética, usando os termos do autor, possuindo um poder de adaptar-se aos novos tempos, atualizando-se, recriando e interferindo, que o objeto aqui escolhido pôde ser interpretado à luz da perspectiva elisiana.

Com a leitura dos capítulos poderá observar-se a força do contexto sociopolítico na atuação dos movimentos estudantis em Alagoas assim como em todo o país. Ao mesmo tempo em que estes fazem história, realizando mobilizações em defesa de suas bandeiras, como no caso das famosas ocupações de Reitoria, comuns entre os militantes franceses, retomadas novamente em grande proporção com a Reforma Universitária a partir de 2007 no Brasil, os mesmos através desta estratégia de luta tentam alcançar objetivos e modificar realidades, ainda que estes sejam de pequeno porte, como a ampliação do número de comensais no restaurante universitário ou gerais como questionar a aplicação de recursos no

projeto de expansão das universidades, e assim lutar pela garantia de um ensino público de qualidade em todo o país.

A teoria de Norbert Elias foi a base principal de compreensão das ações do movimento estudantil alagoano na atualidade. Percorrendo um caminho a partir da década de 60, abordada no segundo capítulo deste trabalho aos dias atuais. Vemos sua trajetória as graduais mudanças ocorridas na Universidade Federal de Alagoas, desde o aumento no número de vagas em alguns cursos, bandeira de 60 (o problema dos excedentes do curso de medicina), como a ampliação do Restaurante Universitário, que foi reformado, mas ainda continua em processo de ampliação. Estes são exemplos de mudanças alcançadas pelo movimento estudantil na UFAL ao longo de décadas, o que destaca sua importância enquanto instrumento de identificação de carências e tentativa de saná-las através da ação coletiva de jovens/estudantes.

Não podemos deixar de destacar a importância de todas as bibliografias que compuseram este trabalho, bem como, as pesquisas na internet que serviram de guia para alguns caminhos percorridos na realização desta pesquisa, bem como, a observação participante e a colaboração dos militantes envolvidos.

O trabalho é composto por cinco capítulos, sendo este o primeiro, onde são expostos o objeto, os objetivos, motivações e os questionamentos que nortearam a pesquisa. Também, os pressupostos teóricos e os métodos que auxiliaram na compreensão das ações do movimento estudantil alagoano na atualidade. As apresentações destas ações estão distribuídas entre o terceiro e quarto capítulos.

No II capítulo, faz-se uma retrospectiva histórica, destacando o movimento nos âmbitos internacional, nacional e local, enfatizando, sobretudo, as décadas de 60-80, suas principais contribuições. Este capítulo é predominantemente teórico e traz à luz as bandeiras, estratégias e formas de atuação do movimento estudantil no passado, fatores que servirão de referência para identificarmos características do movimento de outrora. Será possível a partir deste capítulo observar semelhanças e diferenças entre as gerações abordadas aqui e as atuais, as mesmas pertencentes a contextos distintos.

O III capítulo traz a descrição e a análise das principais ações do movimento alagoano na atualidade, não descartando o movimento nacional, percebendo semelhanças nas formas de ação, nas reivindicações e nos motivos para as mesmas. Neste, aparecem atuações e bandeiras que ultrapassaram o tempo, ou seja, “heranças” das gerações anteriores, ganhando novas formas, modificadas pelo novo contexto, como o caso da Reforma Universitária ou o uso da cultura como alternativa em se fazer política, bem como, perceberemos o surgimento de novas

motivações e objetivos do movimento estudantil atual que o diferencia das décadas anteriores. A apresentação dos dados colocará em evidência as continuidades e descontinuidades do movimento estudantil, além da renovação de suas ferramentas de mobilização, a exemplo da internet, fortemente recorrida pela atual geração. A dinamicidade histórica, o fluxo contínuo e a capacidade de influenciar e ser influenciado pelo contexto social e político também ficam em evidência neste capítulo, além de destacar a reciprocidade entre estrutura e ação.

As motivações para a participação política, o engajamento no movimento estudantil, a vivência, as principais dificuldades enfrentadas pelos militantes em se *fazer* movimento fazem parte do IV capítulo. Constatações feitas a partir das observações e das falas dos pesquisados, apreendidas a partir do contato direto com os mesmos, no período da atual gestão do DCE 2011-2012 são apresentadas neste capítulo e analisadas.

O terceiro e quarto capítulos são compostos, em sua maioria, por dados obtidos através do trabalho de campo. A intenção foi colocar em evidência o movimento estudantil alagoano pertencente à UFAL, sobretudo, analisar a participação dos jovens/estudantes que o compõem, sendo este, o principal objetivo deste trabalho. Através do uso dos dados do trabalho de campo foi possível demonstrar características do movimento na atualidade, retratar suas bandeiras e estratégias e, sobretudo, quais fatores seriam decisivos na decisão dos jovens/estudantes em tornarem-se militantes, conseqüentemente, os desafios a serem enfrentados na luta diária em dar *movimento* ao movimento.

Por último, a conclusão, onde são recapituladas as principais ideias, impressões, semelhanças e diferenças entre os movimentos de ontem e hoje, algumas características no formato e atuação do movimento na atualidade.

Vale ressaltar que, para a realização da pesquisa foi de fundamental importância a abertura e a receptividade com as quais fomos recebidos pelos membros do DCE, seja na sede da entidade, durante as atividades, em nossos diálogos (entrevistas), em nossos encontros casuais, nas informações prestadas, nos convites feitos, sem isto, não seria possível a conclusão deste trabalho.

A pesquisa foi junto ao DCE, no entanto, o mesmo reúne diferentes segmentos de movimento estudantil e as ações empreendidas mencionadas nos próximos capítulos não são compostas exclusivamente por membros desta entidade, mas por representantes dos diversos segmentos coexistentes na universidade. Muitas das ações ou eventos são organizados pela entidade, como órgão de maior representatividade e elemento institucionalizado no cumprimento de suas atribuições, porém não são restritas a ele.

Outro fato importante a destacar foi a possibilidade através desta pesquisado contato com um universo desconhecido para nós, que é o movimento estudantil. Ao pensarmos neste objeto, sabíamos das dificuldades e das muitas dúvidas que viriam pela frente, por se tratar de algo distante, o qual em nossos tempos de graduandos nos enchia de curiosidade, portanto, aumentando nosso desejo de desvendá-lo e revelar aos leitores informações a partir de nossas indagações e objetivos. Neste sentido, a pesquisa tornou-se fascinante e satisfatória. Assim, seguindo a visão de Weber (1992), é impossível recortar totalmente o pesquisador da pesquisa, a subjetividade do mesmo aparece desde a escolha de seu objeto e das perguntas que se faz sobre ele.

A principal dificuldade encontrada para a composição deste trabalho foi a escassez de bibliografias sobre a juventude e o movimento estudantil em Alagoas, tais quais pudessem comparar/nortear este, sendo este fato responsável por muitas lacunas aqui deixadas.

Reconhecemos as limitações deste trabalho e os pontos que deixaram de ser aprofundados. No entanto, nossa principal preocupação foi trazer à luz aquele que é um dos principais movimentos juvenis e destacar sua importância para o estado e para nossa universidade, reconhecendo sua importância para a história alagoana, além de ser uma importante ferramenta de lutas e conquistas.

Salientamos a participação política e o engajamento de jovens/estudantes alagoanos em prol da coletividade, os quais, por suas singelas contribuições, têm gravado seus nomes na História.

2 A TRAJETÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL NOS CONTEXTOS LOCAL, NACIONAL E INTERNACIONAL – RECORTE ENTRE AS DÉCADAS DE 60 A 80.

Neste capítulo, faremos um breve levantamento sócio-histórico das principais questões daquele que constitui um dos principais movimentos juvenis, ou seja, sua versão clássica, o movimento estudantil, abordado em diferentes contextos, a partir de diferentes visões. Aqui serão abordadas as conclusões de alguns autores que discutem o assunto reportando-se a décadas anteriores, sobretudo, a década de 60, a partir da qual se concentra a maior parte dos estudos sobre o tema. Salienta-se ainda que este capítulo será de cunho mais descritivo que analítico.

Assim como outros movimentos sociais, o movimento estudantil foi de grande importância para a história nacional, contando com a participação de jovens/estudantes, atores que contribuíram para a conquista de direitos civis e políticos, bem como, a instauração do processo democrático brasileiro. A defesa do nacionalismo brasileiro; a luta contra o imperialismo norte americano; as mudanças sociais sofridas pela sociedade em meio ao processo de crescente industrialização do país, fato que propiciou o êxodo rural, o Regime Militar, eram estas as características que compunham o contexto sócio-histórico do país e serviram de pano de fundo para diversas manifestações do movimento estudantil, o qual teve grande efervescência na década de 60, marcada por mobilizações e protestos. As questões acima compuseram o ideário de ação e luta do movimento estudantil e demais movimentos sociais na época.

Contudo, em sua forma específica e como reflexo desta sociedade, o movimento estudantil das décadas de 60, 70 e 80 luta pela democracia não apenas para a sociedade como um todo, mas, pela democracia no espaço universitário, se opondo contra o forte sistema hierarquizado das universidades, defendendo um ensino mais humanizado que levasse em consideração as características e necessidades do povo brasileiro, opondo-se a mera reprodução e defesa do sistema elitista e importado de educação. Os estudantes mostravam-se a favor da qualidade de ensino e contra a estrutura defasada das universidades. Ou seja, neste ponto entra a questão da Reforma Universitária, tão aclamada no Brasil na década de 60 e que se estende aos dias atuais, com outro formato e características que atendem ao contexto atual, como veremos mais adiante.

A Reforma Universitária trata-se de uma das bandeiras mais antigas do movimento estudantil, proveniente da década de 20 quando o tema explodiu em Córdoba, Argentina em 1918 e se espalhou por outros países da América Latina (MESQUITA, 2009).

Os estudantes da universidade de Córdoba lutavam por um ensino democrático, autônomo e menos burocratizado, que frisasse a qualidade e fosse, acima de tudo, moderno, neste caso, uma modernidade que não deixasse de lado as características de sua sociedade (MESQUITA, 2009). Portanto, o jovem/estudante é tomado como um catalisador dos anseios e das transformações de sua sociedade, dotado de potencial capaz de interferir na mesma, participando e sendo influenciado em seu processo de mudança. Claro que, deste modo, não queremos generalizar, dizer que todo estudante participa ou deseja participar ativamente de ações e/ou intervenções sociais, porém, neste estudo, privilegiamos este tipo de ator social. É importante lembrar que, jovens com posicionamento conservador existem, muitas vezes, dividem o mesmo espaço que os considerados progressistas e/ou revolucionários, são o caso dos grupos religiosos formados por universitários, os mesmos defendem causas consideradas conservadoras pela sociedade como a oposição a legalização do aborto, por exemplo.

Retomando a discussão sobre a temática aqui abordada, além das questões específicas do espaço acadêmico, o movimento estudantil participa de ações que extrapolam as barreiras da universidade, engajados em lutas sociais, a nível regional, nacional ou influenciados por questões internacionais. Acompanha a dinamicidade da história, tendo como desafio recriar e reformular a militância e pautas reivindicatórias seguindo um fluxo contínuo, porém, não livre de dificuldades, heterogeneidades de ideias e conflitos.

A exemplo do engajamento dos jovens estudantes em ações político-sociais, vejamos o trecho abaixo, que destaca uma das manifestações do movimento estudantil de grande proporção realizada pela juventude francesa de 68, geração esta, ainda hoje lembrada e reverenciada.

Em toda a história da humanidade, em quase todas as civilizações podemos constatar o potencial do jovem para provocar ações políticas transformadoras. Para a civilização ocidental moderna, um dos exemplos mais marcantes desse fenômeno foram os acontecimentos de maio de 1968 na França², cujos efeitos tem servido como inspiração dos jovens para muitas manifestações políticas em diferentes países do mundo (ZANETI, 2001, p.21).

² Começou por um conjunto de greves estudantis realizadas nas universidades e escolas de Paris, ocorrendo confrontos com a administração e com a polícia, alcançando uma proporção revolucionária, reprimida pelo governo francês.

Assim como os jovens franceses em 1968, os jovens integrantes do movimento estudantil, em meio ao regime militar, lutaram pelo direito de voto aos 16 anos. Também ocorreram outras mobilizações realizadas por jovens universitários ligados a União Nacional dos Estudantes (UNE) engajados em movimentos nacionais como a campanha “O Petróleo é nosso” (ZANETI, 2001). Estes são alguns exemplos de mobilizações juvenis que fazem parte da nossa história e que marcaram a década de 60. Ainda em 68 um fato que deve ser destacado, é a morte do estudante Edson Luís em um restaurante no Rio de Janeiro. As autoridades viam o restaurante como suspeito, como local de organização de forças políticas contrárias ao Regime. Sob a denúncia de ataque a embaixada americana, policiais do Pelotão de Choque o invadiram atirando, um dos tiros acabou acertando o estudante secundarista de 18 anos. Este acontecimento provocou luto entre a comunidade discente em todo o país, inclusive em Alagoas, com o decreto de luto por sete dias e greve estudantil de setenta e duas horas. Ainda no ano de 1968, a UNE – União Nacional dos Estudantes perdeu a legalidade. Estes são exemplos de desafios à atuação do movimento estudantil durante o período da Ditadura Militar.

Para analisar o movimento estudantil, sua trajetória histórica de lutas, Mesquita (2009) explica que é imprescindível considerar os diferentes contextos nos quais as mesmas aconteceram. Ressalta, ainda, que o movimento estudantil da década de 60 representa o marco na história da participação política: “Na complexificação da sociedade moderna – e seu frequente processo de transformação – a juventude aparece como uma categoria chave, reveladora tanto das contradições como das possibilidades de mudança social” (p.29).

Mesquita (2009) menciona que os estudos sobre juventude tiveram maior destaque entre as décadas de 60-70, tomando um novo fôlego a partir de 1990 através das mobilizações políticas e culturais propiciadas pelo cenário da época. Em um novo contexto sociopolítico, novas questões surgem e outros movimentos de juventude também, a exemplo dos culturais que acabam ganhando força.

Diferente dos anos 1960, em que o movimento estudantil se impunha como o primeiro paradigma de participação juvenil, nos dias atuais o paradigma corrente é o da fragmentação e pluralidade de atuação dos jovens que, articulados das mais diversas formas (re)criam espaços de organização e lutam pela garantia de políticas públicas que incluam suas demandas e necessidades (MESQUITA, 2009, p.31).

Os movimentos culturais alcançaram grande proporção, sendo mais uma forma de contestação da sociedade. Também como uma forma alternativa de participação e

reivindicação. Um exemplo desta forma, adotado pelos jovens, são os movimentos de contracultura que representam uma reação ao formato de cultura vigente, predominante na sociedade.

É importante ressaltar, diferentemente de alguns autores que, ao refletir sobre o movimento estudantil de décadas anteriores, identificam-no composto, sobretudo, por jovens de classe média, focados em problemas estruturais e específicos do espaço universitário, ‘recortados’ das questões propriamente sociais (FORACCHI, 1972; SALDANHA, 1994). Mesquita (2009) expande a análise colocando em relevo outros movimentos juvenis também contestatórios, que reagem aos estímulos de suas sociedades, estes, muitas vezes compostos pelas classes desfavorecidas. Como os grupos de hip hop, por exemplo, que utilizam as letras de música para protestar contra a violência, discriminação, entre outros temas, além de significar uma forma alternativa de se fazer política e contrariar o formato tradicional e institucionalizado vigente, que na visão de muitos jovens não representa os interesses da população (CASTRO, 2008). Contudo, é importante frisar que tendo como base a conjuntura sociopolítica da época, ou seja, décadas de 50, 60, 70, onde o acesso a universidade pública era muito mais restrito que nos dias atuais, sobretudo, vivendo hoje a expansão da universidade pública, seria comum encontrarmos divergências entre os pontos de vista e o perfil dos jovens/estudantes membros do movimento estudantil das décadas acima destacadas e os atuais.

A principal dificuldade ao ingresso de jovens às universidades federais há décadas atrás, sobretudo, oriundos das classes menos favorecidas, dizia respeito ao pequeno número de vagas e cursos, o que tornava a concorrência maior. Normalmente os cursos eram oferecidos em horário diurno, o que dificultava ainda mais para aqueles que necessitavam trabalhar. Talvez a partir destes fatores seja possível explicar porque as universidades, compostas em sua maioria pela classe média, tivessem um movimento estudantil também composto por esta classe e portador dos interesses da mesma. Contudo, é importante ressaltar que:

(...) o movimento estudantil - ainda que com maior ou menor força entre os estudantes - carrega em sua trajetória uma representação que se cola a imagens como protesto, ruptura e jovialidade. Esta representação, marcada por um simbolismo e força, é fruto de sua história, da memória social dos militantes acerca do movimento, de uma tradição que se relaciona e se confunde com uma práxis interventiva e inserida socialmente (MESQUITA, 2009, p.68)

O movimento estudantil representa a prática política tradicional de movimento juvenil, tendo suas lutas específicas e necessidades enquanto estudantes. No entanto, a partir da década de 80, este sofre alterações, pois nesta época, é acentuada a assimilação de novas questões e se torna comum a associação com outros movimentos, como o negro, o feminista e a incorporação de bandeiras referentes a estes grupos, neste sentido, a atuação destes movimentos pode ser entendida como em rede (SCHERER-WARREN, 1996). Claro que a incorporação destas bandeiras ao movimento estudantil não se dá sem dificuldades, há divergências, conflitos no movimento estudantil que não se restringem a uma entidade ou grupo específico, mas sim, ao conjunto destes. Portanto, é possível se falar em movimentos estudantis, pois dentro do movimento estudantil existem coletivos com pautas específicas, como movimentos feministas e LGBT's, por exemplo, bem como, grupos com visões diferentes, o que denota a heterogeneidade do movimento.

2.1 O movimento estudantil internacional – Questões, desafios e influências.

O movimento estudantil, como dissemos, é um dos principais movimentos de juventude corresponde a uma fonte de participação política e espaço de compartilhamento de interesses e visões de mundo (MANNHEIM, 1993)³. O jovem/estudante ao engajar-se no movimento estudantil, transforma-se em ator social e participa deste processo contínuo de mudanças pelas quais a sociedade tem passado. Historicamente, vemos ações e mobilizações sociais que têm alcançado níveis que extrapolam as barreiras geográficas e de tempo e, conseqüentemente, em maior ou menor proporção, têm contribuído neste processo de transformação social.

Refletindo no que significou para os estudantes latino-americanos a luta pela Reforma Universitária em Córdoba (Argentina) em 1918 e seu reflexo às novas gerações, esta que constitui uma das bandeiras atuais e principais de luta do movimento estudantil internacional, nacional e local, veremos que, um mesmo objetivo atravessa o espaço e o tempo, tomando outras formas. Sob novos contextos, novas questões vão surgindo, ou seja, aquilo que pode

³ Para aprofundamento do assunto, ver referências do autor no final do trabalho.

ser visto como uma questão antiga recebe com as novas gerações e nas diversas conjunturas, diferentes roupagens.

Ao pensarmos no caso francês e seu alcance internacional, perceberemos que o mesmo influenciou e serviu de exemplo para juventudes do mundo todo, marcando toda uma geração. A chamada juventude de 68, a qual é dedicada inúmeros trabalhos, serve de referencial comparativo utilizado por diversos autores para analisar a participação juvenil nos movimentos sociais, principalmente o estudantil.

Refletindo sobre a juventude francesa de 68 Soares & Petarnella (2009) utilizam o pensamento de outro intelectual da época, Lefebvre. Segundo estes autores, a reprodução dentro da universidade dos preceitos de uma sociedade industrial e a exigência de uma formação tecnocrata exclusivamente voltada para os interesses de mercado, colocava em segundo plano os valores culturais, humanísticos e liberais, gerando um conflito de interesses. A estrutura de ensino da universidade marcadamente hierarquizada e a imposição aos estudantes do sistema mercadológico e de consumo eram problemas que, assim como em outros países, a exemplo da Argentina (Córdoba), como vimos acima, causavam revolta nos estudantes. Esta oposição estudantil francesa tinha como pano de fundo, na interpretação destes autores, o pensamento marxista e a “revolução proletária”.

Na opinião de Lefebvre (1968) apud Soares & Petarnella (2009) cabe aos movimentos sociais, sobretudo ao estudantil, a intervenção social, porém, através do uso de uma boa base teórica que lhes possibilitem a identificação dos problemas sociais, sendo este um exercício de constante reelaboração de suas práticas e questões, ou seja, uma prática que acompanhe a dinamicidade histórica. O autor francês insuflava os jovens estudantes desta época a realizar uma revolução. Apostava no movimento estudantil como um interventor não apenas da universidade, esta seria apenas o ponto de partida para a revolução social. Ainda segundo o mesmo, a crise enfrentada pela sociedade refletida em outros setores, a exemplo do sistema de ensino e da família, é fruto da agudização do capitalismo, este seria o responsável pelo enfraquecimento da consciência política.

Neste mesmo período (1960-68), a realidade das universidades francesas era de excessivo número de estudantes, problemas com a estrutura física e ensino considerado ultrapassado. O clamor dos estudantes era pela emergência da Reforma Universitária, um tema recorrente entre o movimento de outras partes de mundo, seja em Córdoba ou no Brasil, e na França não era diferente. É neste contexto que nasce a Revolução, “O Maio Francês”

mundialmente conhecido e que tem influenciado outras juventudes, ultrapassando fronteiras. “Se em 1968 a velha sociedade não morreu, ou melhor, se a nova não chegou a nascer, ela não deixa de ser uma grande e generosa explosão revolucionária” (SOARES & PETARNELLA, 2009, p.347). A revolta contra o sistema é justificada pela intelectualidade dos agentes independentemente de classe social. Nas eleições de 1968, houve divisão da sociedade, parte da mesma se apresentou a favor do presidente, na época muitos jovens foram excluídos do processo eleitoral.

Thiollent (1998) é mais um autor dedicado a analisar o movimento estudantil francês da década de 60, ressaltando que o mesmo fez parte desta juventude, sendo uma testemunha ocular. Para ele, o espírito desta época foi perdido, sendo importante o resgate dos acontecimentos vividos. Em sua pesquisa, considera as experiências individuais, mas, sem deixar de envolver as mesmas em um contexto que atingia a coletividade, a partir disso, encontrou sentido nas ações de uma geração de estudantes, utilizando-se também de fontes documentais para a conclusão de seu trabalho.

O contexto francês de 68 trazia, além de uma série de outras questões, a aliança entre classes e/ou categorias sociais, neste caso, estudantes e trabalhadores, unidos por causas comuns, gerais ou específicas, incluindo a luta pela abertura política, pela conquista de liberdades individuais e coletivas no país, a favor da democratização, contra as guerras, sobretudo, a ocorrida no Vietnã, e as lutas na América Latina e na África, a revolta negro-americana, a revolução Cultural na China, as revoltas ocorridas na Alemanha e a resistência à Ditadura. Este era o cenário internacional, fatores de influência para estudantes e trabalhadores que uniam forças e, ao mesmo tempo, tinham o espírito revolucionário insuflado. No setor econômico-social havia a crise no sistema de produção (fordismo), ocasionando desemprego e, conseqüentemente, revolta no ambiente de trabalho, além do fato de grande número de mão de obra no país ser desqualificada. Estes eram os principais problemas enfrentados pela classe trabalhadora. Por outro lado, no ambiente universitário, entra as questões mencionadas acima, os estudantes deparavam-se com um sistema decadente, sem perspectivas profissionais e salas abarrotadas (THIOLLENT, 1998).

Ainda segundo Thiollent (1998), a base teórica que fundamentava as ações destes grupos, além da teoria marxista (SOARES & PETARNELLA, 2009), eram também a fenomenologia, psicanálise e teoria crítica. A leitura de Marcuse tornou-se frequente durante e após este período. Também foi a época que favoreceu a formação de grupos, a exemplo do

grupo trotskista pertencente à União dos Estudantes Comunistas (Union des Étudiants Communistes) ou a JCR (Jeunesse Communiste Révolutionnaire).

O autor também destaca outra marcante ação da juventude francesa de 68, o movimento que ficou conhecido como Movimento de 22 de março, o qual consistiu na ocupação de áreas administrativas da Universidade de Nanterre por um grupo de estudantes. Em maio deste mesmo ano, estudantes se confrontaram com a polícia, em seguida, foi a vez dos trabalhadores das classes baixa e média entrarem em greve. Ao todo foram dez milhões de grevistas. A partir disto, o governo negociou com o empresariado e sindicatos uma série de benefícios trabalhistas. No entanto, a greve foi mantida em alguns locais sob o argumento de insuficiência nos direitos concedidos. Somente no final de junho, o trabalho foi retomado normalmente. Ao longo do ano, o governo foi concedendo gradativamente benefícios aos trabalhadores, tais como a participação nos lucros, no caso de grandes empresas, por exemplo.

Seguindo com Thiollent (1998), há uma separação natural entre estudantes e trabalhadores. Os primeiros, oriundos das classes média e alta, concentrados em ambiente universitário; os segundos, geralmente pertencentes às classes menos favorecidas, moradores de periferia, ambos frequentavam ambientes distintos. No entanto, é interessante ressaltar que algo extraordinário aconteceu em 1968, ano em que a distância foi quebrada:

Pela primeira vez, estabeleceu-se um contato direto entre estudantes e operários nas ruas, nas assembleias, em debates improvisados, nos comitês de bairro, na porta das fábricas. Grupos de estudantes estimulavam esse contexto, às vezes barrados por representantes de sindicatos. Por sua vez, muitos trabalhadores, individualmente ou em pequenos grupos, procuravam a discussão com estudantes nas universidades ocupadas. A principal forma na qual se manifestava o diálogo entre estudantes e trabalhadores era o comitê de ação em diversos bairros (THIOLLENT, 1998, pp.77-78).

Sobre esta relação entre estudantes e operários, o autor explica que duas tendências foram formadas: uma, cuja preocupação estava nos problemas específicos do espaço universitário; a outra, interessada em defender as causas trabalhistas, reconhecendo-se nelas, portanto, mantendo a aliança e militando junto aos operários nos comitês. A base teórica foi fundamental nesta associação, os estudantes sentiam-se pertencentes a este meio, além de que o futuro no mercado de trabalho era incerto para eles, dado os problemas da universidade, também a recusa em aceitar um ensino tecnocrático voltado para a sustentação do capitalismo, o qual ignora a condição e os valores humanos. Uma alternativa encontrada para manter este

contato foram as Universidades Populares, como a estabelecida no 13º Distrito, região periférica de Paris. Neste local, ocorriam fóruns temáticos com a participação de estudantes e trabalhadores, era aberta à comunidade, todos podiam participar. Porém, a experiência só durou um verão.

O movimento de 68 se contrapôs a tradição estruturalista vigente. Esta era a corrente predominante da época, nela, o sujeito é anulado, a tradição humanista tinha saído de foco na década de 60, sendo retomada pela geração de 68, período no qual os estudantes cobravam maior atenção ao ser humano, aos problemas sociais, deixados de lado pela defesa de interesses mercadológicos por parte das universidades. A partir deste quadro, a teoria marxista foi bem recebida por este grupo de estudantes. A revolução propiciada por esta geração (1968) abalou as estruturas sociais, o cotidiano, embora suas consequências sejam passíveis de interpretações divergentes. O principal efeito foi a ampliação da capacidade crítica, a percepção da realidade social, uma nova visão de mundo. Para Darcy Ribeiro (1969) apud Thiollent (1998) a revolução de 68 foi positiva em vários aspectos, como a crítica ao sistema de exames, a oposição ao capitalismo e, principalmente a percepção da realidade político social da sociedade da época e, sobretudo a solidariedade para com os trabalhadores.

Contudo, os jovens das décadas posteriores, 70 e 80, afastaram-se das teorias marxistas, sobretudo, o marxismo ortodoxo. O marxismo soviético, principalmente da era Stálin foi duramente criticado e pesado contra o marxismo original. O maoísmo influente na França perde forças. Os autores considerados “pós-modernos” foram incorporados à leitura, como Foucault, Lyotard e Derrida. Nesta época, houve uma abertura e adesão por parte dos jovens ao individualismo e ao liberalismo. O desejo e a liberdade sexual foram categorias a predominar no quadro pós 68, em contrapartida, a organização em defesa de interesses coletivos seja no meio acadêmico ou fora dele, como no caso da aliança com os trabalhadores, foi enfraquecida.

Retomando a discussão, analisando sob outro ponto de vista e com maior profundidade, o que foi o movimento francês de 68, a participação dos estudantes e a associação com o operariado, Hobsbawm (2005) faz a seguinte menção: “Assim como nos movimentos camponeses (...), os estudantes de 68 eram anônimos e poderosos, tinham portavozes em vez de líderes, e basicamente não estavam preocupados com a política dos Estados em que viviam e podiam abalar” (305).

Na interpretação do autor acima, o movimento de maio de 68, mais precisamente o conjunto de greves e manifestações de estudantes e trabalhadores, não tinha objetivos políticos, ou, propriamente a derrubada do poder. Significou mais uma reação contra um sistema universitário decadente e a ausência de direitos dos trabalhadores, fatores mencionados pelos autores acima abordados, Soares & Petarnella (2009) e Thiollent (1998). Portanto, a crítica era direcionada muito mais a estrutura que ao governo. No entanto, suas ações e propagação deram condições à tomada do poder pela frente oposicionista, o Partido Comunista, o que não aconteceu.

Hobsbawm (2005) através da leitura do trabalho de Touraine *Le Mouvement de mai ou Le communisme utopique de 1969*, dedicado à época, faz uma análise mostrando os motivos pelos quais a revolução de maio de 68 não pôde ser considerada vitoriosa. A mobilização das massas ocupa um espaço que era do partido Comunista, este, por sua vez, fica ofuscado e não consegue se articular com o movimento que segue sem uma organização propriamente oposicionista ao regime. Esta é a principal crítica do autor.

Por outro lado, o governo subestima o poder do movimento que começa de súbito. A primeira vista, não representava nenhuma ameaça.

Graças à falta de previsão, complacência e estupidez do governo, um movimento de ativistas de um campus do subúrbio se transformou em um movimento de massas que incluía praticamente todos os estudantes de Paris, desfrutando de amplo apoio da opinião pública _ nesse estágio, 61% dos parisienses foram a favor dos estudantes e somente 16% eram claramente hostis _ e se tornando daí em diante em uma espécie de insurreição simbólica do Quartier Latin (HOBSBAWM, 2005, p.307).

Apesar de ser considerado um movimento apolítico e não ter conseguido de fato, derrubar o governo De Gaulle, nem o queria. Sua força, proporção e capacidade mobilizadora, provaram sua importância, marcando a história. O movimento estudantil francês de 68 torna-se um mito e o autor não tira seu mérito.

As autoridades o subestimaram completamente, e isto se deve em grande parte a que estavam preocupados com outros assuntos, inclusive outros problemas universitários e discussões burocráticas entre vários departamentos governamentais, os quais lhes pareciam mais importantes (HOBSBAWM, 2005, p. 308).

Segundo o autor do trecho acima, somente mais tarde o governo se dá conta do poder do movimento e coloca em evidência sua estratégia. No primeiro momento recua, para posteriormente ganhar forças novamente. Com a apatia do partido Comunista frente à situação que propiciava seu triunfo, a oportunidade foi perdida. E este, assumidamente esquerdista, ao contrário dos grevistas, restringiu-se ao papel de opositor do regime. A principal crítica do Hobsbawm (2005) foi a não associação com os grevistas e a incapacidade de mobilização. Podiam agir, mas não o fizeram, o que deu margem ao fortalecimento do gaullismo e sua consequente vitória. Os estudantes deram suporte e condições para a mudança no regime, porém, quem de fato o desejava, não a realizou. No entanto, a luta do movimento estudantil de 68⁴ não foi em vão, conquistas foram realizadas dentro e fora das universidades. E sua atuação serve de referência ainda hoje aos movimentos estudantis da atualidade. Além dos inúmeros trabalhos acadêmicos dedicados a ele e a esta geração.

Ao analisar as juventudes e movimentos estudantis atuais, alguns autores ainda as fazem comparando as atuais com a juventude de 68. Apesar da influência e semelhanças em algumas ações e estratégias, que ultrapassaram as barreiras do espaço e do tempo, é importante frisar que cada geração deve ser analisada segundo seu contexto e que a década de 60 não pode ser usada como um modelo.

Estanque (2010) apresenta-nos um ponto de vista diferente sobre a participação juvenil no movimento estudantil. Este autor analisa a juventude portuguesa através de pesquisas entre 2000 e 2006, fazendo um paralelo entre as características desta e a geração de 60. Critica o fato de se esperar das novas gerações uma reprodução do que foi a de 60. Para sua análise, destaca o novo contexto sócio-histórico.

A juventude firmada a partir da ampliação do ensino superior, a qual teve maior expressão, sobretudo, na década de 60, compõe uma imagem cristalizada e idealizada de juventude fortemente representada pela famosa geração de 68. Esta imagem, segundo este autor, é levada às novas gerações, as quais têm como fardo “carregar” esta idealização que não corresponde as suas reais características. Estas novas gerações são dotadas de características e questões próprias de sua época. O autor define esta tentativa de comparação como uma reprodução fictícia do passado. A visão idealizada de “juventude radical” se desfaz

⁴ Nas falas dos militantes alagoanos, a crença no poder revolucionário dos jovens/estudantes aparece. A juventude de 68 e sua ação tomada como revolucionária é mencionada em alguns momentos e vista como exemplo.

em um novo contexto onde o capitalismo reina absoluto, novos movimentos, novas ações surgem a partir dele e o pensamento voltado para a coletividade perde terreno para os desejos individuais.

Embora Estanque (2010) trabalhe com a categoria “juventude”, o mesmo ressalta que há diversos tipos, sendo assim juventudes, como discute Bourdieu (1983). A categoria juventude varia de significado a partir das diferentes leituras sociais que se faz, como discutido na introdução deste trabalho. Neste sentido, não há homogeneidade de visão de mundo, portanto, conclui que: “(...) será sempre possível observar tanto convergências como divergências no seio de uma dada população ou numa mesma camada geracional” (ESTANQUE, 2010, p. 261).

O autor também caracteriza o movimento estudantil português de 60 como elitista, no entanto, esta mesma geração marca a história como “revolucionária” por trazer consigo um pensamento crítico voltado para questões que envolviam a comunidade acadêmica, ou seja, causas coletivas. Em suas análises, a ideia que se faz do ensino superior como uma alternativa de alcance de status e possibilidade de sucesso no mercado de trabalho não é mais válida atualmente, devido a sua abertura a outras camadas sociais, com o afunilamento das possibilidades de sucesso profissional e o aumento da concorrência, o perfil dos estudantes foi ao longo das décadas modificando e a preocupação com causas coletivas e/ou sociais, perdendo espaço para as questões pessoais.

Em um novo contexto multifacetado, no qual o futuro não pode mais ser projetado, a incerteza frente ao mercado de trabalho é fator contribuinte para o afastamento e apatia dos jovens frente aos movimentos sociais. “Por outro lado, quer as trajetórias fragmentadas, quer as metamorfoses que têm atingido os sistemas de emprego têm igualmente condicionado o aparente distanciamento dos jovens face aos movimentos sociais e associativos” (ESTANQUE, 2010, p.264). Além das relações socioeconômicas, outra resposta, segundo este autor, está nas mudanças das relações sócio-afetivas no seio familiar e a diluição dos moldes de referências transmitidos de uma geração a outra.

Sobre a questão dos espaços de socialização destacados pelo autor como bares e tavernas, por exemplo, e a importância destes, Estanque (2010) percebe a República Estudantil, como o principal local de compartilhamento de visões de mundo e germinação de ideais de luta, politização e pensamento voltado para as questões sociais, ao mesmo tempo, marcado pela coexistência com momentos de festa, boemia, iniciação (praxe) – que é no

Brasil, o chamado trote. A década de 60 é marcada pelo fervor da juventude que fazia parte deste contexto e frequentavam os espaços acima citados, pelas ações estudantis como greves, mobilizações e realização de outras atividades acadêmicas. A proibição pela universidade dos trotes causou revolta entre os estudantes que, em contrapartida, reagiram excluindo certas formalidades da própria universidade como o uso de batinas e capas nas formaturas. Era uma juventude que não se conformava, defendia suas causas, revoltava-se contra as determinações da universidade, tentava valer suas vontades. Em contraste com esta juventude que se organizava, protestava, em suas pesquisas entre os anos 2000 e 2006, Estanque (2010) constatou um comportamento estudantil evoluindo para o individualismo, apático às questões de interesse da comunidade discente, passivo.

Estanque (2010), ao investigar o pensamento destes jovens frente à juventude militante dos anos 60, não encontrou uma visão tão positiva e referenciada, como é comum entre as juventudes francesa e brasileira, por exemplo, que usam a geração de 68 como exemplo até hoje. Neste sentido: “Uma possível hipótese explicativa é a seguinte: existe uma percepção que parece estar a insinuar-se entre os estudantes das casas comunitárias, de que o resultado das lutas daquela época não correspondeu às expectativas ‘emancipatórias’ das gerações anteriores, e aparentemente, também não responde às necessidades da actual geração” (2010, pp.280-281). Conclui que, há, portanto, uma baixa participação dos jovens no movimento estudantil e demais movimentos sociais, produto de um novo contexto que os faz pensar em atender suas necessidades individuais, como a inserção no mercado de trabalho e/ou ascensão econômica, por exemplo. Portanto, dedicando seu tempo a seus objetivos e não a militância. O motivo de estudantes oriundos das classes trabalhadoras, ao ingressarem na universidade, assumirem o compromisso com a família em obter um diploma e, conseqüentemente, adentrar no mercado de trabalho, conseqüentemente, mudar de classe social, na visão do autor, corrobora para tal distanciamento.

Em suas pesquisas, Estanque (2010) constatou que a pouca mobilização que existe é composta em maioria por membros do sexo masculino dentro de um grupo fechado, definido pelo autor como portador de um “ethos” elitista. O constante trânsito de estudantes entre o local da universidade e seus locais de origem, ou seja, as idas e vindas entre a universidade durante a semana para estudo e o retorno nos fins de semana para seus locais de moradia, dificulta a socialização, o processo de politização e disseminação de ideais, comuns na década de 60, pela permanência de tempo maior na universidade, sobretudo, na convivência nas casas comunitárias. A partir destes fatores elencados, percebemos um movimento estudantil

português frágil, com necessidade de reelaboração e atualização na forma de atuação, portanto, contrastando, na visão do autor acima, com o que foi o movimento estudantil das décadas anteriores, sobretudo, nos anos de 1960, tão referenciado pelos autores dedicados à temática.

Vimos acima, diferentes leituras sobre o movimento estudantil internacional de décadas atrás, sobretudo, dos anos 60 e algumas comparações com gerações posteriores. A intensidade de atuação variou de lugar para lugar e de autor para autor, dando maior ou menor destaque. No caso do movimento estudantil francês, alguns autores abordados apresentaram visões diferenciadas, contudo, nenhum deles deixou de mencionar sua importância histórica. Soares & Petarnella (2009) interpretaram a partir de Lefebvre (1968) um movimento estudantil de base marxista, dotado de um potencial transformador e revolucionário, capaz de interferir em sua sociedade. Destacaram ainda a importância da aliança com os trabalhadores e a identificação de valores e causas comuns entre eles, este é um dos pontos fortes do movimento francês de maio de 68.

Em concordância com estes fatores, Thiollent (1998), além de pesquisador, foi um militante da época e vivenciou todos estes acontecimentos. Este autor acrescenta a crítica de estudantes e trabalhadores ao sistema excludente e a uma universidade voltada para a satisfação dos desejos capitalistas, também suas contribuições para a gradual mudança nos setores educacionais e de direitos trabalhistas. Mais profundamente, temos a análise de Hobsbawm (2005) que tenta explicar os objetivos deste movimento e a atuação dos atores da época. Para ele, o movimento de maio de 68 não foi político ou contra o governo diretamente, mas como dissemos, significou uma crítica ao sistema. No entanto, a base para a tomada do poder foi propiciada pelos estudantes e trabalhadores a quem de fato a queria, o Partido Comunista, a oposição formal ao governo, porém, este não soube realizá-la. No caso português, o autor restringe a participação do movimento estudantil, menciona seu envolvimento em algumas ações sem muitos detalhes, porém, se refere a ele como elitista, tanto nos anos 60 quanto na atualidade, embora sejam épocas diferentes. Em 60, por ser composto pela classe média, ao nosso entender, isto significaria que o mesmo representava seus interesses e, este fator interferia na sua atuação. Na atualidade, ele o define como um grupo fechado, em sua maioria, masculino, porém, não deixa claro se a questão de classe lhe confere esse “ethos” elitista, ou se haveria um pensamento vanguardista entre estes membros.

Na comparação com os dias atuais, um contexto completamente diverso, mostra um movimento estudantil “fraco” e com menor capacidade de mobilização que a geração de 60,

portanto, Estanque (2010) encontra gerações muito distintas. As questões coletivas que faziam parte do interesse das gerações anteriores vêm perdendo espaço para o crescente individualismo das atuais, nas quais o desejo de realização profissional e ascensão social são predominantes. Este processo se explica, na visão do autor, na dissolução de referências que nas gerações passadas estavam presentes, na mudança no sistema que estreita o acesso ao mercado de trabalho e no estímulo ao consumo. Estes são fatores que provocam o distanciamento cada vez maior dos jovens de grupos associativos ou movimentos sociais.

2.2 O movimento estudantil nacional entre os anos 60-80 – Ações e perspectivas.

Entre as décadas de 60 e 80, o movimento estudantil alcança grande proporção entre as produções acadêmicas, pois este é considerado um período de grande efervescência do movimento em todo o país, como dissemos anteriormente. O movimento já existia, porém, com a Ditadura e as mudanças socioeconômicas, apresenta uma fase de grande atividade, atraindo os olhares dos estudiosos para o tema.

Um movimento que constrói sua trajetória histórica marcada pela luta entre causas específicas, mas não alheio a questões nacionais, como as Diretas Já, O Petróleo é Nosso, bem como, a associação com outros movimentos sociais como o religioso, por exemplo, formando a JUC – Juventude Universitária Católica. (GOHN, 2003).

Tomando para a discussão a oposição estudantil ao Regime Militar e as consequências do mesmo em nosso país, Reis Filho (1998), faz uma análise deste período, trazendo observações sobre o advento da Ditadura e a relação com o movimento estudantil e demais organizações de esquerda.

Nas conclusões de Reis Filho (1998), a Ditadura foi um período de contradições. Tinha-se a pretensão de levar o país ao desenvolvimento, porém, houve retrocesso tanto nos direitos sociais, civis e, principalmente, trabalhistas. Em contrapartida, para manter o Regime, o governo recorreu à repressão, perseguição e ao uso de violência. Surge a partir de então um novo quadro, o de luta por direitos, pela liberdade de expressão, pelo direito a greve e de negociação de salários. Tudo isso foi negado durante esta época.

Os jovens universitários participantes do movimento estudantil em 1968 representavam cerca de 5% da população ou 200 mil jovens oriundos, em sua maioria, da classe média, os mesmos compunham o movimento universitário e secundarista. Segundo Reis Filho (1998) o movimento estudantil estava concentrado nas questões reais de sua sociedade, apesar da origem de classe, suas ações não poderiam ser resumidas na defesa dos interesses da mesma. No entanto, o autor desmistifica o caráter eminentemente reformista e/ou contestatório como características intrínsecas dos mesmos, pois, muitas vezes, estes assumem posições conservadoras ou reacionárias, como brevemente comentado acima, a exemplo da direita liberal estudantil que na década de 60 era forte em vários estados, como no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Contudo, com força de repressão e ações violentas, o movimento aliado à Ditadura foi disperso, dando espaço ao movimento estudantil contrário, de resistência, o qual, segundo o autor acima, sem o uso de armas para o combate equiparado foi facilmente neutralizado.

Ainda segundo Reis Filho (1998), a mídia exagerava os acontecimentos, que acabavam atingindo proporções cada vez maiores: “Ao ecoar grandiosamente na mídia, uma pequena ação puxava outras, estimulando tendências, despertando coragens” (REIS FILHO, 1998, p.31). Com isso, neste período, a mídia acabou desempenhando um importante papel de divulgação tanto das revoltas no cenário brasileiro quanto no internacional.

Os grupos existentes se organizavam na clandestinidade, enviavam representantes para algumas atividades do governo, embora correndo riscos. A perseguição era implacável, as forças partidárias de oposição não conseguiam se manter, foram se fragmentando e aos poucos se diluindo. Junto a estes, intelectuais, jornalistas, religiosos e artistas uniram forças contra o governo. Apesar disto, este grupo ainda estava em desvantagem, não tinha como combater, com igualdade de forças e instrumentos, a repressão. Os poucos que participaram da luta armada, faziam munidos de pedras, paus e barricadas improvisadas. Do outro lado, revólveres, fuzis, bombas, granadas (REIS FILHO, 1998). Estando claramente em desvantagem, só restou a derrota. No entanto: “(...) aquelas pessoas tinham uma estranha autoconfiança. Acreditavam na própria capacidade de transformar a si mesmas e as suas condições de vida. Por contraste, por estranhamento, talvez advenha daí o interesse - e o fascínio - que a sociedade atual, dopada pelo conformismo, ainda sente por aquela gente” (REIS FILHO, 1998, p.34). Portanto, este autor levanta a possível explicação para a geração de 60 ainda ser tão discutida por estudiosos e lembrada pela comunidade estudantil. Este espírito de luta por ideais, por direitos em um contexto onde este simples ato era condenado e

perseguido, marca toda uma época e pode ser considerado um legado às gerações. Porém, há ainda pontos de vista variados que podem confirmar ou contradizer este espírito e os interesses dos jovens estudantes da época.

Continuando a discussão, dentre os autores que também se dedicam a temática juvenil e ao movimento estudantil universitário, Foracchi (1972) é uma delas. A autora retrata o movimento estudantil da década de 70. Para conhecermos suas conclusões, inicialmente, veremos como o conceito juventude é definido pela mesma:

A noção de juventude impõe-se como categoria histórica e social, no momento em que se afirma como produto histórico, isto é, como movimento de juventude. É possível, nestas condições, propor-se a questão geral do significado de uma consciência jovem, expressão dos conflitos e tensões que se desenvolvem no sistema e são extravasados nos movimentos de juventude (1972, p. 12).

De acordo com o descrito acima, é delegado ao jovem o poder de diagnosticar, criticar e reivindicar ações da sociedade. Foracchi (1972) propõe que esta atitude juvenil seja avaliada e explicada objetivamente, tomando como ponto de partida a relação entre a crise vivenciada pela sociedade e a afetação nos setores pessoal, social e institucional, sendo estes, os principais setores de fomento ao movimento estudantil. Esta autora, ao perceber a inquietação juvenil externalizada por meio de contestações, discute a existência de uma diferença entre os movimentos e as formas de manifestação, estabelecendo, portanto, a separação entre o movimento de juventude e o movimento estudantil. A autora também mostra realidades divergentes entre os jovens universitários e os não universitários, ou seja, os respectivos representantes das modalidades de movimentos acima destacadas. A diferença é melhor esclarecida nas falas a seguir:

O primeiro radicaliza a sua vinculação a universidade, pretendendo nela ativar a criação de uma *contra cultura* e tentando explorar as perspectivas do jogo político institucionalizado. O movimento de juventude radicaliza sua vinculação ao sistema, negando-a através de uma prática que se apoia na improvisação e na espontaneidade, pretendendo implantar um estilo de vida (FORACCHI, 1972, p.14).

Neste caso, o movimento de juventude definido pela autora, não está e não quer estar vinculado a qualquer tipo de instituição, enquanto o estudantil promove ações dependentes

deste vínculo institucional. Porém, não podemos deixar de salientar que o movimento estudantil é um segmento dos movimentos de juventude em uma versão específica.

Continuando o raciocínio de Foracchi (1972), toda sociedade elabora um modelo idealizado de adulto, depositando nele seus principais princípios e criando sobre ele uma expectativa. Segundo ela, ao discutir a transformação do indivíduo em adulto, é comum a redução deste processo a condições e etapas biológicas, portanto, segundo a mesma, cabe à sociologia uma explicação que vá além dos critérios naturais, principalmente no tocante as fases da vida, estabelecidas pela idade e que, portanto, distinguem as gerações, biologicamente falando. O conceito de geração não pode ser resumido considerando apenas a diferença de idade: “A geração constitui, assim, uma modalidade particular de localização social” (FORACCHI,1972, p.20). Esta autora usa o conceito de geração a partir da visão mannheimiana, ou seja, a partir de critérios sociais e não biológicos, de cunho subjetivo e não objetivo. Uma geração é determinada por sua capacidade de assimilação e reação ao um dado contexto (WELLER, 2010).

A base fundamental do adulto está em como ele foi socialmente preparado na adolescência. Os adultos preservam os valores e as normas absorvidas nesta fase. O jovem busca um estilo próprio para a vida adulta, porém nem sempre encontra. Nestes casos a tendência é avaliar sua sociedade, apontando e criticando as falhas. Uma das fontes socialmente aceitas são os movimentos sociais.

A autora, acima citada, também estabelece diferenças entre o posicionamento de jovens universitários provenientes de classes abastadas e os de baixa renda. Os primeiros, acostumados a um determinado padrão de vida, ao chegarem à universidade e constatarem as carências do sistema, indignam-se e são levados, não de maneira generalizada, à adesão de movimentos contestatórios. O segundo tipo de jovens discutidos, guiados pelo desejo de ascensão social, ou seja, sair da situação de origem, normalmente são tomados pelo conformismo.

Na pesquisa desenvolvida por Foracchi (1972), a mesma encontrou dois tipos principais de posicionamento entre os estudantes pesquisados, os quais foram definidos como alienação e radicalismo. O primeiro tipo, concentrado na formação e obtenção do diploma, o segundo, envolvido com ações de contestação e protestos, portadores de uma visão crítica, ambos provenientes das classes médias. Porém, Foracchi (1972) ressalta que, somente

uma minoria realmente adentra a posição radical. Os estudantes das áreas humanísticas são os principais representantes do movimento radical de oposição.

A universidade representa a sociedade, seus ditames, refletindo a crise desta, por isso, o espaço universitário pode ser caracterizado como:

Aquilo que, para os estudantes privilegiados, constitui o desenvolvimento natural de uma socialização refinada representa, para os jovens de camada inferior, um esforço de socialização. Tal fato significa que a universidade é seletiva e que absorve os critérios de seleção social da sociedade global; que preserva as diferenças sociais, chegando possivelmente a enfatizá-las, mas que não conduz, necessariamente, à conclusão de que essa seleção seja intensificada pela formação universitária e que dessa intensificação decorra o conflito dos estudantes com a universidade (FORACCHI, 1972, pp.44-45).

Como demonstra o trecho acima, a autora identificou dois perfis de jovens estudantes dentro da universidade pública e, neste caso, como a condição socioeconômica destes determina a sua visão da própria universidade e à adesão ou não ao movimento estudantil. No entanto, é importante destacar que, jovens de situação economicamente desfavorável, também participam de movimentos sociais, como movimentos culturais, movimentos de minorias ou outros tipos de movimentos juvenis, o que demonstra que os jovens de classes menos favorecidas também são passíveis de engajamento em lutas reivindicatórias e também podem possuir visão crítica aguçada.

É preciso considerar o contexto da sociedade e da universidade da década de 70, a qual se refere o estudo acima apresentado. Novas configurações foram montadas, características novas foram surgindo, antigas preservadas. O movimento universitário em si foi acompanhando estas mudanças, seja no perfil dos membros, em sua forma e conteúdo. Também, é importante destacar que, a autora analisa o movimento estudantil exclusivamente no espaço universitário, recortando-o da relação com os problemas sociais. Esta década que correspondia ao Regime Militar, bastante discutido por estudiosos e visto pelos mesmos como principal responsável pela atuação do movimento estudantil, não aparece no trabalho de Foracchi (1972), bem como, o envolvimento com outros segmentos e/ou lutas nacionais.

Mortada (2009), baseando-se no pensamento de Marialice Foracchi, analisa a interferência da atuação política na transformação do jovem em estudante, ou seja, mostra as duas categorias como interdependentes e transitórias. Complementa sua análise identificando

o viés marxista impregnado nas ações políticas do movimento estudantil da década de 60. A partir das falas de um dos militantes entrevistados, o autor afirma que: “Ao ingressarem na universidade, os jovens sofrem uma experiência capaz de ressignificar sua pertença e participação social” (MORTADA, 2009, p. 374). O jovem assume um novo papel social ao ingressar na universidade, o de estudante. Uma nova consciência surge a partir do novo espaço de socialização, ou seja, o compartilhar de experiências. Contudo, o autor ressalta que, entre os entrevistados somente a minoria aderiu a algum tipo de movimento social, embora a maioria reconheça a importância das lutas sociais, ou seja, há consciência política, mas baixa participação. A resposta para tal situação de acordo com Schidt(2001) apud Mortada (2009) está na miséria social, os jovens, principalmente os de classe baixa, precisam trabalhar para prover seu sustento e/ ou complementar a renda familiar, ao mesmo tempo, ocupam parte do seu tempo com as atividades acadêmicas e, assim não sobra muito tempo para a militância.

Ainda segundo Mortada (2009), o “peso” da herança de 1968 é grande sobre as novas gerações, que em um contexto novo recriam formas de atuação, fugindo a forma tradicional de mobilização juvenil, o movimento estudantil. Os jovens das novas gerações não acreditam tanto em sua capacidade de transformação social, ou seja, não possuem o pensamento idealizado de mudança, ao menos não em grande proporção. Os que militam, encontram-se mobilizados pela conquista de direitos específicos, formando grupos minoritários dentro do próprio movimento, os chamados coletivos, a exemplo do negro, feministas, LGBT's, também os movimentos voltados para as questões ecológicas. Distantes de uma concepção revolucionária, estes grupos partem destas causas para uma gradativa mudança social.

Nos anos 60 ocorria o contrário, os militantes se percebiam dotados de um potencial de intervenção social e acreditavam em suas causas e na coragem para tal: “(...) resta na memória dos entrevistados, a lembrança da coragem e da solidariedade entre militantes, conscientes que tinham um papel de cumprir seja o de preservar o pensamento socialista, seja o de salvar amigos e companheiros” (MORTADA, 2009, p.377).

Continuando o pensamento de Mortada (2009), ele é mais um dos autores que concordam que as gerações de 60 e 70 realizaram mobilizações de grandes proporções, inclusive de alcance internacional. No entanto, na opinião do autor, atualmente a atuação do movimento estudantil não tem conseguido alcançar níveis tão altos. Fazendo uma comparação entre as décadas de 60 a 80, encontramos nos anos 80 o crescente esvaziamento dos espaços de socialização, locais onde a juventude encontrava-se para trocar ideias, estes também

constituíam ambientes de politização e cultura, fato comum nos anos 60. A falta de frequência deles pode ser um dos fatores para a despolitização da juventude atual.

Assim, na experiência universitária contemporânea, o mero esforço do estudante em habitar sua instituição de ensino, sob qualquer forma ou nível de politização, passa a valer como uma espécie de militância, como esforço na contracorrente dessa desertificação. Habitar a universidade passa a ser algo suficiente para distingui-lo dos demais colegas de seus colegas que, nas palavras dos depoentes, “assistem as aulas e vão embora” (MORTADA, 2009, p.380).

O autor, do trecho acima, não considera mais a universidade como espaço de socialização e politização de outrora. O mesmo consegue perceber que há mudanças no contexto social e político entre as juventudes das épocas comparadas, contudo, usa as características da juventude de 60 como referência de análise entre esta e as gerações posteriores, fato que não deixa de colocar sobre os ombros destas últimas o peso do ideário que representou a geração de 60.

Na leitura acima, vimos o movimento estudantil nacional a partir de diferentes visões, sua atuação parece em intensidades diferentes, bem como, seu legado à sociedade e à história nacional. Reis Filho (1998) mostra um movimento estudantil oriundo da classe média, porém dissociado das questões de sua classe. Para este autor, a geração de 68 representou uma parcela da população brasileira preocupada com os problemas da sociedade como um todo, não apenas fixado em questões específicas. A oposição ao Regime Militar, a negação das liberdades e dos diversos direitos incitavam os estudantes e demais setores à luta. Com a divulgação destes embates pela mídia, o movimento foi ganhando popularidade e marcou a história da ação de jovens/estudantes no cenário nacional. Foracchi (1972) define o papel social dos jovens esperado pela sociedade e explica que, na rejeição a esse modelo pré-determinado e imposto, surgem alguns grupos reagentes a ele. Entre eles estão os diversos movimentos de juventude e o movimento estudantil, e é neste último que a autora se detém.

Em seu trabalho, Foracchi (2009) explica quem são estes jovens que assumem o papel contestador, que, por sua vez, são jovens de classe média preocupados em corresponder às expectativas de sua classe, frustram-se ao ingressar na universidade e se deparar com um sistema de ensino e estrutura defasados. A autora localiza o movimento estudantil dentro do espaço universitário, concentrado exclusivamente nos problemas desta. Mortada (2009), influenciado pelas ideias de Foracchi, ressalta a passagem de jovem a estudante. Segundo o

mesmo, este processo ocorre a partir da entrada na universidade, do convívio em novos espaços de socialização e com o papel assumido a partir da atuação política. Este autor exalta as contribuições do movimento estudantil da década de 60 nos âmbitos nacional e sua propagação internacional, contudo, ao comparar as gerações de 60 e as atuais, é possível encontrar dessemelhanças, pois não há mais o senso crítico de outrora. As questões mercadológicas ocupam o espaço das sociais, a universidade atual não representa mais o local de socialização, politização e disseminação de ideias.

Portanto, três leituras do movimento estudantil brasileiro, cada uma com seu recorte e sua contribuição para o entendimento do que foi, sua composição e questões de décadas anteriores.

2.3 A trajetória do movimento estudantil na UFAL entre 60 a 80 – Atuação e principais bandeiras.

Em 26 de janeiro de 1961 é formada a Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Neste período, já existia no Estado um consolidado movimento estudantil, a União Estadual dos estudantes (UEEA) ligada a UNE, composta por estudantes do ensino superior, bem como, o movimento secundarista formado pela União dos Estudantes Secundaristas de Alagoas (UESA), pertencente a UBES- União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. Estes compunham o principal foco de mobilizações e lutas no território alagoano da época.

Os principais objetivos do movimento alagoano na década de 60, em si, não se diferenciava do movimento nacional, defendia-se o sentimento nacionalista, a democracia em todas as instâncias, incluindo dentro da universidade, direitos políticos e sociais, sobretudo, oposição ao imperialismo norte americano (VASCONCELOS, 2011). Nas suas formas de atuação, o mesmo realizava publicações de artigos em periódicos pertencentes a cada Diretório Acadêmico, também o boletim “Atualidades que interessam aos universitários”, o periódico do DCE, O Novo Sol, além da realização de greves, congressos e seminários, todas estas ações, estratégias de luta e reivindicações do movimento estudantil dentro da UFAL.

A década de 60 foi bastante movimentada. Em março de 1960 foi decretada greve de caráter nacional em protesto contra a agressão sofrida pelo presidente da UNE na capital do

país. Neste mesmo ano, houve também uma greve promovida pelos estudantes reivindicando a fusão das duas faculdades de Odontologia, a estadual e a federal. O Diretório Central dos Estudantes, DCE, ainda não existia, o mesmo só nasceria dois anos mais tarde, precisamente em 21 de fevereiro de 1962. Outros acontecimentos marcariam este mesmo ano: em julho de 62 foi deflagrada a Greve de um Terço, que durou três meses, na ocasião os estudantes ocuparam o prédio da Faculdade de Filosofia. Aindaneste ano, o DCE promoveu o I Seminário Alagoano de Imprensa Universitária, realizado em Santana do Ipanema e outro em Palmeira dos Índios. Deste último evento nasce a Declaração de Palmeira dos Índios. Outro fato marcante foi o lançamento do “Movimento de descrédito”, que colocava em xeque a contratação de profissionais sem concurso e a capacidade profissional destes (VASCONCELOS, 2011). Estes acontecimentos demonstram uma década de intensa atividade do movimento estudantil na UFAL e sua participação nos processos de instauração e transformação da mesma, as quais foram ocorrendo gradualmente e em longo prazo.

A UEEA oferecia aos estudantes alguns serviços assistenciais como um Restaurante Universitário, A Casa do Estudante Universitário, uma residência feminina, a RUFA – Residência Universitária Feminina de Alagoas fundada em 1961, também mantinha o Clube Universitário. Porém, a partir de 1966 a UFAL assume a assistência estudantil, e a UEEA é desativada pelo Regime Militar.

Segundo a definição de Agatângelo Vasconcelos, militante da época:

Embora nem sempre tão coeso quanto fora desejável, o Movimento Estudantil alagoano, nos primórdios da Ufal, como vimos, era muito presente. Não desejamos apresentar a imagem de um Movimento Estudantil triunfante: aconteceram erros por ações e omissões, objetivos não foram alcançados, aconteceram acomodatamentos etc. Entretanto, ele mobilizou as questões locais, participou articuladamente das lutas no cenário nacional e esteve presente aos grandes encontros estudantis, em diferentes Estados Brasileiros (2011, p.04).

O trecho acima traz o retrato do que foi o movimento estudantil alagoano nos primeiros anos da recém-fundada UFAL. O Diretório Central dos Estudantes, DCE, ou seja, a maior representatividade do movimento estudantil, além de empreender ações particulares, tem sua história marcada pela parceria em lutas com as duas outras entidades principais da

universidade: Adufal e Sintufal, formando uma tríade de lutas e sustentação do espaço acadêmico.

Em 1970 nasce a Adufal – Associação dos docentes da UFAL, a entidade tinha como propósito defender os interesses da categoria, como melhores salários e condições de trabalho, também, em meio ao Regime, defendia uma educação democrática, eleições diretas e anistia aos perseguidos e exilados políticos. No que diz respeito aos servidores públicos, a categoria só consegue autonomia a partir da década de 80 quando se liberta da tutela da universidade, quem a criou, no início, sob o nome de Assufal -Associação dos Servidores da Universidade Federal de Alagoas, com o propósito assistencialista, sendo renomeada mais tarde Sintufal – Sindicato dos Trabalhadores da UFAL, após a quebra do domínio da Reitoria. A entidade realizou greves na luta por seus direitos e continuou a fazer ao longo dos anos.

Segundo Verçosa & Cavalcante (2011), as três entidades, Adufal, DCE e Sintufal, têm um histórico de somatório de forças, sendo acentuado, sobretudo, na chamada Era FHC, contra as privatizações a favor da universidade pública e de qualidade. Este foi um momento decisivo de aliança entre as três entidades, realizando mobilizações e passeatas. Sobre esta união:

A ação da Adufal, de fato, desde sua criação em 1979, a partir das lutas imediatas por respeito aos docentes em relação às condições salariais e de trabalho e por uma carreira digna, logo se articulou com os embates travados pelo movimento estudantil que reconstruía sua organização autônoma e com as entidades democráticas da sociedade civil organizada, avançou e, a partir da conquista da anistia, travou batalhas memoráveis como as “Diretas Já” e pela democratização do poder no interior da Ufal, unindo-se aos companheiros da Assufal, enquanto fazia cair por terra a maior bandeira que lhe era imposta – o temor de muitos docentes de se integrar ao movimento, sobretudo quando deflagradas as greves nacionais por carreira e salário e por uma universidade adequadamente financiada pelo Poder Público (ALBUQUERQUE, 2011, p. 08).

Acima temos as falas de uma ex-professora da UFAL, ex-integrante da Adufal, a mesma exemplifica a união dos movimentos, a partir da década de 80 e as principais lutas travadas em conjunto. Além das questões específicas de cada entidade, cada uma tinha na outra uma fonte de apoio, as preocupações com as questões sociais não são dissociadas das ações, uma vez que a universidade é um reflexo da sociedade e seu contexto. A questão do ensino de qualidade aparece como prioridade para os três segmentos e a participação do movimento estudantil junto às demais, explicita o caráter associativo e a capacidade de adesão

a causas que extrapolam as necessidades exclusivas dos discentes. Como exemplos da ação em conjunto, temos em 1998 uma manifestação no centro de Maceió durante o período de greve dos professores, as três entidades levantaram juntas a bandeira por melhores salários, melhores condições de trabalho e ensino. Também a manifestação que ocorreu em 2001, no mesmo local, contra as privatizações e os cortes de verbas para a universidade pública.

Saldanha (1994), em nosso conhecimento, é o principal autor sobre a questão do movimento estudantil universitário em Alagoas. O mesmo faz uma investigação procurando entender o movimento entre os anos 60 a 85. Este autor faz em seu trabalho um levantamento histórico e crítico, mostrando as transformações ocorridas no movimento alagoano, não deixando de fazer alguns apontamentos em nível de Brasil e a correlação com o movimento em Alagoas, discutindo as principais lutas, dificuldades, enfrentamentos, entre outros aspectos de relevante importância.

Saldanha (1994), em suas pesquisas, partiu da crença no caráter revolucionário do movimento estudantil alagoano e no seu envolvimento com as classes menos favorecidas, que esta ligação seria de maneira direta, e que esta característica seria uma constante do movimento estudantil. No entanto, esta ideia se dissolveu a partir da realização e conclusão da pesquisa, a partir de então, o caráter intrinsecamente revolucionário dos estudantes é posto em xeque. Esta pesquisa encontrou um movimento estudantil composto por filhos da classe média alagoana, portadores dos anseios desta, preocupados em realizar-se profissionalmente, opositor de um sistema político que não investia na educação pública, muito menos se preocupava com sua qualidade. Este era o perfil do jovem/universitário nas primeiras décadas da UFAL e o contexto político do movimento da época. O qual foi definido pelo autor como:

Enquanto categoria social pertencente as “classes médias” seu comportamento seria variável e oscilante. Na medida em que sofrem com o processo de assalariamento, mas ao mesmo tempo por serem trabalhadores não manuais, ocupam papel de destaque no aparelho do Estado. O que aponta no sentido de que sua aliança com a “classe operária” ou a “classe trabalhadora” não significaria a identificação social ou a fusão com os objetivos populares (SALDANHA, 1994, p.16).

A exemplo do que ocorreu com Foracchi (1972), abordada anteriormente, uma das autoras utilizadas pelo autor do trecho acima. Saldanha, também encontrou um movimento estudantil composto pela classe média e fiel representante da mesma, com objetivos e atuações que variavam conforme os interesses e a conjuntura, mas “deslocado” das questões

sociais. O que difere entre as abordagens é que Foracchi (1972) não menciona o envolvimento do movimento estudantil com outros setores sociais ou sua participação em ações de caráter social-geral. Enquanto Saldanha (1994) traz a oposição à Ditadura e ao não investimento nas universidades públicas. Sobre a associação com outros setores, o autor reporta-se a ação conjunta em alguns momentos com o movimento secundarista.

No trabalho de Saldanha (1994) é mencionada uma tentativa de contato e mobilização das massas contra o Regime Militar na década de 70, iniciativa do PCR em Maceió. Porém, a estratégia foi frustrada, a repressão e a perseguição da polícia eram fortes demais. Nesta época dois líderes do partido que atuavam em Alagoas foram presos e mortos, Manoel Lisboa de Moura e Emmanoel Bezerra dos Santos.

Com relação ao funcionamento do movimento estudantil alagoano, o envolvimento com partidos políticos e sobre a influência destes em suas bandeiras e ações, Saldanha (1994) faz a seguinte colocação:

As entidades estudantis alagoanas que vinham conseguido funcionar, dentro dos limites da legalidade imposta pelo Regime Militar, tiveram uma derrota em 1973 que redefiniu a própria organização estudantil. A prisão de membros do DCE e de alguns diretórios sob alegação de pertencerem ao Partido Comunista Revolucionário, em julho de 1973, levou a Reitoria da UFAL a suspender as atividades do Movimento Estudantil por seis meses (p.20).

O trecho acima explicita um momento de dificuldade enfrentado pelo movimento alagoano e justifica a opção pela agência dentro dos limites considerados legais pelo Regime, fato que assegurou sua continuidade. O chamamento à luta armada era incitado pelos poucos membros de esquerda filiados ao PCR, porém, não conseguiu êxito, predominando a primeira opção. É claro que, apesar do interesse classista e das lutas concentrarem-se em reivindicações de caráter estrutural-institucional, estas tinham um cunho político e um aparato partidário. Contudo, nem todos os membros eram filiados. Dos partidos aderidos, além do PCR, que era minoria, havia o PCB e a AP/PC do B (uma fusão da Ação Popular com o Partido Comunista do Brasil), estes últimos que eram contra o enfrentamento e o combate armado, tinham maior influência dentro do movimento (SALDANHA, 1994).

Entre os anos pesquisados pelo autor, houve muitas oscilações partidárias no movimento, também uma grande variação nas demandas de lutas travadas, principalmente

sobre a Reitoria, acusada de reproduzir os interesses do Regime Militar e de negligência. A maioria das lutas tratava-se de reivindicações sobre o aumento de vagas, ampliação do espaço acadêmico, melhoria nos transportes de acesso à UFAL e distribuição das carteiras estudantis. Estas foram as principais bandeiras levantadas pelos estudantes entre os anos 60-80.

Segundo Saldanha (1994), a expectativa sobre a juventude em nossa sociedade, alagoana e brasileira, em geral transita entre duas visões: a que vê o jovem como problema e a que espera dele atitudes transformadoras e revolucionárias. “Essa visão ‘mitológica’ identifica na ‘Condição Estudantil’ ou ‘Juvenil’ a causa da ação radical dos estudantes na luta política” (SALDANHA, 1994, p.26).

O movimento estudantil universitário também se aliou em diversos momentos retratados no texto aos estudantes secundaristas, que por várias vezes engrossaram os protestos, participaram de reuniões e de eventos culturais. Percebe-se nesta união, o reconhecimento de causas comuns, de uma mesma condição, estudantes, e o pertencimento a mesma categoria – jovem. Jovens apoiando outros jovens, como no caso já citado no início, do estudante secundarista Edson Luis. Na UFAL, em virtude da morte do estudante, o DCE decretou luto por sete dias e greve por setenta e duas horas, seguidos pelos estudantes do colégio Moreira e Silva, localizado no atual CEPA, porém, por medo da repressão não foram às ruas protestar (SALDANHA, 1994).

Ainda de acordo com Saldanha (1994), o principal motivo de oposição ao Regime pelos universitários era o descaso deste para com o ensino superior público, falta de investimentos em infraestrutura, em contratação de profissionais, apoio do Estado ao imperialismo norte-americano, sobretudo, ao incentivar a abertura de faculdades particulares.

Em se tratando do caráter “revolucionário” do movimento e a possibilidade de confronto, este fato causou divergências dentro do movimento, como dissemos a pouco, vencendo o segmento pacifista que optava pelas ações legais:

A investigação sobre o movimento estudantil alagoano veio demonstrar que as lideranças estudantis universitárias atuaram muito mais no campo da legalidade, priorizando a tática política de “frente-única”, ou seja, buscando unir forças para enfrentar um inimigo mais forte, que as “ações exemplares”, tão propagadas pela maioria da esquerda organizada, que acreditavam no esgotamento do regime militar e entendiam que as vanguardas políticas tinham o papel de criar fatos políticos que despertassem a população para o confronto (SALDANHA, 1994, p.18).

O trecho acima demonstra que a juventude estudantil não dispunha do caráter revolucionário, “salvador”, da sociedade em geral. Contudo, é possível identificar uma juventude comprometida com uma causa, defensora de suas crenças, de seu futuro.

Devido ao embate com a Reitoria e em alguns momentos com o próprio Ministério da Educação, foi possível a realização de mudanças graduais na Universidade Federal de Alagoas – UFAL e tem continuado até os dias atuais. Com suas especificidades, sempre obedecendo a um fluxo contínuo e dinâmico, o movimento estudantil em Alagoas vai seguindo.

3 O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA ATUALIDADE – RECORTE SOBRE A ATUAÇÃO E BANDEIRAS NO ATUAL CENÁRIO POLÍTICO-SOCIAL.

Estamos agora em outra época, inseridos em uma nova realidade política, social e histórica. O século XXI chegou trazendo mudanças, principalmente a promessa de modernidade, tecnologias avançadas, o domínio do sistema informatizado, novas formas de socialização e interação através da internet, redes sociais. Neste cenário de “magia”, de realização de desejos, imagina-se uma sociedade perfeita, longe de ditaduras e perseguições políticas abertas, pensamos não haver motivos para contestações, mobilizações e oposições políticas. Engana-se quem pensa assim, estamos longe de viver esta utopia, os tempos são outros, mas com eles vieram seus problemas, novas causas foram surgindo, outros motivos para oposição e contestação, as formas de atuação são recriadas, bandeiras são inventadas ou reinventadas, obedecendo a dinâmica histórica e natural dos tempos a qual somos submetidos e influenciados.

A juventude de ontem, ou dos anos tratados no capítulo anterior, 60-90, dá espaço aos novos jovens com seus novos estilos, novas motivações e novas formas de se fazer política. No entanto, o movimento estudantil, tradicional como é chamado, continua presente nos dias atuais, dentro das academias, nas ruas, atuando em conjunto com outros movimentos sociais e/ou segmentos dentro dos espaços acadêmicos, recriando lutas, vivendo o nascimento de novas bandeiras, interagindo com os demais estudantes, usando estratégias de mobilização. É deste movimento que iremos tratar, apresentar mobilizações, bandeiras e, acima de tudo, responder o que faz os jovens/estudantes quererem participar.

Este capítulo tratará das bandeiras atuais levantadas pelo movimento estudantil nacional, mas, principalmente, as alagoanas. Destacando suas formas de atuação, enfrentamentos, sobretudo destacar as principais manifestações ocorridas, como e por que acontecem, ou seja, através da defesa de quais causas. Desta forma, pretende-se responder quais as atuais preocupações dos jovens militantes, fazendo também um paralelo entre os níveis nacional e local.

3.1 Movimento estudantil - Novo contexto, novos desafios.

Embora este trabalho tenha como objetivo tratar do movimento estudantil em Alagoas, não poderia deixar de trazer as questões nacionais para a discussão, sabendo-se que é impossível fazer a total separação entre os movimentos, pois os mesmos possuem bandeiras específicas (locais), mas também gerais, ou seja, nacionais, as quais são levantadas pelos movimentos estudantis em todo o país.

Com a repercussão da atuação do movimento estudantil das décadas de 60,70 e 80 discutidos no capítulo anterior, vem à nossa mente as seguintes indagações: O que veio depois? O que aconteceu com o fim da Ditadura e da repressão? Com quais questões o movimento estudantil passou a se preocupar? Houve rumores de que o movimento estudantil tinha acabado, pois seu principal oponente, a Ditadura Militar, tinha deixado de existir, então verificaremos a que o movimento estudantil na atualidade se opõe.

Barbosa (2008) tenta responder estes questionamentos, fazendo um levantamento das ações do movimento estudantil no Brasil entre 90 a 2001, preenchendo o espaço deixando entre as gerações das décadas de 60 a 80 e a nova fase do movimento, a partir de 2007 com o REUNI. Segundo esta autora, entre as décadas de 80-90 apresenta-se um movimento estudantil fragilizado e fragmentado. Em 1992 a juventude volta à cena com os “caras-pintadas”, o movimento ressurgiu com uma nova “cara”, em um contexto diferente, livre de repressão e do confronto policial. As passeatas e protestos são dentro da legalidade, respeitando os direitos democráticos. No entanto, a autora frisa que, um protesto eventual e sem continuidade, não significa o retorno do movimento estudantil em si.

Ainda de acordo com Barbosa (2008), após o *impeachment*, um novo momento de recessão surge. Sendo retomadas algumas atividades de cunho cultural em 1999, bem como, Encontros de Áreas com discussões específicas. Para ela, a “fraqueza” do movimento estudantil desta época se dá pelo crescente processo de globalização e a acentuação do individualismo, fatores que tem contribuído para a desarticulação dos estudantes.

A Era FHC traz novas manifestações. “Esse mesmo contexto que dificulta a organização dos indivíduos é gerado de desigualdades, injustiças e sucateamento da educação, elementos esses que, bem fundamentados ou não, constituem-se em motivos para manifestações e protestos por parte dos estudantes” (BARBOSA, 2008, p.58).

Segundo a autora acima citada as principais bandeiras do movimento estudantil entre 1999 a 2001 são: as carteirinhas de identidade estudantil da UNE, o Exame Nacional de Cursos, as Cotas, o apoio à greve das universidades em maio de 2000 e a reivindicação pela abertura de CPI's. Sobre as manifestações, estas eram escassas e específicas. As de maior expressão foram contra FHC e o FMI. Outra razão para a fragmentação e dispersão do movimento está nas divergências político-partidárias.

Ainda de acordo com Barbosa (2008), as discussões nos Encontros e Congressos, acabavam centralizando-se nas formas de conduzir o movimento ou nas diferenças partidárias, em lugar de se debater questões do interesse dos estudantes. Esta é uma característica que difere um momento político do outro, ou seja, as décadas de 60, 70, 80 das de 90-2001. O movimento estudantil de antes era unificado e as diferenças partidárias colocadas de lado na luta em defesa de interesses comuns, nas últimas décadas os interesses são os mesmos, porém, o acirramento sobre as formas de atuação é maior.

Sobre as bandeiras defendidas pelo movimento, a Reforma Universitária, frequentemente discutida em décadas atrás, bem como, em outros países, como vimos anteriormente, faz parte da pauta do movimento estudantil na atualidade. A questão da Reforma Universitária e a luta por um ensino de qualidade tem se estendido por décadas e tem sido pauta de debate do movimento estudantil em toda a América Latina. Durante o congresso da Associação Latino Americana de Sociologia (ALAS), realizado em Recife entre os dias 6 e 11 de setembro de 2011, um grupo de estudantes chilenos expuseram faixas nos ambientes do congresso e debateram, em um espaço alternativo dentro do ALAS, com estudantes de todo o país e demais estudantes estrangeiros, questões referentes a este tema.

No que se refere à temática da Reforma, sobretudo, os programas PROUNI e REUNI tem dividido o movimento estudantil. Parte dos estudantes questiona a aplicação destes programas, sua funcionalidade e eficácia, por outro lado, a UNE mostra-se a favor destas políticas governamentais (MACHADO, 2008). Esta apologia por parte da UNE aos projetos governamentais, principalmente, seu silêncio sobre a maneira como estes estão sendo executados, é um dos motivos para o rompimento de diversos segmentos do movimento estudantil com esta entidade, propiciando a criação de entidades alternativas como a ANEL - Associação Nacional de Estudantes Livres. Esta última palavra já indica uma crítica à atual UNE.

Machado (2008) chama a atenção para o resgate da memória do movimento estudantil, bem como uma maior atenção aos demais movimentos juvenis, salientando sua importância para a história do país. Cita o PROENGE – Projeto a Engenharia Nacional, os Estudantes e a Educação Superior: A Memória Reabilitada (1930-85), como um projeto com a finalidade de levantar, organizar e perpetuar dados referentes aos movimentos estudantis e juvenis de todo o país, trabalho este que durou três anos.

A memória do movimento estudantil nacional tem se perpetuado na história como um movimento político contestatório, de lutas, causas específicas e nacionais, com sua forma de atuação e desafios constantes a serem enfrentados e assim tem ultrapassado a barreira do tempo, acompanhando e sofrendo as mudanças provocadas pelo mesmo, passando por momentos de conquistas e crises.

Para compreender as alterações sofridas pelo movimento estudantil ao longo da história, Brandão (2008), em sua abordagem, faz um paralelo entre o movimento estudantil dos anos 60 e a juventude dos anos 90 em diante. Explica que as mudanças sofridas pelo movimento condizem com a mudança na conjuntura política do país. Na década de 60 o movimento lutava contra a Ditadura Militar e sofria sua repressão; no atual contexto histórico-político, o jovem/estudante possui liberdade de expressão, mas ainda enfrenta problemas, sobretudo, dentro do campus universitário. Se em 60 havia problemas como a insuficiência no número de vagas, o problema dos “excedentes”; nos dias atuais ainda se luta pela ampliação de vagas, principalmente por um ensino de qualidade que atenda as novas demandas profissionais.

Assim como Estanque (2010), autor abordado no capítulo anterior, Brandão (2008) encontra, em suas pesquisas, o processo de globalização como responsável pelo acelerado ritmo das mudanças pelas quais nossa sociedade tem passado, a partir disso, novas necessidades surgem e com elas novas questões a serem debatidas, é o caso da inserção no mercado do trabalho. Segundo os autores acima mencionados, esta tem sido a principal preocupação dos estudantes universitários pesquisados por eles, um ponto comum entre as pesquisas de dois países distintos, Portugal e Brasil, respectivamente.

Ao buscar os motivos do “desinteresse” de jovens/estudantes em participar do movimento estudantil, Brandão (2008) constata que, para estes, há uma incompatibilidade entre seus interesses e os do movimento. Além disso, o envolvimento do movimento estudantil em partidos políticos tem contribuído para a fragmentação do mesmo, o conflito

entre bandeiras divergentes dentro do movimento estudantil, representa outro motivo para o não engajamento de novos membros. Para solucionar este problema, o movimento decidiu revisar sua pauta de discussão. A ideia principal das lideranças é conscientizar os jovens/estudantes para os problemas sociais mais amplos, fazendo-os perceber que alguns problemas particulares, como o desemprego, por exemplo, são estruturais e enfrentados em todo o país.

Notamos que, semelhante a outros momentos, como na década de 60, os líderes estudantis apresentam um empenho em conscientizar os estudantes a cerca da importância da participação em debates e decisões de assuntos da sociedade. Porém, há dificuldades entre os líderes estudantis para demonstrar aos estudantes a relação entre o que estes denominam de problemas específicos da realidade estudantil e o contexto sócio-político e econômico do país (BRANDÃO, 2008, p.75).

Outras estratégias adotadas para atrair novos membros foram o afastamento das ideias político-partidárias, a promoção de encontros regionais discutindo pautas locais, a elaboração de projetos independentes da UNE, a volta dos Centros Populares de Cultura, tão comuns durante a Ditadura, bienais do estudante, além das práticas de costume como panfletagens, passeatas, etc. (BRANDÃO, 2008).

3.2 Mobilização e atuação – As novas bandeiras e desafios do movimento estudantil contemporâneo.

O movimento estudantil, ao longo da história, tem passado por mudanças. No caso do movimento estudantil em Alagoas não é diferente, o mesmo tem passado por transformações gradativas, tendo sempre desafios a serem enfrentados, estratégias de ação e mobilização a serem pensadas e repensadas e, principalmente, lutas a serem encabeçadas. Se retrocedermos no tempo, veremos a Universidade Federal de Alagoas resumida apenas aos cursos de medicina, direito, odontologia e filosofia, além dos problemas estruturais de espaço físico, reduzido número de vagas, bem como, o excessivo número de estudantes por turma, a exemplo do curso de medicina em 60, que chegou a funcionar no horário noturno e o problema dos “excedentes”, ou seja, estudantes que eram aprovados, mas não classificados.

A atuação do movimento estudantil, ou da entidade de representação maior, o DCE, tinha suas ações restringidas pelo poder do Regime Militar, a liberdade de expressão e contestação também eram prejudicadas. A oportunidade de escolha livre e direta dos representantes políticos nacionais eram-lhes negada e, dentro da universidade, a escolha de seus representantes era limitada, a exemplo de 1964, ano o qual a escolha dos membros do DCE deixou de ser por eleições, voltando a ser direta somente em 1980 (SALDANHA, 1994). Este era o contexto político do movimento estudantil na UFAL entre 60 e 80.

Hoje, nos deparamos com uma realidade diferente, mas não livre de problemas. O movimento estudantil formado por diversos segmentos e seu representante DCE, ainda encontra entraves a sua atuação, sofre represálias por parte da Reitoria e, principalmente, possui numerosas questões a serem reivindicadas e/ou contestadas. A Reforma Universitária chegou, e com ela os problemas pertinentes, os quais têm provocado ações e reações de estudantes da capital e interior, às vezes em manifestações localizadas. Contudo, a maioria das ações conta com o apoio de militantes dos demais campi e polos.

A UFAL atualmente é composta por três campi: Maceió, Arapiraca e Sertão e ainda possui os polos de Viçosa, Penedo e Palmeira dos Índios, pertencentes ao campus Arapiraca, Santana do Ipanema e Delmiro Gouveia, ao Sertão, e Rio Largo, ligado a Maceió. Cada um destes, com suas carências, seja por falta de professores, espaço físico precário, bibliotecas defasadas, falta de segurança, entre outros aspectos de relevante importância. Em todos, existe foco de movimento estudantil e mobilização.

O DCE – Diretório Central dos Estudantes, denominado Quilombos dos Palmares, referindo-se a força e resistência do quilombo alagoano e maior quilombo do Brasil, é a entidade maior de representação dos interesses dos estudantes. Possui membros em todas as unidades UFAL, sendo composto por 35 cadeiras na Diretoria Executiva e 15 nas Diretorias Ampliadas. A gestão é escolhida por eleições diretas ocorridas anualmente e a distribuição do número de cadeiras é proporcional ao número de votos de cada chapa. Neste caso, percebemos que a entidade, de maneira geral, contempla tanto as diferentes unidades da universidade como os diversos segmentos de movimento que, pela proporcionalidade de votos, tem seu número de cadeiras na entidade, o que faz deste o principal foco de movimento estudantil dentro da UFAL. Não esquecendo que a entidade é a responsável pela convocação e mobilização dos DA`s (Diretórios Acadêmicos) e CA`s (Centros Acadêmicos), que são representações estudantis mais específicas.

3.3. O Movimento na UFAL - Fazendo história.

3.3.1 As ocupações de Reitoria e outros protestos – A influência do REUNI na ação do movimento na UFAL.

As manifestações estudantis, bem como as ocupações de prédios públicos dentro das universidades em todo o país são comuns. No contexto internacional, este tipo de ação também acontece, como exemplo, temos o movimento estudantil francês, discutido no capítulo II, que na década de 60 usou esta estratégia.

Em Alagoas não é diferente, como exemplo, podemos citar a manifestação dentro do Restaurante Universitário da UFAL ocorrida em 27 de outubro de 2010. Na ocasião os jovens/estudantes reivindicavam a ampliação da capacidade do mesmo, o grito de guerra era: RU para todos! Durante a ocupação, os estudantes ocuparam a cozinha do restaurante e ofereceram comida gratuita aos demais estudantes que estavam no local⁵. A luta pela ampliação do número de vagas de comensais no RU da UFAL é antiga, foi uma das pautas de reivindicação durante a ocupação da Reitoria em 2005 e 2007. O fato resultou em acordo com a Reitoria para a execução do projeto de ampliação, o que segundo os estudantes, ainda está em processo.

Em 26 de outubro de 2005, um grupo de estudantes organizados pelo Comando de Mobilização Estudantil ocupou a Reitoria da UFAL. A ocupação tinha razões específicas, como a ampliação do RU, acima mencionada, e questionava, assim como em todo o país, a Reforma Universitária e a forma como esta seria executada. Inicialmente, para os estudantes esta consistiria na substituição gradual do ensino público pelo privado, chegando a ocorrer rumores na época sobre a transformação das universidades públicas em particulares.

As obras do REUNI ainda não tinham sido iniciadas em 2005, no entanto, a Reforma gerava muita polêmica e dividia opiniões, existia toda uma expectativa do que viria pela frente. Somente em 2007, o projeto entra em vigor, ou seja, o plano do governo para a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras, o qual fazia parte de um

⁵Disponível em: <http://cadeservicosocialufal.blogspot.com.br/2010/10/nota-do-movimento-ru-para-todos-ufal.html>. br. Acesso em 06 de outubro de 2011.

conjunto de medidas propostas pelo MEC, sendo instituído através do Decreto de Lei 6.096 de 24 de abril de 2007.

O REUNI tinha como objetivos, através da liberação de verbas para as universidades, ampliar o acesso ao ensino superior, contratar um melhor número de profissionais, construir e melhorar a estrutura física, adquirir equipamentos, montar laboratórios, enfim, dar condições às universidades para oferecer aos estudantes e à comunidade acadêmica como um todo, ensino e estrutura de qualidade. As metas a serem alcançadas eram: redução da evasão, ocupação das vagas não preenchidas e aumento destas em todos os cursos, principalmente no turno noturno. Não esquecendo, a proposta de democratizar o ensino público superior, descentralizando-o e levando-o a outros locais e assim, facilitando o acesso de estudantes que enfrentavam dificuldades em tê-lo, seja pela distância, pela falta ou precariedade de transportes ou pela dificuldade em conseguir vaga nos cursos, pois era limitado o número ofertado no campus da capital, que era a única opção. No entanto, como serão demonstrados ao longo do texto, outros problemas surgem a partir dos projetos governamentais.

Retomando a ocupação de 2005, durante a mesma, algumas reivindicações foram feitas à Reitoria, porém, apenas algumas foram consideradas viáveis pela direção e, portanto mantidas pelo movimento durante a negociação.

Durante os dias de ocupação, os estudantes organizaram atividades culturais, exibição de filmes e grupos de discussão. Sobre as demandas reivindicadas, a Reitoria relegou ao Conselho Universitário (CONSUNI) o atendimento das mesmas, porém, a aprovação não ocorreu, a partir disto, os estudantes decidiram manter a ocupação. Os estudantes tentaram continuar as negociações enviando termos de compromisso à Reitoria, mas não foram assinados.

Porém, os problemas e com eles as mobilizações não cessaram em 2005. Em 24 de maio de 2007, o movimento estudantil voltou a ocupar as dependências da Reitoria da UFAL. A mobilização, desta vez, contou com a participação de outros movimentos sociais como o MLT e a CPT, bem como moções de apoio

Retomando a discussão sobre a ocupação na UFAL, depois das primeiras tentativas de negociação, uma proposta foi enviada à Reitoria e divulgada pelos estudantes em blog. A mesma continha as seguintes reivindicações: a exigência pela ampliação do RU, que voltava a pauta em 2007, sendo alegado o não cumprimento do acordo firmado em 2005 entre a

Reitoria e os estudantes (processo nº 2005.80.00.0008385-1); a necessidade da ampliação da residência universitária em estrutura e em capacidade de abrigar maior número de estudantes, pelo fim da cobrança de taxas na UFAL.⁶

Mais uma vez, manifestantes voltaram a ocupar o prédio da Reitoria do campus A.C. Simões em 05 de setembro de 2011. Após assembleia de estudantes, foi decidido pela maioria dos presentes pela ocupação. O corpo técnico da universidade estava em greve fazia três meses e já ocupava o prédio neste período. Em seguida, foi a vez dos docentes aderirem a greve e dos alunos se mobilizarem. Estes últimos exigiam uma audiência entre representantes dos campi da capital e interior e o Ministério Público Federal. As pautas principais versavam sobre melhorias infraestruturais na capital e no interior, assistência estudantil, segurança, entre outras. Mobilizações deste tipo aconteceram simultaneamente em outros lugares como em Maringá, Teresina, Paraná, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul.

Figura1- Momento da entrada ao prédio da Reitoria pelos estudantes, após assembleia que decidiu pela ocupação.



Fonte: <http://caetesufal.wordpress.com/category/ocupacao-2011/>

A ocupação, acima registrada, reuniu os diversos segmentos de movimento estudantil da UFAL, colocando as divergências de lado em prol de um objetivo maior, também contou com a participação de estudantes não militantes que se solidarizam com a causa. Em um dos

⁶ Disponível em <http://ocupacaoufal.blogspot.com.br/2007/05/contra-proposta-enviada-reitoria.html>. Acesso em: 10 de novembro de 2011.

relatos de um militante entrevistado (*entrevista não diretiva*), a vivência desta experiência, levou-o a querer participar cada vez mais das ações coletivas, vindo a adentrar no movimento estudantil e a fazer parte do DCE atualmente.

Desta ocupação resultou a elaboração de uma *Carta Aberta à comunidade da UFAL*, contendo 50 demandas e, através desta, foram montadas comissões formadas por militantes da capital e do interior para negociar com representantes da Reitoria tais reivindicações.

Como foi demonstrado acima, a Reforma Universitária ou mais especificamente o REUNI, entre outras questões específicas do espaço universitário, foram e são motivos para a ocupação da Reitoria no campus sede em Maceió, assim como outros tipos de manifestações. Ou seja, estas têm composto a pauta de luta do movimento estudantil nos últimos anos.

Acima mencionamos que o movimento age em conjunto, reunindo estudantes da capital, interior e ainda contam com o apoio de parte dos professores. No interior, manifestações realizadas por estudantes e professores da extensão da UFAL também são comuns, seja em suas cidades ou na capital, pelas mesmas razões, pois como dissemos, junto com a implantação do projeto de Reestruturação e Expansão (REUNI) vieram os problemas de estrutura e qualidade, motivos para a última ocupação. Estes problemas são ainda mais graves e urgentes nos campi do interior, sobretudo, se destacarmos a precariedade com a qual funcionam alguns cursos da extensão, como é o caso do curso de medicina veterinária de Viçosa que ainda não possui um hospital veterinário. Nesse contexto, no dia 22 de fevereiro de 2011, alunos e professores ocuparam o prédio da Reitoria da UFAL em Maceió-Campus A.C. Simões, reclamando a construção do mesmo. De acordo com os estudantes, o estágio é obrigatório, porém, pela inexistência de hospital próprio, este é realizado em outros estados e os custos, que ficam por conta dos alunos, são altos. Fato explicitado na seguinte fala:

“A gente só vai sair quando a universidade apresentar propostas viáveis para a situação”, afirmou uma das estudantes que participa da manifestação. A universitária disse que os 14 alunos que estão cursando o 10º período, estudantes que fazem parte da primeira turma de Medicina Veterinária da unidade Ufal Viçosa, estão cumprindo o estágio obrigatório – última etapa do curso – em instituições situadas fora de Alagoas.

“Esse pessoal está espalhado pelo Brasil, estagiando em Pernambuco, São Paulo, Mato Grosso e outros lugares justamente porque não temos hospital em Viçosa. A universidade viabilizou os estágios, mas os

custos da viagem e da permanência, que não são baixos, ficam por conta do aluno”, explicou a estudante (Fonte: Jornal Tudo na Hora, 23 de fevereiro de 2011)⁷.

E a ocupação se estendeu durante vários dias. O slogan do movimento era: “Medicina veterinária – Filhos esquecidos da interiorização”. Durante este período, os professores continuaram ministrando aula em locais improvisados dentro da Reitoria. Ainda segundo a fonte jornalística consultada, a explicação da Reitoria foi de que o atraso nas obras do hospital é culpa da construtora, esta, por sua vez, alega não ter recebido as verbas necessárias. E a negociação com os estudantes seguiu neste impasse. A única solução adotada foi romper o contrato com a construtora e abrir nova licitação.

Figura 2- Ocupação da Reitoria no Campus Ufal por estudantes e professores de Viçosa.



Fonte: <http://www.ojornalweb.com/wp-content/uploads/2011/03/28ym-estudantes-veterin%C3%A1ria-027.jpg>

O slogan da manifestação chama a atenção para a deficiência do projeto de expansão da UFAL para o interior, colocando em dúvida a implantação do REUNI em si, este que significa o principal elemento da Reforma Universitária brasileira, tão almejada pelo movimento estudantil em todo o país e no exterior durante décadas. Esta chega trazendo novos motivos para a organização e luta do movimento estudantil no Brasil e em Alagoas.

⁷ Disponível em: <http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/interior/2011/02/23/131097/estudantes-e-professores-mantem-ocupacao-de-reitoria-da-ufal>

Portanto, esta seção, que contém a descrição das várias manifestações e ocupações de Reitoria, possui como principal pano de fundo o REUNI e seus efeitos.

A ocupação dos prédios das universidades é uma estratégia antiga, no entanto, a partir de 2007, principalmente com a instauração do projeto REUNI uma “nova era” surge. O movimento estudantil volta à cena, protagonizando novas mobilizações; adotando e retomando estratégias; as greves estudantis permanecem; passeatas e panfletagens continuam junto com a confecção de cartazes e faixas. Contudo, as ocupações de Reitoria tem sido uma das formas principais de mobilização e de maior visibilidade dos movimentos estudantis em todo o país. Esta constitui uma estratégia para pressionar o controle central das universidades, instalando-se no “coração” da mesma. Embora, esta estratégia tenha sido usada no passado, a exemplo da juventude francesa de 68 que ocupou prédios da universidade de Nanterre, a mesma no Brasil tem alcançado grandes proporções midiáticas, causando polêmica entre a sociedade e estudantes. Esta tem se tornado comum em todo o país, muitas vezes, ocorrendo simultaneamente em diversos locais.

Sobre as ocupações de Reitorias no cenário nacional Machado (2008) explica que:

A ocupação da USP, de universidades privadas e de universidades federais foi importante para demonstrar que o movimento estudantil ressurgiu em certos períodos não programados. O desejo de fazer do movimento estudantil um espaço de luta, de reivindicação e de conquistas para o conjunto dos estudantes esteve presente no discurso estudantil, aliando-se a identificação da ausência da direção da UNE na luta dos estudantes (p.189).

Os estudantes veem na ocupação de Reitoria uma alternativa para chamar a atenção das autoridades acadêmicas, atingindo seu ponto principal, no caso, o prédio de maior representatividade deste poder, e em alguns casos, o próprio gabinete do Reitor ou vice-reitor. Uma forma de confrontar forças e se mostrar presentes enquanto atores sociais, os estudantes têm nesta, uma forma eficaz de se obter respostas às suas reivindicações, dificultando as possíveis “escapatórias” dos Reitores à negociação da pauta, em caso de serem adotadas alternativas amenas como o agendamento de reuniões, entre outros. Não que esta opção seja descartada, desde a última ocupação, grupos de estudantes vêm se reunindo com

representantes, na tentativa de serem atendidos os pontos que foram abertos à negociação no acordo entre Reitoria, Ministério Público e a comissão de estudantes.

Bringel (2009) define as ocupações de Reitoria, precisamente entre os anos 2007 e 2008, anos pesquisados por ele, como o retorno do movimento estudantil à cena ou, em suas palavras: a “nova cara visível”. Vivemos o atual ciclo de efervescência do movimento estudantil que analisa o movimento em interação com outros movimentos sociais, percebendo semelhanças nas estratégias.

De fato, o recurso à ocupação como ação coletiva estratégica é outro rasgo convergente com os movimentos sociais contemporâneos, pois se trata de ação muito difundida entre os movimentos sociais brasileiros, sejam urbanos ou rurais, e cujo caso mais paradigmático talvez sendo os acampamentos do MST. Contudo, em termos de alcance, trata-se de uma radicalização ideológica que dista bastante daquela da década de 1960, não estando vinculada a luta contra a autoridade e pela liberdade, tendo como objetivo central a mudança da sociedade, mas, sim a um foco centrado na mudança e função da universidade (BRINGEL, 2009, pp. 113-114).

Como o trecho acima explicita, o objetivo das ocupações de Reitoria é atingir o ponto-chave para a solução de problemas e a possibilidade de transformação da própria universidade, a partir do atendimento de carências identificadas pelos estudantes da capital e interior. No caso pesquisado, as questões referentes ao projeto governamental têm se mostrado de maior gravidade e urgência no interior.

No campus de Delmiro Gouveia (Sertão), a cobrança por melhorias na estrutura também é recorrente. A eficácia do projeto de Reestrutura e Expansão das Universidades Federais (REUNI) tem sido questionada em todos os campi da UFAL, por estudantes e professores, como discutido acima, onde os mesmos alegam haver diversas precariedades. No caso de Delmiro Gouveia, as aulas foram suspensas em 17 de maio de 2011, por um grupo de professores e alunos que impediu a entrada dos demais, como protesto para pressionar a conclusão das obras do campus do Sertão. O polo vem funcionando desde 2008, porém a construção do campus continua lenta. Enquanto isso, os cursos funcionam em uma escola

estadual por falta de espaço próprio, os manifestantes reclamam a falta de bibliotecas, contratação de professores, entre outras melhorias⁸.

Figura 3 – Situação do campus na época da paralisação



Fonte: http://dceufal.blogspot.com.br/2011_12_01_archive.html

Porém, as manifestações dos estudantes e professores do campus Sertão não pararam por aí. Em 14 de novembro de 2011, os estudantes de Santana voltaram a protestar insistindo na construção do prédio definitivo, pois as aulas acontecem em um local improvisado com salas de aula cedidas pela prefeitura, dentro de uma escola primária e, segundo, os jovens/estudantes sem estrutura nenhuma para atender as necessidades dos cursos, tais como bibliotecas, laboratórios, professores sobrecarregados, os próprios professores sem um local próprio de reunião, além do pequeno número de salas de aula disponíveis⁹.

A construção dos prédios próprios da universidade constitui o foco principal de luta do movimento estudantil no interior e faz parte da pauta geral do movimento organizado pertencente à instituição.

⁸ Disponível em: <http://m.tudonahora.com.br/mobile.php/noticia/interior/143275/estudantes-da-ufal-no-sertao-fazem-protesto-por-construcao-campus> Acesso em: 19 de maio de 2011.

⁹ Informações obtidas através de entrevistas *não-diretivas* (informais) realizadas com militantes do campus Sertão membros da atual gestão do DCE- UFAL.

3.3.2 O *passé livre* e as mobilizações contra o aumento da passagem do transporte coletivo.

Além das questões explicitadas na seção anterior, através das quais começamos a perceber o que tem sido as principais pautas de reivindicação do movimento estudantil alagoano nos últimos anos os motivos para as ocupações de Reitoria, greves estudantis entre outros tipos de manifestações. Outra bandeira importante a ser destacada é a luta pelo *passé livre*. Assim como em outros estados do país, os jovens/estudantes alagoanos têm unido forças nesta luta.

Em Alagoas, o *passé livre* constitui uma das demandas do movimento estudantil na UFAL, porém, no momento não temos conhecimento da existência de um movimento específico, como em Florianópolis, por exemplo, onde a luta pelo *passé livre* gerou o Movimento pelo Passé Livre (MPL), o qual, após diversas manifestações e negociações, teve em 2004 a aprovação da Lei do Passé Livre (LIBERATO, 2008). Contudo, em Maceió, assim como em outras capitais brasileiras, são comuns os protestos de estudantes quando a tarifa do transporte público aumenta. Em Belo Horizonte –MG¹⁰, o direito a meia passagem foi concedido a todos os estudantes, em todos os níveis de instituições públicas e particulares em 21 de fevereiro de 2011, no entanto, os estudantes mineiros alegam que a Lei não saiu do papel. Somente em 6 de fevereiro de 2012 os estudantes do ensino médio conseguiram o direito, o que levou em 16 de março deste ano os jovens estudantes às ruas da capital mineira lutar pela extensão do benefício a todos estudantes. A exemplo desta, ocorreu em 8 de janeiro de 2009, quando estudantes maceioenses saíram às ruas para protestar contra o aumento da tarifa de ônibus, na época de 1,80 para 2,00 reais. As palavras gritadas foram: “Prefeito, ladrão, pau mandado de usineiro, aumentou a passagem pra roubarmosso dinheiro” e “Trabalhador, venha pra rua, esta luta também é sua”¹¹.

Novamente em Maceió, Alagoas, estudantes “fecharam” a Avenida Fernandes Lima em protesto. A mobilização que ocorreu no dia 25 de outubro de 2011 teve como motivo a ameaça de novo aumento da passagem de ônibus, que segundo os empresários do ramo passaria de 2,10 para 2,49. A ação contou com a participação do M.E UFAL composto pelo DCE, ANEL, CA’s e demais segmentos.

¹⁰ Matéria do jornal **A verdade**, março de 2012.

¹¹ Consulta ao Jornal MPR, edição de 18 de janeiro de 2009.

Figura 4- Protestos dos estudantes contra o aumento da tarifa de ônibus.



Fonte:<http://tudonahora.uol.com.br/thumb.phpsrc=http://tudonahora.com.br/uploads/images/2011/10>.

Carregando faixas, cartazes e fogos de artifícios, os jovens/estudantes marcharam do CEPA, na avenida Fernandes Lima- Farol até a Câmara de Vereadores situada no Centro, onde participaram de um plenária, cuja principal reivindicação foi a redução da tarifa gradual até chegar ao *passé livre* para estudantes e desempregados. Os jovens/estudantes também reclamaram das péssimas condições do transporte público e o retorno à Câmara da prerrogativa sobre a tarifa do transporte público. Na Câmara tramitam dois projetos do tipo (de autoria da vereadora Heloísa Helena). O *passé livre* estudantil e o *passé livre* aos domingos para todos¹².

A iniciativa dos estudantes em 2011 foi importante para retardar a ação dos empresários do transporte coletivo, no entanto, na madrugada de 25 para 26 de fevereiro de 2012 (sábado para domingo), atendendo as reivindicações do empresariado, o desembargador Washington Luís, assinou uma liminar e a passagem passou de 2,10 a 2,30, pegando a população maceioense de surpresa. O valor inicial já era considerado alto pelos estudantes e trabalhadores, que apesar de pagar meia passagem, consideravam o valor “pesado” no orçamento familiar. Não esquecendo o restante da população carente que não tem direito a meia passagem e os trabalhadores desempregados, sendo estes os segmentos que mais sofrem com a situação.

¹² Informações obtidas no local através da observação participante

Indignados com tal fato, um ato foi realizado no dia 29 de fevereiro de 2012 (quarta-feira) em frente ao Tribunal de Justiça na Praça Marechal Deodoro, centro de Maceió. Este ato reuniu diversos movimentos sociais (MT, MST, ME, entre outros), sindicalistas, militantes partidários e outros representantes da sociedade civil. Os diversos segmentos de movimento estudantil da UFAL estavam presentes: DCE, UNE, ANEL, UJS, UJR, membros dos grupos Correnteza, Além do Mito, movimento secundarista, entre outros, colocando as diferenças de lado e unindo forças em um interesse comum.

Os jovens/estudantes, junto com outros movimentos sociais, formavam uma corrente a favor do retrocesso no valor da passagem, também denunciando o sucateamento e a lotação dos transportes coletivos em Maceió, além de cobrar a ampliação no número de linhas de circulação e da frota de ônibus e uma melhor estrutura para os pontos de ônibus.

Durante a manifestação, estudantes seguravam cartazes e faixas, faziam encenações teatrais denotando as dificuldades diárias enfrentadas pelos usuários no transporte, bem como a dificuldade financeira em manter a frequência nas instituições de ensino. Gritavam palavras de ordem e entoavam gritos de guerra como: “O dinheiro do meu pai não é capim eu quero passe livre sim! Eu quero, eu quero, eu quero passe livre sim!”. Um cartaz com a frase “Tribunal da Injustiça” foi pregado no próprio prédio, outros incentivavam a “pular a catraca”, entre outros¹³. Em Maceió, é comum vermos estudantes, principalmente de instituições públicas, “pularem a catraca”, entrando pela porta traseira dos ônibus, até mesmo passando dois ao mesmo tempo, o que nos leva a questionar o porquê disso acontecer. Acreditamos que a resposta está na reação dos estudantes frente ao aumento da passagem de ônibus e ao fato de se ouvir depoimentos de pais e estudantes carentes os quais alegam fazer “malabarismos” com o rendimento mensal.

Ao som de um trio elétrico, estudantes, sindicalistas e representantes de diversos movimentos sociais, revezavam-se nos discursos, todos mostravam indignação. Panfletos eram distribuídos na tentativa de informar à população o que estava acontecendo e os motivos para a manifestação, variadas bandeiras de partidos políticos circulavam pelo local, marcando presença, bem como, representando o apoio de tais partidos a causa. Um ônibus foi posicionado, os participantes adentraram e o lotaram, simulando o cotidiano do transporte público na capital.

¹³ Informações obtidas no local através da observação participante.

Ao final foi montada uma comissão responsável pela elaboração de uma petição a favor da anulação da liminar, o documento foi apresentado ao tribunal. Em seguida, os manifestantes saíram em passeata pelas ruas do Centro na tentativa de conscientizar o restante da população e chamá-los a luta¹⁴. Manifestações menores ocorreram posteriormente a esta em outras partes da cidade e a comissão continuou a se reunir eventualmente. Respondendo ao processo e ao pedido de anulação da liminar feito pela sociedade civil e movimentos sociais, em 24 de julho deste ano, o juiz Ygor Figueiredo, da 14ª Vara Cível, decretou o retrocesso do valor da passagem de 2,30 para 2,10, porém a mesma só entrou em prática em agosto.

Quando todos pensavam que a “novela” tinha chegado ao final, uma reviravolta acontece e, dois meses depois, a passagem retorna ao valor de 2,30. O Ministério Público entrou com recurso. Desta vez, os estudantes não se manifestaram, aguardaram o fim do processo e o resultado definitivo que elegeu o valor de 2,30 novamente.

A luta pelo *passé livre* constitui uma das demandas do movimento estudantil atual e é um dos elementos que o caracterizam. Não encontramos registro deste tipo de luta em décadas atrás, 60-80, por exemplo, ou como bandeira específica, chegando a formar movimento próprio como o caso de Florianópolis, portanto, não faz parte do “legado” das gerações anteriores. Nos primórdios da UFAL, os estudantes reclamavam da dificuldade de acesso à universidade, pois a mesma fora construída em espaço afastado e havia alguma dificuldade de acesso, no entanto, não há em nossas pesquisas relatos de mobilizações em torno desta causa. Com a abertura das universidades públicas a outras classes sociais, o aumento do fluxo de estudantes e, conseqüentemente, a necessidade de recursos financeiros para a frequência das aulas chamam a atenção para o problema das despesas com o transporte e para qualidade do mesmo, o qual não diz respeito exclusivamente aos estudantes, mas a população carente em geral.

Mais uma vez, vemos o contexto social interferindo na composição do movimento estudantil, oferecendo subsídios para a elaboração de suas bandeiras e, conseqüentemente, a criação de estratégias de defesa.

3.3.3 O movimento estudantil na luta por segurança.

¹⁴ Informações obtidas no local a partir da observação participante.

O movimento estudantil em associação com a sociedade e outros grupos tem dado sua contribuição, participando de lutas que extrapolam as necessidades estudantis e específicas. Por objetivo mais amplo, estudantes de Santana do Ipanema realizaram protesto em 1 de abril de 2011, desta vez, para cobrar segurança na cidade. Os manifestantes, compostos por estudantes da UFAL, alunos secundaristas e membros da sociedade, foram à Câmara de Vereadores pedir que fosse aprovado decreto de lei responsável pela criação da Guarda Municipal da cidade. Na ocasião, os manifestantes realizaram passeata pelas ruas da cidade em direção à Câmara de Vereadores, os mesmos utilizaram como lema do protesto a frase: *“Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”*¹⁵. Também foram gritadas palavras de ordem e feito apitação até a chegada no local. Na Câmara, foi formada uma comissão de estudantes e membros da sociedade para discutir junto ao prefeito e vereadores a segurança do município e a proposta da Guarda Municipal.

Figura 5- Manifestantes reunidos na Câmara de Veradores de Santana do Ipanema.



Fonte: <http://www.alagoasnet.com.br/portal/noticias.php?pg=noticia&id=255>

A foto mostra a reunião entre estudantes secundaristas (à direita), população (mais a frente) e estudantes universitários da UFAL mais atrás. Este é mais um exemplo de manifestações que contam com a associação de diferentes segmentos em defesa de um interesse comum, também denota uma integração entre os diferentes setores e uma maior

¹⁵ Disponível em: <http://www.alagoasnet.com.br/portal/noticias.php?pg=noticia&id=255> . Acesso em: 10 de maio de 2012.

aproximação dos movimentos estudantis com a sociedade e trabalhadores, como já tinha sido demonstrado na seção 3.3.2, o Ato Unificado contra o aumento da passagem de ônibus.

É interessante destacar como no contexto atual é possível e comum tanto a defesa de causas correspondentes ao espaço acadêmico e suas necessidades específicas, como ações que extrapolam este espaço em conjunto com outros setores sociais, fato que, em décadas anteriores, sobretudo durante a Ditadura, era raro, pela dificuldade de articulação e mobilização causada pela forte repressão a estes movimentos, pela concentração das ações estudantis dentro das universidades e por motivos restritos a mesma e/ou aos cursos. A respeito desta associação, utilizando o pensamento de Elias (1994b), podemos definir o movimento estudantil como um fragmento de uma cadeia maior e mais complexa de relações sociais interindivíduos. Neste sentido, cada sujeito ou militante pode ser visto como portador de uma função social, ligado a outros por uma relação de interdependência. Ou, usando a analogia do autor: “Dá-se algo semelhante com a casa. Aquilo a que chamamos sua estrutura não é a estrutura das pedras isoladas, mas a das relações *entre* as diferentes pedras com que ela é construída; é o complexo das funções que as pedras têm em relação umas as outras na unidade da casa” (p.25).

Retomando o assunto, em Arapiraca, os estudantes também clamam por segurança, porém, neste caso, referem-se a segurança dentro do campus, que fica ao lado de um presídio. Professores e alunos vivem amedrontados com a expectativa de fuga dos presos e, conseqüentemente, refúgio dentro do campus, fato já ocorrido.

Na noite do dia 12 de abril deste ano, estudantes arapiraquenses apoiados por estudantes da capital e demais interiores, saíram em caminhada pelas ruas de Maceió em direção a um dos hotéis da capital alagoana onde se encontrava o governador do estado, Teotônio Vilela. Carregando cartazes com frases como: “UFAL abandonada pelo governador TEO VILELA”; “Chega de PROMESSAS, queremos SOLUÇÃO”. O objetivo da caminhada era conseguir marcar audiência com o governador, o que acabou acontecendo após protesto em frente ao hotel¹⁶.

A luta pela desativação do presídio tem causado polêmica e constitui uma das bandeiras do movimento estudantil no interior. Os estudantes arapiraquenses contam com o apoio de estudantes dos demais campus, também de professores e técnicos que trabalham em

¹⁶ Fonte: Desconhecida.

Arapiraca. Os mesmos têm realizado protestos na cidade, negociado com o Estado na tentativa de garantir a segurança . Uma das últimas manifestações ocorreu em 21 de junho de 2012, onde os manifestantes, cerca de 300 pessoas, caminharam pelas ruas do centro de Maceió (tentando chamar a atenção da população para o problema) até o Palácio do Governo, na Praça dos Martírios, onde realizaram um ato pedindo audiência com o governador para negociar a desativação do presídio Desembargador Luiz Oliveira Souza, em Arapiraca, e pedir maiores investimentos para a Educação¹⁷. O campus foi invadido por presidiários que tinham fugido do presídio e se escondido nas salas de aula. Após o ato, uma comissão formado por estudantes e professores foi recebida pelo governador. Contudo, as reivindicações continuam em negociação.

Ainda sobre o caso, em 24 de setembro de 2012, uma grande reunião entre estudantes, técnicos, professores e o Reitor Eurico Lôbo, ocorreu em Arapiraca. Os primeiros cobravam medidas para a solução do problema da segurança no campus, as negociações não avançaram satisfatoriamente, portanto, os grevistas decidiram permanecer em greve enquanto não fosse solucionado o problema¹⁸. De todos os campi pertencentes a UFAL, o de Arapiraca foi o último a retomar as aulas. Desta vez , a greve também foi estudantil.

As paralisações no interior tem se tornado comuns, tem sido uma das principais estratégias recorridas pelo movimento estudantil, apoiados por professores e técnicos. Esta é uma alternativa, visto que, em alguns lugares os mesmos não podem contar se quer com a estrutura física da universidade, a estratégia de ocupação de prédios não é viável, somente nos casos em que estes estudantes somam forças e ocupam o campus sede A.C Simões, na capital. As greves estudantis eram comuns em todo o país, sobretudo, no período do Regime Militar, ao menos por alguns dias. Na França, esta estratégia foi um marco para o movimento estudantil.

Mais uma vez, vemos o movimento estudantil empenhado em uma “causa”, seja ela específica, como neste caso, ou em benefício maior como no caso dos estudantes de Santana do Ipanema, na luta pela criação da Guarda Municipal, acima relatada. O importante a ressaltar e, insistimos neste ponto, é a ação em associação com outros segmentos sociais, a aliança com as duas outras principais categorias da Universidade Federal, professores e

¹⁷ Disponível em: <http://minutoarapiraca.com.br/noticia/2012/06/01/estudantes-da-ufal-e-uneal-protestam-em-solenidade-do-governo-do-estado> Acesso em: 22 de junho de 2012.

¹⁸ Matéria exibida pelo AL TV segunda edição, TV Gazeta de Alagoas em: 24 de setembro de 2012.

técnicos, bem como, em algumas situações, com a população e outros movimentos. Esta é mais uma bandeira da atualidade defendida pelos estudantes, o que denota o que defendemos aqui, a capacidade de reação a estímulos de sua realidade, obedecendo a uma dinâmica. Ao longo dos anos, novas demandas surgem e um fluxo infinito vai se estabelecendo e, assim, a história vai transcorrendo nesta troca entre sujeito e meio social.

3.3.4 O apoio à greve dos professores.

Como dissemos no capítulo II, historicamente os três principais segmentos da UFAL, Adufal, Sintufal e DCE, têm se apoiado mutuamente. É um longo caminho percorrido de lutas desde a década de 70 aos dias atuais.

Embora cada segmento tenha suas reivindicações específicas, é comum vermos nas manifestações e assembleias, a presença dos outros, bem como, moções de apoio a causas defendidas por cada categoria. É comum o interesse por uma universidade mais justa, igualitária, um ensino de qualidade. Isto inclui melhorias nos diversos sentidos, sejam melhores salários, ou contratação de maior número de funcionários e professores, os benefícios são comuns a todos. Por isso, unem forças. Claro que esta união não se dá sempre de maneira homogênea e livre de qualquer divergência.

Os estudantes consideram justos os protestos e greves dos professores e funcionários, pois acreditam que a solução destes problemas irá contemplar a categoria discente. Em contrapartida, esperam apoio também nas causas estudantis, e assim gerar a reciprocidade. Portanto, entre as pautas dos profissionais, os estudantes engajam suas reivindicações e o apoio ocorre até o ponto em que a comunidade discente não se sente prejudicada, por isso, participam das assembleias, acompanham as ações.

Na greve de 2011, os estudantes, após assembleia, decidiram ocupar o prédio da Reitoria, como acima descrito. Além do apoio aos docentes e técnicos que já estavam em greve, os mesmos aproveitaram a oportunidade para apresentar suas reivindicações. Neste ano de 2012, professores, em seguida, técnicos entraram em greve em universidades federais de todo o país. Ao todo foram 57 de 59 universidades federais paralisadas e, mais uma vez,

contaram com a força estudantil. Estudantes da UnB, USP, UFAL entre outras, realizaram protestos e manifestaram apoio.

O DCE UFAL- Gestão Correnteza, além de participar das assembleias dos professores, incluiu na pauta das reuniões o assunto da greve ocorrida em 2012. Reuniu-se com o sindicato dos professores e com o Comando Local de Greve. A entidade, como principal representatividade estudantil, convocou os Centros Acadêmicos, Diretórios e estudantes em geral a debater o assunto na Tenda Cultural, situada no campus A.C Simões. Os estudantes chamaram a atenção para necessidade de divulgação para toda a comunidade acadêmica e alagoana dos motivos da greve, bem como, discutir em quais pontos os estudantes e a universidade seriam beneficiados e em quais seriam prejudicados. O objetivo também era elaborar um plano de ação para que de forma conjunta as reivindicações estudantis fossem expostas. Na ocasião, os estudantes preocuparam-se em montar um calendário de atividades durante a greve, trazendo professores e estudantes a participar, bem como, a promoção de mesas-redondas para discutir a situação da UFAL e as razões da greve.

A reunião seguiu com a abertura de espaço para as falas de diversos estudantes presentes. O DCE conduzia e organizava a reunião, contudo, membros dos diversos segmentos do M.E, bem como, dos Ca's e Da's presentes, além de estudantes sem qualquer vínculo com o movimento ou entidade puderam expressar suas opiniões, havendo como em qualquer discussão, convergências e divergências, críticas e incentivos. Propostas foram colocadas sobre como obter o apoio dos professores no caso das punições sofridas por militantes por parte da Reitoria. Formas de comunicar a população e aos demais alunos os motivos da greve, questões relacionadas aos prejuízos desta, como por exemplo, o fato de alguns departamentos não funcionarem e, assim, dificultar o acesso a documentos ou outras necessidades dos estudantes. Por fim, e principalmente, o fato de estudantes bolsistas continuarem prestando serviços durante este período, mesmo com o restaurante universitário, principal local de refeições dos alunos diurnos e bolsistas, estar fechado. Neste sentido, os estudantes se perguntavam quais medidas deveriam ser tomadas. Este foi um ponto bastante discutido.

Foi discutida ainda, a elaboração da agenda de atividades durante a greve. Muitas sugestões foram dadas, apresentações culturais, shows, mas também, discussões sobre a greve

e temas diversos. Foram delegadas funções entre os presentes para colocar em prática as propostas acima¹⁹.

Durante a greve, além das atividades promovidas pelo DCE, reuniões e assembleias docentes contaram com a presença dos estudantes. Os grevistas UFAL realizaram um ato público Unificado, ou seja, reunindo professores, técnicos e estudantes no dia 05 de junho no Centro de Maceió. Os mesmos defendiam uma educação de qualidade, bandeira nacional, internacional e histórica; melhorias para a categoria. Também se mostravam contra a privatização do Hospital Universitário, bandeira erguida pelas três categorias citadas, e reivindicavam segurança para os campi. Os manifestantes armaram barracas no calçadão do comércio, usando camisas brancas e uma tarja preta no braço, alertando o descaso do governo para com a carreira docente e o ensino público; distribuíram panfletos, pregaram cartazes e faixas e discursaram com o auxílio de um carro de som. Na ocasião, o movimento estudantil expôs fotos da estrutura da universidade e suas carências, chamando a atenção para os problemas enfrentados por eles, e assim justificando as lutas travadas²⁰. Este ato foi pensado durante a reunião na Tenda Cultural, acima mencionada.

Figura 6- Manifestação de estudantes, professores e técnicos, concentrados em frente ao antigo Produban, na Rua do Comércio.



Fonte: <http://tudonahora.uol.com.br/video/jornal-da-pajucara-noite/2012/06/05/estudantes-e-professores-da-ufal-participaram-de-um-protesto-hoje-05-no-centro-de-maceio>

¹⁹ Informações obtidas a partir da presença no local da pesquisadora, durante o trabalho de campo.

²⁰ Disponível em: <http://cadaminuto.com.br/noticia/2012/06/05/professores-da-ufal-realizam-ato-publico-no-centro-de-maceio> Acesso em: 06 de junho de 2012.

Simultaneamente à manifestação em Alagoas, em outras partes do país os grevistas realizavam ação semelhante. A Marcha em Brasília, na Esplanada dos Ministérios, foi uma delas²¹. Isto demonstra o poder da informação e dos meios de comunicação auxiliando na ação conjunta de grupos geograficamente distantes. As ações e notícias não mais ficam restritas a um dado local, servindo de influência ou se tendo conhecimento dias ou anos depois. Ao contrário, a velocidade de circulação permite o conhecimento e articulação entre grupos em diferentes locais do país simultaneamente.

3.3.5 A criminalização do movimento estudantil e a coerção de suas ações.

Sobre a questão da criminalização do movimento estudantil, sendo um dos desafios à militância, estudantes de todo o país acusam a mídia pela criação da imagem negativa do movimento estudantil e de suas ações, ou seja, pela manipulação da opinião pública contra os estudantes. Os mesmos são tachados de “vândalos”, “marginais”, entre outros termos pejorativos. A mesma mídia que ora “espetaculariza” as ações estudantis e os coloca na posição de “heróis” e desempenha um importante papel na divulgação das causas estudantis, como por exemplo, em 1968, recentemente em 1994, os “caras-pintadas” (BRINGEL, 2009), ora os transforma em perturbadores da ordem. Outro importante opositor ao movimento estudantil e instrumento coercitivo de suas ações são as Reitorias ou os Reitores, melhor dizendo. Os estudantes os acusam de limitar suas ações, de perseguição e “repressão”. Em Alagoas, a palavra “repressão” é comum nas falas dos militantes, inclusive, no ano de 2012 o DCE UFAL utilizou em suas ações e eventos o slogan: “LUTAR É UM DIREITO – ABAIXO A REPRESSÃO”. Como forma de protestar e de chamar a atenção dos estudantes para a restrita liberdade de ação dentro do espaço universitário, bem como, a “perseguição” da Reitoria e suas ações punitivas.

Para exemplificarmos, vejamos o caso nacionalmente conhecida ocupação da USP por estudantes em 2011. Começou quando três estudantes foram presos pela PM, acusados de estarem com maconha. Os estudantes protestaram contra a prisão, chegando a entrar em

²¹ Disponível em: <http://www.andes.org.br:8080/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=5404>. Acesso: 06 de junho de 2012.

confronto com a polícia, fato que culminou na ocupação no dia 27 de outubro do prédio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Após uma semana de ocupação, os estudantes deixaram o prédio do FFLCH e ocuparam em 01 de novembro o prédio da Reitoria. A decisão partiu de uma assembleia que dividiu opiniões sobre a desocupação do prédio. A partir disso, um grupo resolveu invadir a Reitoria. O reitor João Grandino Rodas entrou com pedido de reintegração de posse junto a Justiça que, por sua vez, atendeu a reivindicação. No entanto, uma nova assembleia realizada no dia 03 de novembro decidiu por permanecer no prédio. Segundo a versão dos discentes, a decisão de manter a ocupação é pelo fim do convênio entre a USP e a PM, o qual é firmado desde a Ditadura Militar; também pelo fim da perseguição e processos sofridos por professores, estudantes e funcionários, motivo pelo qual os estudantes se apresentam com os rostos cobertos. Os estudantes alegam ainda, a reprodução dentro da universidade de critérios elitistas e antidemocráticos²². Na versão da mídia, os estudantes lutam pelo livre uso de drogas e não primam pela segurança do campus.

A reintegração de posse do prédio foi expedida pela 9ª Vara de fazenda Pública, assinada pela juíza Simone Gomes Rodrigues Casoretti, a mesma pede aos estudantes que acate a decisão para que a reintegração ocorra de forma pacífica, caso contrário, como medida extrema, seria utilizada a força policial. Como os estudantes não tiveram suas reivindicações atendidas, permaneceram. A polícia entrou em ação com 400 homens do pelotão de choque, homens do GOE e do GATE, além de cavalaria e helicópteros adentraram a universidade na madrugada do dia 8 de novembro. Ao todo foram 73 estudantes presos. Nos dias 10 e 24 de novembro, os estudantes voltaram a se manifestar, desta vez nas ruas, pedindo o fim da criminalização do movimento estudantil²³.

Vimos os motivos que levaram os estudantes da maior Universidade de São Paulo (USP) a ocupar as instalações da mesma, razões específicas, mas que, ao mesmo tempo, toca na questão da democracia e no distanciamento entre os preceitos da instituição universitária e a realidade social, razões de contestação do movimento ao longo de anos, debatido no Brasil e no exterior, como vimos anteriormente. As consequências de tal estratégia (ocupação) ocasionaram no uso da força, prisão e nas palavras dos estudantes, “repressão”. Além do

²² Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/11/estudantes-ocupam-predio-da-reitoria-da-usp-durante-madrugada.html>. Acesso em: 02 de dezembro de 2011.

²³ Matéria do jornal A verdade, dezembro de 2011.

espectro negativo sobre o movimento estudantil, produzido pela mídia, segundo os mesmos. Em Alagoas, as ocupações dos prédios da Reitoria também trouxeram “punição” aos estudantes. Na última, ocorrida em setembro de 2011, acima mencionada, resultou no processo de sete estudantes e do Diretório Central dos Estudantes. Os sete processados fizeram parte da comissão que negociou com a Reitoria e com o Ministério Público as reivindicações dos discentes, representando os demais estudantes militantes dos diversos segmentos de movimento estudantil da UFAL que estavam no local. Os estudantes alegam terem desocupado o prédio logo após o acordo e o terem entregue em perfeitas condições, ainda assim, a comissão individualmente está sendo processada e a entidade DCE, sob pena de pagar 50.000 mil reais à instituição. Desde então, o DCE tem discutido com os demais estudantes e representações estudantis o assunto, o mesmo tem estado na pauta das reuniões ordinárias e extraordinárias da entidade e há uma tentativa de “conscientização” nas palavras dos militantes para o problema. Por isso, ao longo de 2012, todas as atividades recorriam à temática “repressão”. O movimento pretendia levar o problema para a discussão no CONSUNI – Conselho Superior da Universidade, na tentativa de dissolução do processo, porém a pauta não foi adotada pelo Conselho. O movimento estudantil tenta obter apoio dos docentes e técnicos da UFAL, que em reciprocidade ao apoio dado pelo movimento as suas causas possam solidarizar-se a eles, também recorreram a comunidade acadêmica que assinem a uma petição pública em favor do fim do processo²⁴.

Outro exemplo de violência contra ação do movimento estudantil, desta vez, por motivo diferente, ocorreu em Recife - PE no dia 20 de janeiro de 2012. Ao mobilizarem-se contra o reajuste da passagem do transporte coletivo que seria de 17,2%, cerca de 400 estudantes, entre eles militantes de diversos segmentos de movimento estudantil e de diferentes instituições, sofreram violências praticadas pela polícia. Os mesmos realizaram passeata pelas principais avenidas do centro de Recife, neste dia acontecia uma reunião do Grande Recife Consórcio Metropolitano de Transportes. Os manifestantes foram abordados pela polícia que disparou balas de borracha, bombas de gás e spray de pimenta contra a multidão para dispersá-la, foram muitos os feridos. A ação da polícia foi definida pelos estudantes como “ressurreição da Ditadura”²⁵.

²⁴ Link divulgado em nota de solicitação de apoio enviada aos professores e técnicos da UFAL: <http://www.peticaopublica.com.br/?pi=2012UFAL>.

²⁵ Matéria do jornal A verdade, fevereiro de 2012.

Este é um dos principais problemas enfrentados pelos estudantes, tanto no passado como no presente. As palavras “repressão”, “perseguição” e “criminalização” são constantes nos jornais estudantis, bem como, nas falas dos militantes alagoanos pesquisados. Estes alegam como uma das maiores dificuldades em se fazer militância, dentro e fora do espaço universitário. Dentro, sofrem represálias e punições da Reitoria, na sociedade, enfrentam a coerção policial e a visão negativa de suas ações. Culpam a mídia pela criminalização dos movimentos sociais como um todo, por manipular imagens que colocam a opinião pública contrária às suas ações, além de ser, na opinião deles, defensora dos interesses elitistas e terem suas notícias manipuladas.

O combate à criminalização do movimento estudantil, além de um desafio a ser enfrentado, representa mais uma bandeira na atualidade.

3.3.6 Cultura e promoção de eventos – Uma alternativa à militância.

O Diretório Central dos Estudantes historicamente vem realizando, além das ações de protestos e reivindicações, atividades de outro tipo. No período da Ditadura, com a repressão, o movimento encontrou como principal alternativa de mobilização a via cultural. “Com a decretação do AI-5 e as conseqüentes restrições às manifestações políticas, o **M.E.** Alagoano passa a ter nas atividades culturais e principalmente nos Festivais de música, o canal de mobilização estudantil” (SALDANHA, 1994, pp. 95-96). Os Festivais de Música e o T.U.A - Teatro Universitário Alagoano reunia grande número de estudantes que encontrava nesta uma forma “legal” de se expressar politicamente e demonstrar oposição.

Na atualidade, os eventos diferem dos de décadas anteriores, mas o pano de fundo continua o mesmo, a ação política. O DCE tem promovido debates, como o ocorrido no primeiro semestre de 2011 entre os candidatos ao cargo de Reitor. Em setembro de 2012, foi promovido o debate entre os candidatos à prefeitura de Maceió, onde os estudantes tiveram a oportunidade de conhecer e questionar as propostas dos candidatos²⁶. Outro evento realizado pelo DCE é a Calourada. Abaixo temos a foto do Show da Calourada UFAL 2012.1, organizado pela entidade.

²⁶ Evento acompanhado pela pesquisadora.

Figura7- Show da calourada UFAL 2012.1



Fonte: <https://plus.google.com/photos/108046326475768589988/albums/5721117827341282561/5721118848003545506?banner=pwa&authkey=CPeBI9Gi1trGqwE>

A entidade tradicionalmente organiza junto com os Centro Acadêmicos a Semana dos Feras ou a Calourada, nesta semana, apresentam a universidade aos ingressantes, o movimento estudantil, o que é o DCE, a função dos Ca's e Da's entre outras informações. Para tal, é organizada uma agenda de atividades previamente pensadas ainda durante o período de férias, além da confecção de informativos e cartilhas que são entregues aos recém-chegados como forma de situá-los na universidade, por último, um show é realizado (foto acima). Este ano de 2012, a temática da Festa da Calourada envolveu a questão da repressão, cujo tema foi: *“Não está em nossos planos baixar a cabeça, não! DCE 50 anos lutando contra a repressão”*, referindo-se ao processo sofrido pelos estudantes, pelo Diretório e pela “repressão” das manifestações na universidade. Nos intervalos do show eram recitados poemas sobre política e questões sociais. Os estudantes que apresentavam o evento lembravam que aquele era um momento de integração entre os estudantes²⁷.

No carnaval, o Diretório por duas vezes promoveu um bloco, o Bloco dos Sem, que saiu nos anos de 2011 e 2012. O tema criticava a universidade e chamava atenção para seus problemas, por isso a palavra *sem*, referindo-se a falta de solução de questões defendidas pelos cursos e pelo movimento em geral. O bloco conta com enredo próprio a Marchinha dos

²⁷ Observações feitas no local a partir da realização do trabalho de campo.

Sem, cuja letra sugere o nome do bloco, ou seja, denuncia as carências da universidade como um todo.

Figura8- Bloco dos SEM em seu primeiro ano no carnaval de 2011, no Jaraguá.



Fonte: https://plus.google.com/photos/108046326475768589988/albums/5710178803685303921/5710179199925844162?banner=pwa&authkey=CP2I5_-3nMmMRw.

No ano seguinte, o DCE lançou a segunda edição deste bloco, também no Jaraguá Folia, no carnaval.

Durante o período de greve uma agenda de atividades culturais foi montada pelo DCE junto aos Ca's e outras entidades estudantis, incluindo debates, cinema, shows, mesas-redondas, entre outras atividades.

No primeiro semestre de 2012 foi realizado o FUCA – Festival Universitário de Cultura e Arte, organizado pelo DCE, chegando a ter abertura oficial em 10 de maio do mesmo. O evento contou com apresentação de roda de capoeira, recitais de poema, exibição de filmes e, ao final, debate sobre o mesmo²⁸. Em virtude da greve o Festival foi adiado, ficando abertas às inscrições de trabalhos.

Percebemos que, a realização destes eventos constitui uma estratégia para aproximar a comunidade discente do movimento, sobretudo, de suas causas. Através dos canais de cultura e entretenimento, ampliar a visão crítica e política dos demais jovens/estudantes, “atraí-los” à militância ou simplesmente informá-los e/ou “conscientizá-los” do que ocorre no espaço acadêmico, principais problemas, as carências da universidade em geral, dos cursos, as

²⁸ Dados obtidos no local através da presença da pesquisadora.

dificuldades enfrentadas na militância, coisas alheias para parcela dos estudantes da universidade, principalmente para os recém-chegados.

Sobre o comportamento dos militantes durante os eventos, estes se mostram em constante interação uns com os outros, em constante movimentação, o que indica uma preocupação com desenvolvimento e ordem do evento. Problemas vão surgindo no decorrer do evento, nestes casos, os estudantes vão delegando tarefas uns aos outros para a tentativa de solucioná-los. Além da organização, os estudantes apresentam os eventos, mediam debates, também são responsáveis pela limpeza, ornamentação e ordem do local, exibição de imagens, controle do som, entre outros aspectos.

Sobre o uso da via cultural, vemos esta não apenas como estratégia, mas como uma alternativa em se fazer política. Mesquita (2009) apresenta alguns exemplos deste tipo e estabelece diferenças entre os mesmos. Os CPC's – Centros Populares de Cultura, comuns nos anos 60, consistia em uma veia de movimento estudantil, estes levavam cultura e arte universitária ao povo com o objetivo de formar consciência política, ou seja, de cunho “vanguardista”, sendo este um ponto de crítica do autor. Contudo, os CPC's também serviam de meio para aglomerar estudantes que se sentiam atraídos pelas expressões artísticas.

As Bienais, ainda segundo Mesquita (2009), representavam também uma proposta de ação política através do meio cultural, estas possuíam um caráter diferenciado dos CPC's. Nestes casos, o intuito era a valorização e a compreensão da sociedade, bem como, a partir do evento, elaborar um plano de intervenção social que leve em consideração as características da sociedade.

Por último, os CUCAS's – Centros Universitários de Cultura e Arte. De acordo com o autor acima, estes conseguem preencher o espaço que as Bienais deixavam entre um evento e outro, ao contrário destas os CUCA's têm o caráter contínuo. Os CUCA's além de centros de cultura, são responsáveis pela circulação da produção artística universitária, também promovem a valorização da cultura popular brasileira, um trabalho que confronta a cultura de massa, bem como, realiza intervenção na política cultural. Situados em diversas capitais do Brasil, os CUCA's possuem projetos diferenciados, atendendo a realidades locais.

Em Alagoas, entre o movimento estudantil, começa-se a conhecer e a discutir a importância dos CUCA's. Quanto a sua implantação esta é incerta e provavelmente levará algum tempo para acontecer.

Temos, portanto, a forma cultural como alternativa em se fazer e levar política ou segundo Mesquita (2009), de se pensar na política cultural. Embora com alcances e formatos diferentes, com caráter permanente ou passageiro, o objetivo é informar, ampliar os horizontes políticos e a criticidade, intervir e, também, a valorização da cultura popular e as características da sociedade brasileira e regional. A via cultural não é uma alternativa recente, no entanto, atualmente encontra-se em ascensão dentro do movimento estudantil e consiste em uma importante aliada à politização e atração de novos militantes.

3.4 Um *olhar* sobre atuação do novo movimento estudantil.

As seções anteriores trazem narrativas das principais ações do movimento estudantil no Brasil e em Alagoas, bem como, explicitam quais são as principais bandeiras de luta, as quais o movimento tem erguido entre os anos de 2007 e 2012. Constatamos que, há especificidades na atuação, bandeiras e problemas entre os movimentos brasileiros. Pois, é neste sentido que não podemos usar a palavra no singular, visto que, tendo semelhanças, também há especificidades. Cada movimento, em cada região, tem suas reivindicações específicas. A luta por uma educação de qualidade é bandeira global, a Reforma Universitária atualmente em processo, é clássica, o *passé livre* já é realidade em alguns Estados, porém, ainda não no nosso. Estas são bandeiras nacionais. No âmbito local, temos a construção do campus Sertão da UFAL, do Hospital Veterinário, e ainda a ampliação do RU no campus UFAL Maceió em andamento, são bandeiras cobradas pelas comissões de estudantes formadas a partir da Carta Aberta com 50 reivindicações entregues à Reitoria em setembro de 2011. Temos movimentos estudantis em constante *movimento*, agindo e reagindo a estímulos conjunturais, se reformulando, se atualizando gradualmente, não isento de problemas e fragmentações, contudo, seguindo em fluxo contínuo de mudanças e rupturas, com épocas de efervescência outras de calma, mas sempre seguindo.

Na atualidade o movimento estudantil atua em rede com outros movimentos sociais, sensível as diferentes causas, como a luta do movimento negro, feminista, LGBT's, a clássica solidariedade com as causas trabalhistas, envolvidos em movimentos ambientalistas, antiglobalizantes, culturais, entre outros, infelizmente não abordados neste trabalho.

Ao analisarmos as demandas e as ações, vemos um diálogo entre as esferas micro e macro, convertidas em necessidades que se transformam em lutas, produto do contexto social, político e cultural em que o movimento, ou esta geração de estudantes, estão inseridos. O fluxo contínuo da história segue seu rumo, dado ao fato que estas gerações são renovadas, à medida que os estudantes perdem o vínculo institucional (se formam), portanto, não fazendo mais parte do movimento estudantil de determinada instituição. Ao passo que novas gerações adentram a universidade, novos estudantes são atraídos pela militância por motivos diversos. Quando falamos nas dimensões macro, nos referimos às demandas gerais, nacionais e/ou internacionais. Portanto, micro, estamos nos referindo às reivindicações e necessidades particulares de cada região ou de cada campus ou curso.

Ao falarmos em geração de militantes, percebemos que nem sempre coincidem um mesmo período de conclusão acadêmica e militância na solução de algum problema. Deixando para as novas gerações o “legado de lutas”, bem como, o legado de conquistas que vão sendo alcançadas, deixadas pelos que “saem” e usufruídas pelos que “entram”.

Para entendermos o funcionamento dos movimentos estudantis, neste caso específico do movimento alagoano, em primeiro lugar temos que considerar o contexto no qual o mesmo está inserido, a conjuntura vigente e os estímulos que esta causa. Alguns autores anteriormente abordados chamam a atenção para o erro de se comparar uma geração à outra ou referenciar-se à geração de 68, pela proporção que esta tomou. Em algumas comparações o movimento atual aparece “apagado”, justamente por ser confrontado com a imagem mitológica da geração de 60, ou por não se ter um contexto de forte expressividade como o Regime Militar como pano de fundo. Neste sentido, a atuação contemporânea não tenha tanto destaque. No entanto, é importante considerar cada geração em sua época e as atitudes frente aos acontecimentos vivenciados por ela.

Bringel (2009), ao analisar a atuação do movimento estudantil, explica que esta aparece em ciclos, para tanto, aponta alguns períodos como principais: a década de 60 surge como época de forte expressão do movimento na luta contra a Ditadura e a favor da liberdade de expressão e da democracia. Os marcos de referência a este ciclo foram a morte do estudante Edson Luís em 1968, a repressão ao Congresso da UNE em Ibiúna e a “Passeata dos Cem Mil”, fatos históricos que marcaram a época. O quadro só é modificado a partir de 1974 através da luta e conquista de concessões por parte do governo, sendo este o 2º ciclo em que o movimento aparece em cena. A década de 80 representa um período de “desprendimento” das

amarras da repressão e a participação estudantil nas “Diretas Já” é significativa, sendo este mais um ciclo. Já em 90 há mudanças nas formas de ação coletiva do movimento estudantil, em um contexto “democrático”, as preocupações do mesmo centram-se na oposição ao fortalecimento do neoliberalismo, no crescente processo de globalização, nas transformações no campo educacional, expansão do ensino privatizado, incentivo a formação técnica em detrimento da formação crítica e cultural. Ficando concentradas as demandas no meio acadêmico e educacional. O marco desta década foi o movimento dos “caras pintadas” e a pressão pelo impeachment do presidente Fernando Collor. Este representa o quarto ciclo de atividade do movimento estudantil ou visibilidade do mesmo.

Elias (1993,1994; 1994a)em *O processo civilizador*, volumes I e II, demonstra as transformações sociais ocorridas a partir da influência de um dado contexto sobre as relações estabelecidas entre indivíduos e explica as mudanças que ocorrem em suas psiques, processo psicogenético, ao mesmo tempo provocando ações destes indivíduos que agem e reagem aos estímulos, intervindo em suas realidades.Ou seja, o que ele define como processo sociogenético. Começando pela Idade Média, destaca a disputa entre nobreza e burguesia e como cada uma tentava modificar seu comportamento sob o argumento do que seria ou não civilizado, os primeiros, ao diferenciar-se dos segundos, criavam e recriavam regras de etiqueta que eram copiadas pelos burgueses, o que provocava novas regras e, assim continuamente. Neste processo contínuo e dinâmico de transformações na configuração dos indivíduos, Elias (1993-94) demonstra claramente a interdependência dos processos psico e sociogenético, ou do individuo e estrutura, e como estes são responsáveis pela continuidade natural do fluxo histórico.

Ao refletirmos sobre o pensamento de Norbert Elias, acima discutido, pensamos na realidade da UFAL em 1950, década de sua formação, e nas transformações em todos os sentidos pelos quais a mesma passou.É possível então, identificarmos a contribuição do movimento estudantil nelas. Antes tínhamos a luta pelo aumento no número de vagas, reduzido quadro de profissionais, reduzido número de cursos, dificuldades de acesso, atendimento a um público privilegiado, assim era formada a UFAL. Posteriormente, com a Ditadura Militar, vieram a falta de investimentos na educação pública e a dificuldade de atuação e articulação do movimento estudantil com outros setores da sociedade e com os trabalhadores. Esta era a cara do movimento estudantil em Alagoas neste período. No entanto,

apesar das ações serem restritas, o mesmo encontrava formas de atuar, através de passeatas, greves, publicações etambém através do teatro.

Decorridas cinco décadas da fundação da UFAL, em um contexto político que possibilita maior liberdade de expressão e articulação, temos um movimento estudantil persistindo, com períodos de maior e menor intensidade, inserido em uma UFAL expandida para outros locais, atendendo a um público variado, oferecendo numerosos cursos, com uma estrutura maior, maior número de salas de aula e quadro profissional, porém, os problemas não acabaram e o movimento, obedecendo à ordem infinita a qual a humanidade esta submetida (Elias, 1994b) continua em *movimento*, acompanhando a dinâmica social e o contexto histórico.

Vivenciamos a era REUNI e a tão aclamada Reforma Universitária, porém, com ela vieram novos questionamentos e novas carências, conseqüentemente, a efervescência daquele que é considerado o clássico dos movimentos de juventude, o movimento estudantil. As ocupações de Reitoria, por motivos específicos ou gerais, correspondem a uma resposta à realidade da universidade e as necessidades identificadas pelos estudantes que tentam saná-las.

Os estudantes questionam a expansão da UFAL para o interior, para eles a universidade cria uma imagem fictícia sobre a interiorização que não corresponde à realidade. Os estudantes interioranos reclamam a falta de campus, como o caso do Sertão, a falta de estrutura física das escolas onde as aulas são ministradas, falta de laboratórios, bibliotecas e a demora na solução destes problemas. No caso de Viçosa, entre outros problemas, professores e alunos enfrentam a dura realidade do curso de medicina veterinária sem dispor de hospital, dificultando a eficiência do curso que, obviamente, necessita de prática. Além das reivindicações dos estudantes do campus Maceió que, há anos, lutam pela ampliação do restaurante universitário, fato que, gradativamente vem ocorrendo, além da ampliação e melhores condições da Residência Universitária. A última questão bastante debatida entre estudantes e profissionais é o caso da terceirização do Hospital Universitário, o que no entendimento dos estudantes significa “privatização”, sendo a população carente a maior prejudicada. O assunto tem sido pauta de infindáveis reuniões ainda sem acordo. Todos estes problemas estruturais, produtos de uma dada conjuntura, neste caso, a democratização e expansão do ensino, são motivações para a agência do movimento estudantil na UFAL. Os estudantes mencionam em suas falas constantemente, os sistemas, neoliberalismo e

capitalismo e os responsabilizam pelos problemas que a educação tem passado, pela falta de maiores investimentos, a forma como os recursos têm sido usados e, sobretudo, criticam o incentivo ao ensino privado. Estas críticas são quase unanimidade entre o movimento estudantil da UFAL, sendo apenas uma tendência de movimento a favor dos projetos governamentais, o que gera rixas entre os grupos, questão, não investigada neste trabalho.

Portanto, em uma relação de troca, vemos o movimento alagoano por décadas reagir ao contexto social no qual é inserido, seja com maior ou menor intensidade, seja com causas gerais ou específicas, dando sua contribuição à história de nossa universidade e estado.

4 SUBJETIVIDADE E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA – A AÇÃO DOS JOVENS MILITANTES NO CONTEXTO ATUAL.

Este capítulo tratará das motivações para o ingresso no movimento estudantil da UFAL, considerando a visão dos jovens/estudantes integrantes do Diretório Central dos Estudantes – Quilombo dos Palmares - gestão Correnteza, pertencente à referida instituição. Também o que representa para elas a militância, principais desafios e estratégias de mobilização. A abordagem busca explicar o novo formato do movimento estudantil na atualidade.

O capítulo compreenderá a subjetividade dos sujeitos pesquisados, no entanto, subjetividade esta, convertida em objetividade a partir da participação política dentro e fora da universidade e a defesa de “causas” julgadas pelos mesmos como necessárias para garantir o direito dos estudantes a uma maior qualidade no ensino superior público. Entendendo que, este sujeito, é mais um agente que, identificando-se com outros que compartilham os mesmos ideais, formam um conjunto ou um grupo em uma relação de somatório de forças e vozes fazendo assim o movimento ou os movimentos estudantis.

Neste sentido, o movimento estudantil, de acordo com a definição de Feuer (1969) apud Bringel (2009), é “como uma coalizão de estudantes inspirada em propósitos que procuram traduzir-se numa ideologia política, impulsionada por uma rebelião emocional em que estão latentes a desilusão e a rejeição dos valores da velha geração” (p. 101). Então, assim está definido o movimento estudantil em Alagoas, no Brasil e no mundo.

4.1 Motivações para a militância – O que leva os jovens/estudantes ao engajamento no movimento estudantil.

Durante a pesquisa foi realizado acompanhamento das atividades realizadas pelo DCE- UFAL (observação participante), na ocasião foram travadas conversas com seus membros (*entrevista não diretiva*) e algumas entrevistas diretas, as quais serviram para aprofundar as questões. Os militantes pesquisados da capital e do interior foram escolhidos independentemente de tendência político-partidária ou grupo, visto que, a entidade é composta por dois grupos políticos diferentes, sendo os cargos ocupados proporcionalmente

ao número de votos e posição nas eleições para a entidade, bem como, por membros filiados e não filiados a partidos políticos, questões estas as quais não foram verificadas nesta pesquisa.

Nesta pesquisa, verificou-se que, a partir da constatação das carências em seus cursos ou na estrutura dos prédios onde funcionam, ou seja, os “problemas” da universidade causam nos estudantes o sentimento de frustração de suas expectativas enquanto futuros profissionais, além do próprio comprometimento com a aprendizagem durante os anos de estudo. A percepção de algo “errado” ou “fora de lugar” no espaço onde se espera algo para além da realização profissional, ou seja, também de crescimento pessoal, leva estes jovens a questionarem sua posição ali e seu papel enquanto estudantes pertencentes àquela instituição e, assim, não querer somente ser mais um ou restringir seu papel a relação ensino-aprendizagem e formação profissional.

A fala abaixo expressa o “despertar” de um estudante para a militância e revela os aspectos que o levaram a militar:

Então, como eu disse, no meu entendimento começou a ficar mais aberto, a vislumbrar outras coisas, a partir do momento que eu comecei a participar dos grupos de estudo da teoria marxista, comecei com o professor Ciro, professor do CEDU hoje, que lecionou essa disciplina e tentou é... consolidar esse grupo lá na Economia, esse estudo, o debate, posterior a isso é... eu comecei a participar de algumas reuniões do centro acadêmico, mesmo não sendo membro efetivo (...) Participei do encontro dos estudantes de economia em 2009, que foi em Florianópolis e lá eu pude ter o contato com o movimento estudantil nacional de área, apesar de ser de área, mas que buscava uma renovação do quadro da própria federação dos estudantes de economia nacional, e me interessou, me despertou é... a participação, o engajamento, e que eu deveria contribuir também, a necessidade de contribuir no melhoramento do curso e pra que mais estudantes tivessem acesso a informações que eu tava tendo naquele momento, que eu achava que deveria ser mais difundido, então, eu simplesmente, queria ser mais um difusor de informação pra ajudar os estudantes a construir mesmo uma nova noção, a partir do entendimento deles da própria economia, pra própria mudança de grade curricular, das estruturas. Já em 2009 mesmo é... já em contato com o grupo que hoje eu faço parte, que é o Movimento Correnteza, a gente montou uma chapa pra disputar as eleições do centro acadêmico, a gente acabou ganhando e estamos em duas gestões, foram duas gestões do centro acadêmico foram... teve uma grande mudança, assim, principalmente no primeiro ano é... pra o curso, onde a gente conseguiu o engajamento dos estudantes de economia no próprio movimento estudantil, isso era meio apagado, e cada vez ia mais fortalecendo na prática do movimento estudantil junto com a teoria, acho que isso é essencial, né? (Militante 1, membro do DCE).

Através do envolvimento em partidos políticos, alguns estudantes demonstram habilidade no fazer político. O conhecimento de leituras de cunho socialista de alguns membros, sobretudo do grupo majoritário do DCE, o Movimento Correnteza, citado acima, tem sido a base da militância de muitos estudantes. No caso daqueles que não têm

envolvimento em nenhum partido, o desejo de participar e dar sua contribuição parte das necessidades advindas de seus cursos e, em seguida, através da ampliação de sua visão e da constatação das necessidades da universidade, chegando ao estágio da identificação com os problemas de outras categorias sociais, grupos ou movimentos, da sociedade e do sentimento de pertencimento a esta. É como se a visão e adesão a causas passasse por “estágios”, que vão desde as questões específicas de seus cursos e vão se ampliando para questões da universidade em geral e causas sociais. Entre os jovens pesquisados percebe-se a passagem por estes “estágios” os quais acabamos de mencionar. Os mesmos, a partir do “incômodo” com a realidade dos seus cursos e o interesse em contribuir para a resolução das carências destes, passam a prestar atenção e a identificarem-se com as ideias de outros estudantes que já são militantes, este é o primeiro passo para a militância. As reuniões dos CA’s e os encontros de área são espaços de interação fundamentais na difusão de ideias e ideologias, nos quais é comum a abertura da visão crítica e o “despertar” do interesse em fazer parte de um grupo e aderir a causas que se considerem importantes e, sobretudo, poder dar continuidade a esse trabalho de “conscientização” dos demais estudantes. Perceber que, fazer parte de alguma entidade estudantil pode trazer “uma grande mudança”, ainda que sejam pequenos benefícios e melhorias físicas, serve de estímulo para se continuar participando e se engajando cada vez mais em lutas de maiores proporções, em entidades de maior representatividade, e assim, de forma crescente.

Mesmo não se envolvendo, em alguns casos, com o partidarismo ou correntes específicas, os estudantes em geral têm participado das assembleias estudantis, têm ido aos debates, comparecem aos atos e demais manifestações, em maior ou menor número, estão presentes. De acordo com os militantes pesquisados, os estudantes têm atendido ao “chamado” de forma crescente, comparecido em número considerável às manifestações realizadas. Estas manifestações têm atraído os estudantes não militantes, a exemplo da assembleia²⁹ que aprovou a ocupação da Reitoria em 2011, onde centenas de estudantes compareceram e grande número participou da ação. No entanto, sabemos que estes ainda representam uma minoria.

Em *A sociedade dos indivíduos*, Elias (1994b), expõe os conceitos de psicogênese e sociogênese (mencionados no fim do terceiro capítulo), ou seja, o processo de modelagem e transformação da personalidade dos indivíduos a partir da influência do meio externo, ou

²⁹ Ver foto em anexo.

psicogênese e as alterações nas estruturas sociais ocorridas ao longo dos anos influenciadas pelas ações dos indivíduos, neste caso, sociogênese. Portanto, tomando um pequeno fragmento social, o movimento estudantil em Alagoas, por exemplo, percebemos em sua atuação ao longo dos anos uma resposta a um determinado conjunto de fatores impostos e vivenciados por estes indivíduos influenciados por um dado contexto social. Estes, então, passam a atuar junto com outros jovens de ideias semelhantes ou que, a partir de um dado momento, passam a se identificar. A partir de tais fatores, todo um processo de alteração da personalidade se inicia, e então, estes passam a sentir-se diferentes e a desejar desempenhar um papel social que, de alguma forma, possa interferir em sua realidade, realizar seus anseios. Ou seja, neste processo de mudança, estes adentram a um grupo, tornam-se atores, militantes do movimento estudantil. Neste sentido, vemos a presença e a reciprocidade entre a psicogênese e a sociogênese e as estruturas sociais, como a estrutura ou o contexto social influencia certos indivíduos que passam a reagir a ele, tentando modificá-lo. Assim é o movimento estudantil e o objetivo em participar, transformar a universidade, seu espaço de convívio e interação. Neste caso, estes jovens sentem-se convidados a lutar por objetivos que vão desde a estrutura física dos prédios à segurança do campus e, principalmente, garantir a qualidade do ensino. Uma realidade lhes é apresentada, uma não aceitação dela acontece e daí todo um processo de lutas, mudanças, novas lutas, novas mudanças, segue continuamente.

O movimento estudantil na UFAL, de maneira geral, é composto por diferentes correntes: a UJS (União Juventude e Socialismo); juventude do PC do B; a Correnteza, grupo que têm filiados ao PCR e sua juventude faz parte da UJR (União Juventude e Rebelião); e, por fim, também pelos integrantes da ANEL, membros do PSTU. Em nosso conhecimento, estes são os principais grupos que fazem o movimento estudantil na UFAL e em Alagoas. Entre eles há divergências de ideias e até troca de acusações, no entanto, há identificação na defesa de causas, portanto, de certa forma, há somatório de forças. Temos o caso das ocupações da Reitoria, nas manifestações contra o aumento da passagem de ônibus e a favor do *passê livre*, principalmente a defesa de uma universidade democrática, aberta ao diálogo com os estudantes, atendendo aos seus anseios e que, sobretudo, ofereça uma educação de qualidade.

Percebemos com o trabalho de campo, nas falas dos pesquisados, durante o acompanhamento das diversas atividades, principalmente reuniões, mas, também na realização de protestos, a constância das palavras: trabalhadores e população. O que denota uma fuga do discurso particular sobre as causas estudantis. Os estudantes mostravam-se

preocupados em pensar de que forma poderiam atuar e colaborar nas situações extra universitárias.

Outras questões de caráter mais geral integram a pauta de reuniões e/ou são incorporadas às bandeiras. O debate sobre a “privatização” do HU, por exemplo, ou seja, a administração do hospital entregue a uma empresa privada, foi pauta durante várias reuniões, onde os estudantes pensavam formas de se opor aquilo que, segundo os mesmos, seria prejudicial à população carente que procura os serviços do hospital. Os estudantes pensavam em mobilizações, protestos e formas de informar à população sobre o que significaria a concretização do acordo, para eles, o Estado e a Universidade perderiam o direito sobre o mesmo. Representantes do DCE participavam de reuniões que discutiam o novo regimento interno do HU, o mesmo, na opinião dos estudantes, desfavorecia a população e favorecia a gradual privatização do hospital. Uma palestra foi realizada para discutir o tema e falar sobre a empresa EBSEH (Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares) a qual seria responsável pelo controle do HU, caso, assinada a proposta. A palestra para a discussão do problema seria composta por uma especialista no tema, representantes do DCE, Sintufal e Adufal. A ideia do DCE foi reunir a maior quantidade de estudantes possível nesta palestra, para facilitar na divulgação de informações sobre o tema e, conseqüentemente, formar oposição.

Outra questão bastante debatida entre os militantes em uma das reuniões foi o despejo dos moradores do lugar que ficou conhecido como Pinheirinho, em São José dos Campos - SP, o qual, após atendimento ao pedido de empresário local, a Justiça Estadual determinou a reintegração de posse do local, expulsou os moradores e devolveu o terreno para seu suposto proprietário. O caso contou com divergências entre a Justiça Estadual, a favor do empresário, e a Justiça Federal, que determinava que o terreno fosse distribuído e fosse legalizada a posse dos atuais moradores. A área, que se encontrava abandonado desde 2004, estava sendo habitado por famílias carentes. Os militantes demonstravam indignação e questionavam seu papel enquanto jovens e estudantes, discutindo como poderiam atuar em situações como essa.

Sobre a questão do aumento da passagem de ônibus, problema que, segundo os militantes, não se restringe aos estudantes, mas, aos trabalhadores desempregados e a população carente, também foi bastante debatido. Em casos como este e o do Pinheirinho, mencionado acima, observamos nos discursos um interesse e uma proposta de maior aproximação com a comunidade e os trabalhadores, uma solidariedade de causa, bem como, o

entendimento da necessidade de maior integração e mobilização entre os três setores. Isto demonstra que o movimento estudantil na atualidade não está isolado ou não se preocupa exclusivamente em resolver problemas específicos da universidade, mas sim, possui um olhar para a sociedade alagoana, um olhar de dentro para fora, de um ambiente de instrução e conhecimento para sua sociedade, reconhecendo semelhanças de causas, direitos, percebendo-se como cidadãos integrantes de um todo, usando seu conhecimento sociopolítico na compreensão de fatores que afetam não só a comunidade acadêmica, mas em geral, tentando interferir nessa realidade, modificando-a.

Para a prática e intervenção nestas questões, o movimento estudantil opera dentro dos limites de suas possibilidades, ou seja, dispendo de elementos de difusão de informações, “conscientizando”, mobilizando, protestando e publicando moções de apoio e/ou repúdio. O meio eletrônico tem sido uma importante ferramenta para tais ações e tem sido correntemente recorrido pelos jovens/estudantes.

Além destas questões, os jovens dedicam boa parte de seu tempo à militância e às atividades da entidade. São realizadas reuniões mesmo em período de recesso, na capital e no interior há agendamentos e cumprimento de compromissos de caráter estudantil ou com outros setores, como o caso das reuniões com o comando de greve dos professores e com a comissão que discute o aumento da passagem de ônibus, participação em assembleias, convites dos cursos à participação em mesas-redondas, palestras, organização e realização de eventos como a Semana dos Feras, bem como de manifestações e protestos. Tudo isso exigidispêndio de tempo, a necessidade de conciliação com as demais atividades estudantis, trabalho e relações pessoais, sendo estas últimas, muitas vezes colocadas em segundo plano. O que ocorre, é que através do convívio na militância, círculos de amizade são formados, o compartilhamento de ideias e experiências servem para fortalecer estes laços. As relações interpessoais de companheirismo e amizade são perceptíveis durante os eventos e/ou atividades, onde a interação, sobretudo entre membros do mesmo grupo, é forte. É comum a reunião destes jovens/estudantes fora da academia, para além da militância, em locais de entretenimento, por exemplo³⁰.

Então, tudo é fazer propaganda do partido, fazer propaganda do movimento, então isso exige bastante... bastante... desenvoltura, atividade, muita atividade e isso requer boa parte do meu tempo de militante, claro que eu tenho a minha vida

³⁰ Observações feitas a partir do trabalho de campo.

pessoal, mas a vida coletiva se incorporou na minha vida pessoal de uma maneira muito forte, né? E eu tento administrar isso, né? Você viver então a ... Esse é o papel do militante comunista, né? (Militante 2, membro do DCE).

No trecho acima, o entrevistado evidencia como a militância exige disponibilidade de tempo. Como este é ocupado em sua maioria por estas atividades e existe previamente uma identificação de interesses com determinado grupo específico ou com determinados membros deste, onde o contato e a interação são constantes, assim torna-se difícil “descolar” o pessoal do coletivo e a formação de laços afetivos é inevitável.

Há nestes jovens/estudantes o desejo de contribuir para uma possível mudança, ainda que seja em pequena escala ou em um espaço delimitado. Há um sentimento de pertença a um todo e o desejo de abraçar causas que lhes favoreçam enquanto estudantes, ao mesmo tempo deixar aos novos seu “legado”, sentir-se útil, não ser mais um. De uma realização subjetiva parte-se para o interesse coletivo e a certeza de fazer algo considerado justo. Como dissemos a pouco, estas aspirações, muitas vezes, partem de causas localizadas e alcançam interesses de nível maior:

(...) Os estudantes de todos os níveis unidos, lutando por uma educação de qualidade, não só pela educação, mas pelo um Brasil melhor, um Brasil justo, soberano. O movimento estudantil, ele, tem esse papel importante na sociedade, de conscientização da população, levar... tentar levar o máximo pra população, todas as informações precisas do que é a sociedade em si, como fazer com que essa sociedade melhore, entendeu? (...) então, o movimento estudantil hoje tem esse papel de conscientização da população para um novo sistema, digamos assim, de governo, um novo sistema, que não oprima os trabalhadores ou tenha outra forma de governar, uma forma mais humana, então, o movimento estudantil tem esse papel importantíssimo (Militante 3, membro do DCE).

(...) Porque o que importa no movimento estudantil não é apenas a luta específica, né? A luta específica do bebedouro, essas coisas são importantes. Mas, o nosso interesse, o meu interesse é uma coisa muito maior, é o socialismo, né?. Então, o movimento estudantil é essa porta pra isso. (Militante 2, membro do DCE).

O movimento estudantil, como acima demonstrado, é visto como um meio para se alcançar determinados fins. Estes podem ser mínimos como a conquista de “bebedouro” novo, questões de estrutura física que facilitem o funcionamento dos cursos ou, de caráter geral e ideológico, como o desejo de tornar o “Brasil mais justo”, a mudança no sistema político ou a implantação do socialismo. Estes interesses permeiam os discursos dos jovens/estudantes e fazem parte de seus ideários, não apenas dos dois entrevistados acima. A crítica ao capitalismo e ao neoliberalismo aparece em muitas situações, responsabilizados pela exclusão

e desigualdades sociais presentes também no ensino público. Portanto, são elementos a serem “combatidos”. Os militantes acreditam na possibilidade de através do engajamento em lutas específicas e localizadas, minimizar os efeitos destes sistemas. A participação no movimento estudantil é vista como a possibilidade de contribuir para tais tarefas, o papel de cada um na formação e manutenção do todo é tomado pelos jovens/estudantes como principal responsável para fazer acontecer a mudança.

Não queremos ser ingênuos ou românticos, a ponto de defender que tudo dentro do movimento estudantil acontece de forma harmoniosa, livre de conflitos, divergências, dificuldades. Mas, apenas ressaltar que há, mesmo que em uma minoria de jovens, o interesse de através de alguns canais, neste caso, a via política e o envolvimento no movimento estudantil, atuar de maneira a defender interesses e causas, sejam elas as mais variadas. Contudo, sabemos que grande parte dos estudantes e jovens no geral não estão inseridos ou não se sentem atraídos por nenhum tipo de associação. No caso da UFAL, a maioria não participa, ou estão alheios aos problemas dela, sendo este um desafio ao M.E, informar e “conscientizar”. Muitos estudantes, não militantes, vêem a militância como coisa de “desocupados”, “baderneiros”. Outro motivo para o não envolvimento no movimento estudantil está no fato de estarem focados em seus objetivos pessoais, como formação profissional e conseguir inserção no mercado de trabalho. Esta pode ser entendida como uma bandeira divergente entre o movimento estudantil, engajado em lutas coletivas e os estudantes não militantes, preocupados com a realização profissional.

Um dos entrevistados define o pensamento e o comportamento da maior parte dos estudantes:

(...) você vê já de início a dificuldade de muitos estudantes da compreensão do que é universidade, no sentido de que acham que a universidade é uma continuação do ensino médio, de que simplesmente vai pra aula, acabou a aula, volta pra casa, faz atarefinha de casa, o deverzinho de casa, vai, volta, entrega o trabalho no outro dia, fica nessa rotina que é um saco, a rotina que acaba com qualquer cidadão em especial os estudantes, neste sentido, então é... nesse reflexo de ideias dessa compreensão de que a universidade não era é... somente esse quadro resumido que é a escola, que não deveria ser também, mas que acaba sendo e que a gente deveria aproveitar mais os espaços, pra fazer parte da universidade, pra ficar um horário a mais pra estudar, conversar, conhecer novas pessoas, novas culturas, a universidade consegue proporcionar espaços pra discussão (Militante 1, membro do DCE).

Além de exemplificar a apatia da maioria dos estudantes universitários, neste caso, estudantes alagoanos, o militante acima, chama a atenção para a falta de visão crítica e ressalta o olhar dos estudantes resumido apenas nas questões pessoais e normativas. Segundo o mesmo, sobretudo nos primeiros meses ou anos, é comum este tipo de comportamento onde os jovens/estudantes ainda estão “amarrados” ao regime do ensino médio, podendo vir a mudar ou não. Destaca ainda que, a universidade não representa apenas um meio de aprendizagem profissional, mas vai além: é um espaço de socialização e troca de ideias, fatores que possibilitam a ampliação do senso crítico, assimilação de valores e o compartilhar de visões de mundo. O ingresso à universidade representa, na visão dos militantes, um marco de transição de uma fase da vida para outra. O estudante universitário consequentemente tenderia a ampliar sua visão de mundo e senso crítico, quando isso não ocorre ou não é latente, há críticas. Os militantes se veem na incumbência de tentar desconstruir essa visão, ou seja, no papel de “conscientizar” os demais estudantes.

Sobre os motivos para a visão negativa sobre o fazer movimento estudantil, compartilhada por parte dos estudantes e população, na opinião de um militante:

É... eu acho... na minha opinião, o motivo [desmobilização] seria a própria mídia, entendeu? O problema todo é até a própria mídia, nós hoje vemos que a mídia, tenta esconder o que existe de movimento estudantil funcionando, entendeu? Tenta passar pra população, entendeu? Que não há mais motivo pra lutar, entendeu? (...) E isso é um problema que ta afetando bastante, e isso faz com que as pessoas se acomodem e não tenham mais pensamentos tão críticos, entendeu? (Militante 3, membro do DCE).

O jovem/estudante acima coloca a mídia como principal responsável pela desmotivação dos demais estudantes e responsável por criar um estereótipo sobre o militante. Vimos na subseção 3.3.5 do capítulo III, a criminalização do movimento e a contribuição da mídia para isso. Vencer estes “preconceitos” é um dos desafios em se fazer militância.

4.2 Os desafios à militância.

Participar de movimentos sociais ou qualquer tipo de grupo não é fácil, vários são os desafios enfrentados pelos militantes no fazer movimento. Entre os principais podemos destacar a questão financeira. É necessário dinheiro para a realização de eventos, compra de

materiais, pagar passagens e arcar com as despesas da participação em encontros, eventos, protestos, entre outras atividades que precisem de representação. Esta é uma das principais dificuldades enfrentadas pelo DCE – UFAL, arrecadar fundos para manter a entidade e os compromissos da mesma e de seus membros. Esta questão financeira adentra a vida pessoal dos militantes, na maioria das vezes, estes usam recursos próprios para bancar as despesas de sua militância e não atinge apenas o Diretório Central dos Estudantes, mas o movimento estudantil como um todo sofre com a dificuldade em conseguir subsídios para suas ações. Para isso, recorrem a pedágios e até venda de bebidas nos eventos. No caso do DCE, além destas fontes, a entidade conta com o valor do aluguel de um local de xerox e, às vezes, com bolsas cedidas pela PROEST (Pro - reitoria estudantil), como caixa para a realização dos eventos³¹.

Outra questão difícil é a conciliação do tempo entre *fazer* o movimento, estudar e trabalhar, como veremos abaixo nas falas de um militante. Os estudantes afirmam ter uma vida de doação. É preciso abrir mão de questões pessoais, e ter o cotidiano cheio de atividades implica em disciplina e organização. Quando perguntamos sobre como é *fazer o movimento*, obtivemos as seguintes respostas:

(...) No caso de como a maioria dos estudantes, boa parte dos estudantes tem que trabalhar ou tem que cumprir hoje uma tarefa burocrática de trabalho na universidade mesmo, pra ter algum tipo de remuneração, é... de mais quatro horas sentado fazendo alguma atividade e você ter muito pouco tempo pra pensar, você pensa pouco hoje em dia por conta dessa carga horária acumulada, então você chega em casa muito cansado é... Quer fazer um outro tipo de atividade, às vezes não pode porque tem que se dedicar as tarefas domésticas e também ter mais esse trabalho que agente acaba exercendo, mas o ator do espírito revolucionário de querer ver a mudança acontecer, acaba superando todos esses percalços então, é... ter essa condição de tentar encaixar um horário para que você possa atuar no movimento é... tentar dormir menos, você acaba dormindo cada vez menos pra poder aproveitar o máximo do seu dia(...) (Militante 1, membro do DCE-UFAL).

(...) E fazer o movimento é você acordar cedo, estudar, depois de estudar, você vai fazer reuniões de entidades estudantis, quando pinta problema com relação a nossa educação, fazendo Atos, chamando a população para brigar pelos nossos direitos, o movimento estudantil é isso, é você lutar pelos nossos direitos e pelos direitos daqueles que também não estão inseridos no movimento, mas que fazem parte da esfera dos estudantes também (Militante 3, membro do DCE).

Os trechos acima explicitam o cotidiano de quem participa do movimento estudantil, também encontramos nestas falas, o sentido de participar: “querer ver a mudança acontecer”,

³¹ Dados obtidos no trabalho de campo.

“lutar pelos nossos direitos”. A realização e participação em eventos exigem preparação, que demanda mais tempo e dinheiro, além dos “problemas” que surgem durante os mesmos, os quais necessitam da mobilidade dos militantes para solucioná-los. Fazer militância, a nosso ver, implica dedicação e disciplina. É ter que reorganizar seu tempo, abrir mão de questões pessoais em favor da vida coletiva, da militância. Estes jovens/estudantes não se percebem como mais um, ou um número a mais que compõe o quadro discente da universidade, eles se vêem na “obrigação” de serem diferentes, de fazer algo por seus pares, deixar seu legado, nem que para isso tenham que fazer sacrifícios, dormir menos, organizar eventos, encarar os problemas, deixar de lado o cansaço.

É interessante notar o acúmulo de tarefas e funções. Vemos na fala do militante 1, a necessidade de executar várias funções, ser estudante, militante, trabalhador e cuidar da casa. Sobre isto, percebemos uma quebra de paradigma em relação ao movimento estudantil nas bibliografias de décadas atrás. No passado, militantes em sua maioria oriundos da classe média, estudantes diurnos que dispunham de tempo para a militância e a academia. Hoje temos um movimento misto, onde o critério de classe não é mais tão perceptível como antes. No entanto, a necessidade de realizar alguma atividade remunerada, além das atividades acadêmicas, surge como entrave ao exercício do pensamento crítico, o que pode, segundo as falas, acabar “vendando” os olhos de parte dos estudantes, ao mesmo tempo, este fator dificulta a dedicação daqueles politizados. Apesar das dificuldades estes jovens/estudantes não abrem mão de seus ideais, acreditam no poder da militância e do movimento estudantil.

O descrédito das ações do movimento perante a sociedade e a comunidade acadêmica é mais um entrave enfrentado pelo movimento. Segundo os entrevistados, a mídia é a principal responsável por criar uma imagem negativa das ações estudantis, refletindo inclusive, na visão dos demais estudantes, como discutido acima. Repassar para os estudantes em geral, o que é a universidade, seus problemas, tentar desmitificar a universidade como “porta” fácil para o sucesso profissional, nas palavras deles, “conscientizar”, é um trabalho árduo e praticamente diário. Além da “repressão” de seus atos dentro da universidade, a qual os mesmos sofrem por parte dos dirigentes da instituição, e das punições sofridas que também pesam sobre o *fazer movimento*.

Fazer o movimento implica correr riscos, comprometer a formação profissional em prol da dedicação à militância. É, muitas vezes, sofrer agressões físicas pela polícia em manifestações nas ruas, ser preso ou sofrer processo, como é o caso dos sete jovens

processados pela Reitoria e outros casos ocorridos em anos anteriores, onde os estudantes tiveram que pagar cestas básicas.

4.3 Subjetividade e participação política de jovens sob outros pontos de vista.

Vimos acima a atuação do movimento estudantil na UFAL e o comprometimento dos jovens/estudantes militantes, os desafios enfrentados, a militância alternativa através da via cultural e entretenimento.

Continuando a discussão sobre a participação política e o engajamento de jovens em grupos e em defesa de causas, veremos estudos como o de Castro (2008). Esta autora realizou pesquisa com jovens militantes no sentido de analisar o nível e as motivações da participação juvenil em causas coletivas. A mesma entrevistou militantes de movimentos sociais, partidos políticos e prestadores de serviço voluntário. Neste sentido, houve divergências nos resultados sobre visão e formas de atuação destes jovens. Fato evidente pelos diferentes tipos de associação, porém, algo eles tinham em comum: o desejo de transformação.

A realidade social de desigualdade em nosso país, a falta de oportunidades para jovens, sendo uma das consequências deste quadro, além de demais problemas enfrentados por nossa sociedade constituíram os principais fatores de motivação dos jovens, entrevistados por Castro (2008), para o engajamento em grupos associativos que pudessem realizar algum tipo de transformação social. Segundo a autora, o que ocorre com os pesquisados faz parte de um lento processo de formação da subjetividade de cada jovem e o despertar do entendimento de pertencer a um todo maior, uma coletividade. “Entender a si mesmo como parte de um todo maior: uma nação, por exemplo – requer uma lenta transformação subjetiva que redimensiona o sentido de lugar e de inserção do jovem” (CASTRO, 1998, p.254). Ao mesmo tempo em que se forma a subjetividade, desenvolve-se o desejo de agir objetivamente abraçando uma causa.

Neste caso, a pesquisa pretendia apreender como este sentimento de pertença é desenvolvido. Entre os 25 entrevistados, constatou-se que a percepção de “coisas erradas” na sociedade os fizeram despertar para a atuação política, ou seja, a partir da ampliação do senso crítico da realidade na qual estavam inseridos, seja de modo geral (sociedade) ou dentro dos

espaços de socialização, escolas, universidades, comunidades. Nesta empreitada, os jovens buscam meios e outras pessoas que possam compartilhar da mesma visão e objetivos. Ainda segundo Castro (2008), a participação política confere a estes jovens um diferencial, importância frente a posição social que ocupam e um sentido para suas ações. Sendo que, estes espaços: “(...) de discussão política constituem um referencial importante para a formação de identidades juvenis, para além daquelas comumente consideradas, como a família e a escola (p.260). Com relação aos jovens não militantes, estes são apontados pelos primeiros como despolitizados, alienados ou individualistas. Estes fatores, encontrados por esta autora em suas pesquisas e aqui elencados, são pontos comuns entre esta pesquisa e o trabalho aqui apresentado. Os jovens militantes alagoanos sentem-se na obrigação de modificar a realidade que lhes é dada, para tal, associam-se com jovens que compartilhem dos mesmos ideais. O sentimento de não ser apenas mais um e aceitar passivamente o que lhes é imposto, é motivação para a militância, participar das ações. Isto confere a estes jovens algo que os diferencia da maioria.

Outro fator importante a destacar, que consiste em mais um fator comum entre a pesquisa de Castro (2008) e os jovens alagoanos pesquisados, é a entrega destes jovens à militância, deixando em segundo plano a vida pessoal e a carreira para dedicarem-se às causas coletivas. A autora, em discussão, constatou, contudo, que há um declínio de participação na política institucionalizada, igualmente a crescente descrença nos mesmos. No entanto, o engajamento em movimentos como estudantil, por exemplo, e a filiação em partidos políticos ainda ocorre. No caso dos jovens voluntários, estes são os principais descrentes nas formas institucionalizadas de se fazer política, ou seja, em partidos e movimentos sociais, Estes jovens acusam estas formas de corrupção e fonte de alimento e legitimação da máquina burocrática do Estado. Entre estes jovens, a preocupação com a comunidade e a solução de problemas, ainda que sejam pontuais através do trabalho em ONG's, e o desejo de fazer algo por outros jovens são o principal incentivo e provoca o sentimento de realização enquanto cidadãos. É cumprir um papel que, na opinião deles, seria do Estado. Contudo, mesmo variando as formas e a visão, a autora encontrou entre seus entrevistados o desejo de fazer algo por sua comunidade, sociedade ou país, sentindo-se realizados e úteis por poder contribuir.

Somando-se ao estudo acima, Castro Garcia (2007) também encontrou em suas pesquisas jovens críticos à política institucionalizada, como partidos políticos (84,6% dos jovens pesquisados não acreditam), Governo (76,6% dos jovens não confiam), Congresso

Nacional (82%). No entanto, este descrédito não indica uma completa aversão ou apatia à política, mas as formas tradicionais. Este caráter crítico demonstra que os jovens estão atentos aos problemas que este tipo de política apresenta. As formas de participação estão se multiplicando e estes têm se engajado nestas novas formas. “Hoje, os jovens estão engajados em ONGs e associações que lutam contra a homofobia, contra o racismo, pela qualidade do meio ambiente. Por outro lado, circulam e combinam vários espaços que não se contrapõem necessariamente, o que corrobora a negação de que participação se refira a um tipo exclusivo de filiação” (CASTRO, Garcia 2007, p.86). Contudo, neste contexto de capitalismo predominante, consequente, consumismo e crescente individualismo, no qual os jovens estão inseridos, estes fatores têm “soterrado” a visão de coletividade destes e dificultam sua participação política.

Remetendo-nos aos dados encontrados por Castro Garcia (2007), os mesmos revelam que 27,3% dos jovens brasileiros participam ou participaram de algum grupo associativo, sendo eles, movimentos sociais, partidos políticos, grupos religiosos, ONGs, entre outros. O percentual de jovens participantes de grupos religiosos é superior aos demais alcançando 81,10%. Estes dados são retirados de um número de 47.832.670 jovens em pesquisa realizada pela UNESCO em 2004. Os dados demonstram ainda o percentual de participação distribuído por classe social, são 32,1% entre as classes A/B, 30,0% compostos pela classe C e 24,7% por jovens da classe D. O que nos leva a perceber que a diferença entre o índice de participação interclasses não é tão distante, que a participação não é exclusiva de uma determinada classe. Como o grau de instrução também traz os maiores percentuais de participação, 32,7% no ensino médio e 39,8% no ensino superior, este fato pode explicar a adesão maior das classes mais altas, visto que, as mesmas têm maior acesso a educação formal, aos espaços de politização e cultura, fatores que podem contribuir para a ampliação da visão crítica destes jovens. No entanto, segundo Castro Garcia (2007) a partir dos dados de pesquisa realizada no Rio de Janeiro em 2001 com 800 jovens, 70% destes, pertencentes à classe pobre, são favoráveis à greve por aumento de salários entre outras causas coletivas.

A autora, acima citada, chama a atenção sobre as generalizações, as quais são acometidas grande parte das pesquisas sobre participação juvenil, nestas, há decréscimo na participação política dos jovens, sobretudo, nas instâncias institucionalizadas, como frisamos anteriormente. No entanto, é importante ressaltar que: “há que se reconhecer que o campo de organizações das juventudes é complexo e amplo e que os jovens continuam de forma renovada participando inclusive de partidos, sindicatos e mobilizando em ações que se

formatam em passeatas, ainda que não de forma tão noticiada pela grande imprensa como em 1968 e 1984” (RIBEIRO, 2004 apud CASTRO, Garcia, 2007, p.100). A luta dos jovens pela criação de uma Secretaria Nacional de Juventude, bem como, um Conselho Nacional de Juventude ampliado, ambas as entidades institucionalizadas merecem ser mencionadas, além de lutas para a criação de políticas públicas para juventudes pelo Estado (CASTRO, Garcia 2007). Ainda sobre as generalizações, esta autora diz que os autores que explicam esta descrença na política institucionalizada não aprofundam suas pesquisas para entender porque isto ocorre, também não consideram que em um novo contexto, novos sujeitos surjam, assim como novas causas, a exemplo da luta antiglobalização e os grupos defensores da ecologia.

Os estudos acima demonstram que, independentemente da forma de atuação e tipo de engajamento dos jovens, é possível, não de forma generalizada, o comprometimento de jovens em causas que extrapolam sua realização pessoal, sendo preterível o interesse pela coletividade e o sentimento de responsabilidade frente a um propósito de transformação social. Sendo localizada, de início, para a gradual mudança (trabalhos comunitários) ou com objetivos de amplo alcance (cargo no governo). Para tanto, estes jovens utilizam-se da política e de seus mecanismos como meios, em contrapartida, a política dá sua contribuição na formação da identidade destes jovens. É claro que, a participação de jovens no movimento estudantil não é abordada nos dois casos acima, porém, percebemos semelhanças. Embora, sendo uma minoria, participando de grupos diferentes, com ideias e atuações diferentes, constatamos que, há nos jovens dos três casos pesquisados um espírito de reação a uma realidade posta, nos mais diferentes graus. Neste sentido, há uma tentativa através de algum canal, neste caso político, de se transformar esta realidade. Trabalho árduo.

Fazendo um paralelo com bibliografias sobre o tema que tratam de décadas anteriores, vemos um movimento estudantil composto por jovens que veem na participação uma forma de suprimir as frustrações com a realidade do ensino superior público, também uma alternativa de modificar esta realidade. Ponto convergente com os estudos dos anos 70,80 (FORACCHI, 1972). No entanto, estamos em um contexto político-social diferente, logo, com questões diferentes das apontadas por Saldanha (1998) no movimento na UFAL entre 60 e 80. Atualmente temos um movimento estudantil diversificado e não mais restrito a classe média. Este é composto por jovens que trabalham fora da universidade, ou prestam serviços dentro dela (bolsistas), moradores de periferia, mas também pela classe média. Este é um fato divergente das pesquisas de décadas anteriores, onde o ensino superior era menos democratizado e o acesso a classes inferiores restrito.

Concluimos que, a história tem nos oferecido vários tipos de juventude e de ações juvenis, cada uma com suas características, defendendo suas crenças, agindo conforme um contexto o qual estão inseridas, ao mesmo tempo assimilando e rejeitando valores, retomando ou criando causas e formas de atuação. O mesmo contexto pode produzir grupos diferentes, concorrentes ou conter indivíduos que não fazem parte de nenhum. Em nosso caso, acrescentaremos a ação de jovens/estudantes dentro do movimento estudantil, como produto de um contexto, atuando e reagindo a ele.

5 CONCLUSÃO

Embora este trabalho tenha como foco retratar o movimento estudantil alagoano na atualidade, buscando ressaltar a participação dos jovens/estudantes, que dão vida ao mesmo e, compreender a partir da visão destes os motivos para a militância, entendemos que seria de fundamental importância traçar um pouco da trajetória dos movimentos estudantis ao longo de décadas, no exterior, no Brasil e em Alagoas, principalmente, para assim, identificarmos suas contribuições, percebermos sua dinâmica, capacidade de se repensar e adaptar aos novos contextos. Contudo, não isento de conflitos e de problemas, claro.

Pensando nas diferentes bandeiras de luta que foram surgindo desde os anos 60 aos dias atuais; ou nas bandeiras retomadas com novas características; na busca por alternativas de politização e mobilização; na via cultural, como alternativa e como um meio de grande força; na formação de minorias dentro do movimento, fazendo movimento *dentro* do movimento, a exemplo dos movimentos negro, feminista, LGBT, percebemos a dinamicidade do movimento estudantil, a influência da estrutura em suas bandeiras e ações e a tentativa de interferir em sua realidade. O “legado” que cada geração de militantes deixa para os próximos na constante renovação do movimento, a partir da entrada e saída de estudantes na universidade, implicando em constante renovação de atores e a retomada de bandeiras por estes, quando necessário, ou o surgimento de novas demandas de ação. Este é o curso natural das coisas, este é o curso natural do movimento estudantil e da história que transcorre.

Constatamos nesta pesquisa que esperar dos jovens/militantes do movimento estudantil uma postura radical, um confronto armado, como ocorreu durante a Ditadura, um combate violento de violências praticadas na época, é esperar demais. Sabemos que o pouco que ocorreu deste tipo, não obteve sucesso, por este motivo, para muitos, a força do movimento estudantil entre 60-80 ficou desacreditada. Não se pode atribuir ao estudante o caráter revolucionário como se esta fosse uma característica natural sua, ou uma obrigação. Também sabemos que, existem correntes conservadoras no movimento estudantil ou em outros movimentos juvenis.

Em Alagoas, o movimento agiu dentro da legalidade, dentro das limitadas possibilidades as quais o Regime permitia, tendo um pouco mais de destaque antes da Ditadura, quando a UFAL estava recém-criada e antes dela já se tinha um movimento ativo (VASCONCELOS, 2011). No entanto, é com ações pacíficas, a partir do uso de estratégias inteligentes, que o movimento alagoano tem se sustentado, tem dado suas contribuições e, sobretudo, tem transformado a Universidade Federal de Alagoas. Entendemos que, o poder da palavra e das ações pensadas e executadas pelos estudantes, ora com sucesso, ora sem sucesso, tem sido a forma adotada durante o período de forte repressão e permanece nos dias atuais. Porém o conhecimento e as estratégias utilizadas, repetidamente mencionadas no texto, têm, na maioria das vezes, trazido respostas satisfatórias e contribuído para a gradual transformação da universidade.

Não podemos deixar de mencionar que a execução destas, mesmo pacíficas, acarretam problemas e, muitas vezes, consequências para os militantes, nos casos de repressão policial, prisões e processos sofridos. Este é o “ônus” de se fazer parte de movimentos sociais.

“Incomodar-se” com a realidade vivenciada em seus cursos e na universidade como um todo, e “incomodar” para ter esses problemas solucionados são características do movimento estudantil. Aliás, os movimentos sociais em geral têm como função a identificação de carências sociais, agem ou “incomodam” aos responsáveis na tentativa de sanar necessidades. O trecho abaixo reforça esta conclusão:

Os movimentos sociais realizam, de fato, um papel histórico maior do que simplesmente revelar as tensões e contradições sociais de cada momento histórico. Eles são acima de tudo uma bússola para a ação social, impulsionando o campo social para formas superiores de organização e buscando a institucionalização jurídico-legal das conquistas (SOARES DO BEM, 2005, p.140).

Historicamente, o movimento estudantil tem adotado estratégias de ação para ter suas reivindicações atendidas, com mobilização de estudantes e da população. Destacando-se as conhecidas caminhadas com os cartazes, faixas e palavras de ordem sendo gritadas, as panfletagens tão comuns dentro da universidade. As ocupações de prédios públicos, utilizadas na atualidade, foram uma estratégia utilizada por estudantes do movimento francês em 68 para chamar à atenção das autoridades. A ação acabou ganhando grande proporção, chamando à atenção da população e, sobretudo, dos trabalhadores que se sentiam convocados a aderir à luta, a qual as causas trabalhistas também faziam parte. Alguns trabalhadores iam até o acampamento destes estudantes para entender melhor suas ideias (THIOLLENT, 1998).

No Brasil, as ocupações de Reitoria alcançaram maior força e se tornaram comuns, a partir da Reforma Universitária em 2007, ocorrendo em vários estados brasileiros, muitas vezes, simultaneamente. Em Maceió, em 2005, a ocupação da Reitoria da UFAL tinha como um dos motivos o questionamento sobre a Reforma Universitária e o programa REUNI. No ano de 2007, uma nova ocupação ocorre tendo como principal motivação a implantação do REUNI e a expansão da universidade, entre outras pautas específicas. Sendo realizada a expansão da UFAL para o interior através do programa acima mencionado. Novas questões e reivindicações surgem a partir de então e, os estudantes decidem, mais uma vez, ocupar a Reitoria, desta vez, cobrando os resultados da Reforma, que na opinião deles, deixava a desejar e com ela novos problemas surgem, especialmente, na UFAL do interior. As ocupações de Reitoria e demais prédios públicos, nos campus, constitui uma das estratégias mais eficaz do movimento estudantil para ter suas reivindicações atendidas.

Outra ferramenta, atualmente, bastante utilizada e, reconhecidamente, de fundamental importância é a internet. Através da via digital, o movimento consegue mobilizar, informar, se comunicar e se manifestar. Através de blogs, como o próprio blog do DCE, por exemplo, serve de instrumento para publicar atividades, agendas, lançar informes, convocar para as manifestações. Suas postagens podem ser comentadas por estudantes militantes ou não militantes, de maneira geral. As redes sociais tem basicamente a mesma função, a divulgação de eventos e a comunicação entre os usuários. É através da internet que moções de apoio são enviadas e publicadas entre movimentos ou grupos sobre manifestações ocorridas, bem como, cartas de repúdio também. As panfletagens tão comuns há anos atrás, hoje, têm cedido lugar às expressões digitalizadas, claro que esta não foi totalmente descartada. Portanto, o meio

digital tem sido uma das formas de se chegar aos estudantes, atraí-los, informá-los e politizá-los. Eis mais uma estratégia do movimento estudantil na atualidade.

A internet, como ferramenta de apoio, tem sido um diferencial dos movimentos sociais na atualidade, uma forma rápida de lançar e obter informações. Este meio consegue atingir grandes proporções e não fica restrito a um momento ou local específico. Vemos nesta, a possibilidade de expansão de ideias e articulação entre o universo estudantil e movimentos estudantis de todo o país. A través dela é possível mobilizar estudantes do mundo todo, diferentemente de décadas atrás, onde o acesso ao meio digital não era tão comum e entre outros motivos, dificultava a expansão de bandeiras de lutas, divulgação de manifestações e outras notícias relacionadas. Este fato confere ao movimento estudantil atual um poder de alcance maior, de mobilização, disseminação e obtenção de informações e lutas que ocorrem em outras partes do Brasil e do exterior. Além da possibilidade de realizar ações simultaneamente como é o caso das ocupações de Reitoria em 2007, das greves estudantis, das de professores e técnicos, que paralisaram quase todas as universidades federais; e das manifestações destas categorias que ocorreram ao mesmo tempo em várias partes do país. Estas são características dos novos movimentos estudantis, informatizados e globalizados. As formas convencionais como passeatas, atos públicos, exibição de cartazes, tão comuns outrora, ainda acontecem, porém, atualmente conta com uma forte aliada na divulgação, dando-lhe um alcance muito maior que no passado.

O critério de classe social não foi abordado aqui, no entanto, a partir da pesquisa, não compreendemos a atual ação do movimento alagoano como resultado da defesa de interesses exclusivamente da classe média, ou em sua maioria, composto por integrantes oriundos desta, como aparece nos resultados de pesquisas das décadas de 60-80 (FORACCHI, 1972; SALDANHA, 1994). Nos discursos dos militantes aparece o interesse de associação e defesa dos direitos dos trabalhadores e da população carente. Entretanto, é importante destacarmos que, no critério de classe, o movimento atual é heterogêneo, composto por jovens de periferia e bairros nobres da cidade de Maceió, trabalhadores ou não. Sabemos que, o acesso ao ensino público gratuito é muito maior que em décadas atrás, principalmente no período da Ditadura onde não havia quase nenhum investimento na educação pública. Esta pode ser uma explicação para heterogeneidade no movimento estudantil em Alagoas hoje em dia. Também, há trabalhos em que, embora o movimento no passado fosse composto por membros das classes mais favorecidas, este fator não era predominante na agência do mesmo. Neste

sentido, os estudantes: “São atravessados pelas questões que agitam a sociedade, e que não podem ser reduzidas à problemática da origem de classe” (REIS FILHO, 1998, p.29).

Fazendo um paralelo entre os movimentos de ontem e de hoje, segundo as conclusões de bibliografias abordadas aqui, temos no passado um movimento composto, majoritariamente, pela classe média que, ao deparar-se com a realidade do ensino público superior, tinha suas perspectivas profissionais frustradas, portavam o desejo de corresponder às expectativas de sua classe de origem (FORACHI, 1972). Na contemporaneidade o movimento estudantil é composto por diversas classes e os interesses são a defesa de causas que beneficiem um todo maior. Não esquecendo que este benefício não deixa de ser individual.

A associação com outros movimentos sociais e movimento dos trabalhadores era problemática devido à perseguição e a repressão sofridas, sobretudo, no período da Ditadura, ao falar de Alagoas onde a tentativa de contato foi frustrada (SALDANHA, 1994). É comum, nos dias atuais, a colaboração entre movimento estudantil e demais movimentos sociais, sejam na identificação de causas e somatório de forças entre as mesmas, ou na solidariedade e pautas específicas de cada um deles. Temos como exemplo, as ações conjuntas com o sindicato dos docentes (Adufal) e funcionários da UFAL (Sintufal), onde os estudantes tem manifestado apoio as suas causas.

Também, há uma diversidade maior dentro do próprio movimento com surgimento de grupos minoritários e suas bandeiras, como os já citados: movimento negro, feminista, LGBT's, movimentos culturais, entre outros. As bandeiras de luta, pela Reforma Universitária e por uma educação de qualidade, foram atualizadas. Vivemos em um período de Reforma e, ainda, a educação pública de qualidade é fortemente aclamada. Em Alagoas, tínhamos o problema dos “excedentes”, a perda do controle sobre as carteiras estudantis que dava direito à meia passagem para os empresários do ramo de transportes, a luta pela ampliação de vagas nos cursos, eram pautas específicas do movimento de outrora. Contudo, a ampliação da própria universidade e anseios por maiores investimentos no ensino público, em detrimento do privado, eram demandas do passado e continuam em discussão. Além disso, prossegue em pautas atuais, problemas estruturais dos campi, como: a ampliação do restaurante universitário, a privatização do HU, a ampliação e reforma da residência universitária, melhoria na estrutura dos prédios, ampliação da biblioteca central, instauração de bibliotecas no interior, construção do hospital de medicina veterinária, maior segurança nos campus da

capital e interior, principalmente em Arapiraca onde o problema tem se apresentado mais grave. Estas são algumas das principais demandas do movimento estudantil alagoano na capital e interior na atualidade.

Mais uma vez, chamamos a atenção para a importância do movimento estudantil para a história de nosso país e estado, suas contribuições, participação nas mais variadas lutas, sendo um instrumento de exercício da democracia. Ressaltamos, contudo, a importância destes jovens/estudantes que fazem o movimento, como protagonistas dessas lutas e manifestações. Sendo estes, agentes de transformação e que dão, ainda que sutilmente, sua contribuição para mudanças, seja em seu espaço de formação, seja para com sua sociedade. Deixando, assim, esse legado às futuras gerações de militantes.

Apesar dos preconceitos sobre o movimento e seus agentes e dos problemas enfrentados, esta pesquisa serviu-nos de entendimento do que significa movimento estudantil e de como é fazê-lo. Principalmente, deu-nos a oportunidade de compreendê-lo a partir da visão dos próprios membros. O que, para nós, foi enriquecedor, sobretudo, porque em nossa época de graduando não se entendia *o que era*, nem *por que* ou *para que* aquilo. Apenas se enxergava campanhas e mais campanhas para CA's, DCE e se recebia panfletos e informes, os quais não tinham sentido para nós.

Contudo, as dúvidas e os questionamentos surgidos naquele período, de certa forma, foram respondidos e compreendidos agora. Claro que, ainda há um longo caminho a ser continuado e muitas aberturas ficaram neste trabalho, no entanto, esperamos que este contribua para que demais leitores possam conhecer e entender melhor o movimento estudantil e suas contribuições para nossa universidade e estado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria de Fátima M. de. Os docentes organizados foram a luta. **Postais do Conhecimento** – Caminhos da comunicação e da mobilização políticap.8, n.5,Maceió: Edufal, set. 2011.

ARAUJO, Glauco ; MACEDO, Letícia. Estudantes ocupam prédio da Reitoria da USP durante a madrugada. São Paulo, 01 de Nov. 2011. Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/11/estudantes-ocupam-predio-da-reitoria-da-usp-durantemadrugada.html>> Acesso em: 02 de dezembro de 2011

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra, In: BOURDIEU, Pierre. **Questões fundamentais de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983.

BARBOSA, Andreza. O movimento estudantil brasileiro: do início da década de 1990 a 2001, In: GROppo, Luís Antônio; ZAIDAN FILHO, Michel ; MACHADO, Otávio Luís (Orgs.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade**, Recife: Editora Universitária, 2008.

BRANDÃO, Carla de Sant´Ana. Movimento estudantil contemporâneo, In: GROppo, Luís Antônio; ZAIDAN FILHO, Michel ; MACHADO, Otávio Luís (Orgs.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade**, Recife: Editora Universitária, 2008.

BRINGEL, Breno. O futuro anterior: continuidades e rupturas nos movimentos estudantis no Brasil. **ECCOS – Rev. Cient.**, São Paulo, v.11, n.1, pp.97-121, jan./jun 2009.

CASTRO, Lúcia Rabelo. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v.16, n.30, pp.253-268, jan.2008.

CASTRO, Mary Garcia. Juventude e participação no Brasil: re-acessando debates. **Cadernos Adenauer**, v. 8, n.2, Rio de Janeiro pp.85-107, ago. 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 3ª Ed.. São Paulo: Cortez, 2005.

DOCENTES em greve participam de marcha unificada em Brasília nesta terça (5). **Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - ANDES-SN**. Cidade(?), de 04 de jun. de 2012. Disponível em: <http://www.andes.org.br:8080/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=5404>. Acesso em: 06 de junho de 2012.

ESTANQUE, Elísio. Juventude, boemia, movimentos sociais: Culturas e lutas estudantis na Universidade de Coimbra. **Política & Sociedade**, Cidade (?), v.9, n.16, pp.257-290, abr. 2010.

ESTUDANTES da Ufal E Uneal protestam em solenidade do governo do estado. Arapiraca, 01 de jun. de 2012. Disponível em:<<http://minutoarapiraca.com.br/noticia/2012/06/01/estudantes-da-ufal-e-uneal-protestam-em-solenidade-do-governo-do-estado>> Acesso em: 22 de junho de 2012.

- ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, vol. 1, 1993-1994.
- _____. **O Processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, vol. 2. 1994a.
- _____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1994b.
- FORACCHI, Marialice M. **A Juventude na sociedade moderna**, São Paulo: Pioneira, 1972.
- GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais: A construção da Cidadania dos Brasileiros**. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- GROPPO, Luís Antônio. **Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas**, Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.
- HOBBSBAWM, Eric. **Pessoas Extraordinárias: Resistência, Rebelião e Jazz**. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- JUNIOR, Rivaldo. Estudantes lutam contra repressão na USP. **A verdade**– Um jornal dos trabalhadores a serviço da luta pelo socialismo. Brasil, p.7, dez. 2011.
- LIBERATO, Leo Vinicius. Movimento *Passé Livre*, revoltas e simulações, In: GROPPPO, Luís Antônio; ZAIDAN FILHO, Michel ; MACHADO, Otávio Luís (ORGs.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade**, Recife: Editora Universitária, 2008.
- MANNHEIM, K. El problema de las generaciones [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera]. **REIS! Revista española de investigaciones sociológicas**. n. 62, 1952, pp. 123-132, abr/jun, 1993.
- MACHADO, Otávio Luís. Movimentos juvenis e a diversidade das pautas e lutas: por uma nova reconstituição histórica para a cidadania e com a participação dos jovens, In: GROPPPO, Luís Antônio; ZAIDAN FILHO, Michel ; MACHADO, Otávio Luís (ORGs.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade**, Recife: Editora Universitária, 2008.
- MARTTA, Margareth Kuhn. **Violência e angústia**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2004.
- MEIO –PASSE é ampliado, mas ainda falta. **A verdade** – Um jornal dos trabalhadores a serviço da luta pelo socialismo. Brasil, p.7, mar. 2012.
- MORTADA, Samir Pérez. **De jovem a estudante: apontamentos críticos**. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, pp.373-382, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso jul. 2012.
- NOTA do Movimento R.U para todos Ufalsobre a ocupação do r.uUfal. Maceió, 29 de out. 2010. Disponível em: <<http://cadeservicosocialufal.blogspot.com.br/2010/10/nota-do-movimento-ru-paratodosufal.html>> Acesso: 06 de outubro de 2011.
- NUNES, Jailson Davi. PM de Pernambuco ressuscita a Ditadura. **A verdade**– Um jornal dos trabalhadores a serviço da luta pelo socialismo. Brasil, p.7, fev. 2012.
- O MOVIMENTO estudantil nos primórdios da Ufal. **Postais do Conhecimento** – Caminhos da comunicação e da mobilização política. 3, n.5, Maceió: Edufal, set. 2011.

PROFESSORES da Ufal realizam ato público no centro de Maceió. Maceió, 05 de jun. de 2012. Disponível em <<http://cadaminuto.com.br/noticia/2012/06/05/professores-da-ufal-realizam-ato-publico-no-centro-de-maceio>> Acesso em : 06 de junho de 2012.

RAMOS, Pablo. Estudantes realizam protesto e tomam conta da Câmara de Vereadores. Maceió, 02 de abr. 2011. Disponível em:<<http://www.alagoasnet.com.br/portal/noticias.php?pg=noticia&id=255>> Acesso em: 10 de maio de 2012.

REIS FILHO, Daniel Aarão. 1968: o curto ano de todos os desejos. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 10, n. 2, pp. 25-35 out. 1998. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>. Acesso: 09 d jul. 2012.

SALDANHA, Alberto. **A mitologia estudantil** – Uma abordagem sobre o movimento estudantil Alagoano, Maceió: SERGASA, 1994.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1996.

SCHNEIDER, Leda. **Marginalidade e Delinquência Juvenil**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SOARES, Maria Lucia de Amorim; PETARNELLA, Leandro. 1968, o ano que ainda faz pensar: intelectuais indagam sobre a irrupção dos jovens na sociedade industrial. Avaliação (Campinas), **Sorocaba**, v. 14, n. 2, jul. 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso: 20 de nov. 2011.

SOARES DO BEM, A. A centralidade dos movimentos sociais para a interpretação da sociedade brasileira nos séculos XIX e XX: elementos para a construção de tipologias. In: _____. **Cadernos de direito**. N.01, pp.139-172, jun/dez. 2005.

TORRES, Josenildo. Estudantes da Ufal no Sertão fazem protesto por construção campus. Maceió, 03 de jun. de 2011. Disponível em <<http://m.tudonahora.com.br/mobile.php/noticia/interior/143275/estudantes-da-ufal-no-sertao-fazem-protesto-por-construcao-campus>> Acesso em: 19 de maio de 2011.

THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris – Testemunho de um estudante. **Tempo Social., Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v.10, n.2, pp.63-100, out.1998.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento na ciência social e política, In: WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**, parte 1, São Paulo: Cortez. 1992

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Soc. estado**. [online]. 2010, vol.25, n.2, pp. 205-224. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso: 20 de out. 2010.

VASCONCELOS, Agatângelo. O movimento estudantil nos primórdios da Ufal. **Postais do Conhecimento** – Caminhos da comunicação e da mobilização política. 4, n.5, Maceió: Edufal, set. 2011.

VERÇOSA, Elcio ; CAVALCANTE, Simone. Os três segmentos formadores da Ufal. **Postais do Conhecimento** – Caminhos da comunicação e da mobilização política. 6, n.5, Maceió: Edufal, set. 2011.

ZANETI, Hermes. **Juventude e Revolução**: uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ANEXOS

Anexo A-Notas publicada pelos manifestantes sobre a ocupação da Reitoria UFAL, 2007.

NOTA DA OCUPAÇÃO DA REITORIA DA UFAL

Maceió, 26 de maio de 2007.

A Frente Estadual de Luta Contra a Reforma Universitária - formada por diversas entidades estudantis-, o Movimento Terra, Trabalho e Liberdade (MTL), o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) informam que **A REITORIA DA UFAL CONTINUA OCUPADA.**

Tivemos uma reunião ontem (25 de Maio de 2007) com a reitora Ana Dayse e sua equipe, que também contou com a presença de representantes do INCRA/AL, da Polícia Militar de Alagoas e da OAB/AL. Nessa reunião a reitora apresentou propostas que não contemplam as reivindicações dos estudantes e trabalhadores.

Ao propor a resolução da ampliação da assistência estudantil (que hoje é insuficiente na UFAL) apenas com a construção de Grupos de Trabalho (GTs), como já fez em outros momentos e não cumpriu, a reitoria da UFAL além de não apontar nenhuma solução concreta, também não passa nenhuma credibilidade aos estudantes e trabalhadores devido ao seu histórico de descumprimento de acordos firmados.

Diante disso estamos elaborando uma contra proposta que será apresentada à reitoria da UFAL nesta segunda-feira (28 de Maio de 2007). **O movimento de ocupação ainda convoca todos(as) estudantes da UFAL para analisar e discutir a resposta da reitoria em Assembléia Geral, terça-feira, às 17 horas, no prédio da reitoria.**

Frente Estadual de Luta Contra a Reforma Universitária

Movimento Terra, Trabalho e Liberdade - MTL

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - MST

Comissão Pastoral da Terra - CPT

Postado por Ocupação UFAL as 16:27

Contra-proposta enviada à Reitoria

À administração da UFAL:

Após cerca de 36 horas de ocupação do gabinete da Reitoria, o Movimento de Ocupação e a Administração da UFAL chegaram a um entendimento sobre as condições de uma reunião, sendo o primeiro passo concreto para que os pontos de pauta sejam atendidos. Essa, ocorrida na sexta-feira (25/05) por volta das 22 horas e estendida até o início da madrugada, teve como objetivo uma melhor apresentação e problematização da pauta de reivindicações dos estudantes e trabalhadores, seguida de explanação e propostas da Reitoria.

Como acordado, o Movimento voltou a se reunir e vem, através deste, apresentar uma contra-proposta com o objetivo de buscar um entendimento entre o Movimento e a Reitoria. Reconhecemos que houve avanços em alguns pontos da pauta, no entanto, o Movimento entende que outros pontos importantes devem ser igualmente contemplados e para isso o Movimento apresenta tal documento, contemplando os pontos já sinalizados pela Reitoria e buscando um comum acordo acerca daqueles que ficaram pendentes.

Aguardaremos a resposta escrita por parte da Reitoria hoje, segunda-feira (28/05), para que possamos apresentá-la em Assembléia Geral da Ocupação convocada pelo Movimento para esta terça-feira (29/05).

PROPOSTA DE PAUTA CONSENSUAL

1. Pela formação de uma Escola Agrotécnica voltada para a agricultura familiar e para os Movimentos Sociais do campo:

Que a Reitoria reafirme a construção da Escola Agrotécnica com ênfase na agricultura familiar como deliberado em 8 de novembro de 2006 no Conselho Universitário (CONSUNI): “*criação da Escola Agrotécnica da UFAL, com ênfase na agricultura familiar*”, e convoque a primeira reunião do Grupo de Trabalho (GT) para o dia 19 de junho de 2007, o qual contará com a participação dos movimentos sociais do campo (MST, MTL, CPT e MLST). Ainda em relação à escola, que a reitoria afirme o compromisso de uma cota de 50% das vagas da Escola Agrotécnica para os movimentos sociais do campo.

2. Pela Ampliação da Assistência Estudantil:

-Por um R.U. para todos:

Que a Reitoria se comprometa com a ampliação das vagas no Restaurante Universitário, atingindo a meta de 1000 comensais no horário do almoço até 28 de agosto de 2007 (prazo de três meses a partir do firmamento deste acordo). Quanto ao GT referente ao projeto “RU para todos”, que esse seja convocado até o final de junho de 2007, e que apresente o projeto acabado até 28 de novembro de 2007 (prazo de seis meses a partir do firmamento desse acordo), possuindo o GT caráter autônomo para elaboração e decisões pertinentes à execução do Projeto “RU para Todos”, projeto esse que a reitoria se comprometeu com sua efetivação, em acordo judicial firmado no dia 14 de novembro de 2005 resultante do processo nº 2005.80.00.0008385-1 conforme se segue:

“A Administração da UFAL se comprometeu a elaborar projeto de ampliação do Restaurante Universitário que tem como finalidade promover o acesso a todos os estudantes a preço de custo, garantida a manutenção do subsídio fornecido aos comensais carentes e residentes.”

-Pela ampliação da Residência Universitária:

Que a Reitoria garanta a convocação de um GT até o dia 15 de junho de 2007 para discutir e elaborar projetos com objetivo de ampliar o número de vagas para residentes e suprir outras demandas estruturais da Residência Universitária Alagoana (RUA), sendo a representação estudantil nesse GT escolhida pelos próprios residentes.

-Por uma creche gratuita e de qualidade para estudantes e funcionários terceirizados:

Que a Reitoria interceda com o Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) para garantir, de acordo com a demanda dos estudantes, a creche gratuita para os filhos desses estudantes. Garanta também que os funcionários terceirizados tenham acesso à creche pagando pelo serviço o valor equivalente ao auxílio-creche de acordo com sua respectiva remuneração.

3. Que a Reitoria se coloque publicamente contra qualquer restrição ao uso do direito de meia-passagem estudantil:

Que a Reitoria se comprometa a garantir a autonomia da universidade, não permitindo que a UFAL forneça qualquer tipo de informação restritiva de direitos conforme as apresentadas pelo decreto nº 6.736 da Prefeitura de Maceió, tais como as informações solicitadas no artigo 14º e quaisquer outras constantes no mesmo decreto ou outro que venham restringir o direito de meia-passagem. E ainda, que a reitora Ana Dayse Resende Dórea manifeste publicamente via imprensa sua contrariedade ao decreto citado acima.

4. Pelo fim da cobrança de mensalidades nos cursos de pós-graduação *latu sensu*:

Que a Reitoria envie antecipadamente ao Movimento Estudantil uma prestação de contas detalhada referente às cobranças de mensalidades dos cursos de pós-graduação *latu sensu* pagos. Nesse detalhamento, que sejam esmiuçados em que são empregados os recursos provenientes dessas cobranças, bem como todas as informações referentes à arrecadação das mensalidades. Além disso, que a Reitoria convoque, para o mês de julho de 2007,

uma reunião do CONSUNI para que esses dados sejam apresentados, garantindo a transparência administrativa na universidade.

5. Pelo fim de todas as taxas cobradas na UFAL:

Em virtude de denúncias e informações desconstruídas, que a Reitoria se comprometa a fiscalizar e apurar irregularidades que venham descumprir a resolução nº 32/2005 do CONSUNI de cinco de dezembro de 2005, acerca da cobrança de taxas, abrindo sindicância se necessário.

Por fim, o Movimento reivindica que a Reitoria ratifique sua posição com relação aos ocupantes no sentido em que não haverá qualquer tipo de punição e/ou perseguição por parte da administração da UFAL, e ainda que este acordo firmado entre as partes seja veiculado, em seu inteiro teor, pelos meios de comunicação da universidade e pela Universidade na imprensa local.

Maceió, 28 de maio de 2007

Postado por Ocupação UFAL as 11:35

Nota da Reitoria em resposta à contra-proposta do movimento de ocupação

Maceió, 28 de maio de 2007.

Prezados(as) Senhores(as).

Acuso o recebimento do documento datado de hoje, 28 de maio de 2007, contendo pauta consensual proposta por esse movimento.

Não me oponho a que se dê continuidade à negociação visando à desocupação imediata do Gabinete da Reitoria. Entretanto, em vista da existência de acordo judicial consubstanciado nos autos do processo nº 2005.80.00.0008355-1, entendo que o prosseguimento da negociação deverá ser procedido perante a Justiça Federal.

ANA DAYSE REZENDE DOREA

Reitora

Ao Movimento de Ocupação da Reitoria

Recebido em 29/05/2007 às 08:15h

Postado por Ocupação UFAL às 11:38.

Centro Acadêmico de Ciências Sociais da Unesp - Marília

Nós do Centro Acadêmico de Ciências Sociais da Unesp - Marília nos solidarizamos integralmente com a ocupação da Reitoria da UFAL. As reivindicações do movimento são não apenas completamente legítimas, como muitas são as mesmas dos estudantes em greve e ocupados em São Paulo como a derrota da Reforma Universitária de Lula e a revogação das medidas já aprovadas como o PRÓ-UNI, SINAES/ENADE e a Lei de Inovação Tecnológica. Por este motivo somos inteiramente solidários à ocupação da Reitoria da UFAL que já começa a se expandir a outras Universidades como a UFSM.

Achamos que a ocupação da reitoria da UFAL ajuda não só a impulsionar um novo movimento estudantil, mas que trás uma discussão fundamental a todos os estudantes do país: a necessidade de se aliar aos trabalhadores! Nós do CACS acreditamos que somente seguindo este exemplo, unindo estudantes e trabalhadores de todo país poderemos derrotar os ataques de nossos governantes.

- Abaixo a Reforma Universitaria de LULA (PT);

- Abaixo toda e qualquer reforma que vise ampliar os lucros dos grandes capitalistas em detrimento da maioria da população;

- Por uma Universidade Pública, Gratuita e de Qualidade, a serviço dos Trabalhadores e do Povo Pobre !

Saudações de Luta

Centro Acadêmico de Ciências Sociais - UNESP Marília

28 de maio de 2007

Postado por Ocupação UFAL às 16:24.

Nota de Repúdio à Ascom-Ufal

A Frente Estadual de Luta Contra a Reforma Universitária - formada por diversas entidades estudantis -, o Movimento Terra, Trabalho e Liberdade (MTL), o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT), vêm a público manifestar seu repúdio à Assessoria de Comunicação (ASCOM) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A assessoria de comunicação da universidade, que é mero instrumento político da reitora Ana Dayse e não um veículo de informações de interesses da comunidade acadêmica, veiculou uma matéria inverídica e sensacionalista intitulada “Estudantes usam sem teto para ocupar reitoria”.

A referida matéria fazia menção à atos de vandalismo e tentava jogar no descrédito a legitimidade do movimento de ocupação do gabinete reitoral. Frases como “os manifestantes quebraram portas e janelas do gabinete, agrediram o fotógrafo (...) e foram grosseiros com funcionários” não representam a realidade do ato político e denotam a total incapacidade da assessoria de comunicação em descrever notícias de forma fidedigna.

Sabemos que isso não acontece por deficiência técnica ou interpretações subjetivas dos assessores da ASCOM, mas sim como atitude política da reitora Ana Dayse que sempre tentou criminalizar tal movimento. Lamentamos imensamente que profissionais formados tenham tão pouco interesse pela ética jornalística e tanta “paixão” na defesa desmedida dos interesses da sua assessorada.

28 de maio de 2007.

Postado por Ocupação UFAL as 16:31

Anexo B- Fotos das atividades do DCE.

Foto 1- Assembleia que decidiu pela ocupação da Reitoria em setembro de 2011.



Foto2- Solenidade de posse da nova gestão do DCE em dezembro de 2011.



Foto 3- O DCE em apoio a greve dos professores e técnicos da UFAL, em junho de 2012.



Foto 3-Atividade durante a greve: Bar da sexta. Mesa-redonda formada para discutir a greve na UFAL, 2012.



Anexo C- Roteiro de perguntas feitas aos militantes do DCE- UFAL.

- 1- Gostaria que você me falasse sobre você.
- 2- Por que participar do movimento estudantil?
- 3- Como é fazer o movimento?
- 4- Fale-me sobre alguma experiência vivida no movimento que tenha sido importante para você? (Como aconteceu?).
- 5- Quais as principais bandeiras defendidas pelo movimento estudantil em Alagoas?
- 6- Em sua opinião há um baixo índice de mobilização dos demais estudantes? Por que acontece?
- 7- Você acha que as bandeiras do movimento estudantil são as mesmas dos demais estudantes? Em sua percepção há divergências de interesses?
- 8- Quais as principais dificuldades enfrentadas pelo movimento?